ANO 27.º — Número 1409 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 28 de Dezembro de 1958

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

A LIÇÃO DO PRESÉPIO

HUGO DE ALMEIDA.

NENHUM acontecimento da Humanidade se revestiu de mais alto significado e maior influência exerceu no curso da história do que o nascimento do Deus-Menino numa rude gruta de Belém, da Judeia, no tempo do imperador César Augusto.

Esse facto assombroso constituiu marco miliário a separar um mundo de devassidão e de despotismo que se esboroava, de uma nova era de exaltação dos humildes e libertação dos oprimidos que se rasgava para a Humanidade.

Nessa noite fria e gélida de 24 de Dezembro nasceu Aquele que tão longe levou o seu desprezo pela acumulação dos bens de fortuna que chegou a pregar ser mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus.

Nenhuma convulsão política e social, por forte e violenta que fosse, jamais conseguiu diminuir a luz intensa da estrela que nessa noite sagrada pairou sobre a gruta a guiar a Humanidade por novos caminhos, ao fim dos quais estava a salvação eterna.

Eram os caminhos da concórdia, da fraternidade, do amor, da paz, da humildade.

Os homens, por vezes, seduzidos pela volúpia da riqueza, renegaram-nos e afundaram-se no mar do gozo e do egoísmo.

Mas nada empalideceu o fulgor da estrela de Belém.

A mensagem do Presépio supera e domina todos os sistemas políticos e sociais, por mais sedutores que sejam os seus postulados, pois nenhum deles é capaz de sobrelevar a lição de humildade, de renúncia, de pobreza que se desprende daquele estábulo onde nasceu o Redentor.

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa-vontade, foi a proclamação excelsa que aquele Nascimento lançou a todo o mundo e que ainda hoje ecoa de quebrada em quebrada, repercute-se no fundo dos vales e sacode as almas numa onda de emoção e de ternura.

A noite de Natal surge-nos impregnada de profundo espírito cristão, de tocante solidariedade, em que o amor do próximo não é apenas uma imagem literária, mas fecunda concretização dos nossos sentimentos de caridade.

Não há lar, por mais pobre e humilde, que nessa noite sagrada não conheça a graça da fartura.

O halo de poesia que envolve a festa do Nascimento de Jesus, rasga profundas brechas na espessa crosta de egoísmo da sociedade de hoje e os homens desentranham-se à porfia em benesses e dádivas.

Se a lição do Presépio estivesse sempre viva e presente na consciência dos homens e por ela pautassem permanentemente a sua conduta, a miséria imerecida que por aí campeia deixaria de ser mancha negra a ofuscar uma civilização que se apelida de cristã.

Esta situação de angústia resulta do conceito aviltado que se tem da riqueza. Esta não pode nem deve constituir apenas uma fonte de gozo e de prazer para o seu detentor, pois exerce primacialmente uma função social, em benefício da colectividade.

Saibamos nesta quadra natalícia reflectir na lição de renúncia, de despreendimento de bens materiais que nos oferece o nascimento do Redentor e seguir o rumo que Ele nos indica.

Só assim poderemos saciar a sede de justiça que lateja no lar dos humildes e assegurar a paz social.

DIÁLOGO DO NATAL

Noite. Um casebre mais que humilde — miserável! — coberto de colmo. O chão é de terra batida. Uma mulher, nova de idade, mas avelhentada pelas rugas do sofrimento. Num mocho, ao lado, um rapazinho de nove anos, que é seu filho. Em frente do par, a lareira com um púcaro de barro a chiar pela acção do lume. Atrás, um enxergão em cima de quatro paus quadrados de pinho.

— Ó mãe, pouco falta para o Natal!

— Sim, filho, pouco falta. Mas, para nós, o que interessa isso? O Natal é um dia como os outros. Quer dizer: Talvez não! Talvez pior.

— Pior? Ainda pior?!

— Talvez, talvez. Para ti não tanto, porque ainda não

(Continua na 4.ª página)

A todos os seus estimados leitores, colaborados, anunciantes e amigos

«Notícias de Guimarães»

deseja muito BOAS-FESTAS e um NOVO ANO muito próspero.

DIVINA INQUIETAÇÃO

Noite de alerta! Os campos da Judeia
Vestem o manto espesso da nevada.
Belém reflecte o alvor da lua cheia
E o galo solta o canto da Alvorada.

José e a Virgem-Mãe da Galileia
Vão demandar o Egipto e, de longada,
Levam Jesus, temendo na Idumeia,
Do vil Tetrarca a vingadora espada.

Intruso rei que, à força, pretendias
Cevar no sangue inocente as tiranias
Do teu instinto rancoroso e insano...

A Treva deu lugar ao Sol Jucundo
E mandou Deus Natal Perene ao Mundo,
Em redenção do próprio Ser Humano!

Natal de 1958.

MENDES SIMÕES.

NATAL DOS SEM-LAR

Com este tempo cru, impiedoso,
O que será dos pobres sem um lar?!...
(Só Tu, com o Teu Manto, ó Deus Bondoso,
Os podes aquecer, agasalhar).

Na terra o deus-milhão ganancioso
Diz que se encontra pobre para dar...
... Que tem no cofre o oiro precioso
Do seu deslumbramento e bem estar...

Natal de tanta gente desgraçada,
Natal da multidão esfarrapada
Que não tem uma enxerga, uma lareira!

Ó pobres, meus irmãos, a minha casa
É pobre, mas tem dentro acesa a brasa
Que vos aquecerá a noite inteira.

Dezembro de 1958.

DELFIM GUIMARÃES.

NASCIMENTO DE JESUS

EPISTOLÁRIO SENTIMENTAL

TEMPORAL

Minha Amiga:

UM temporal desfeito há dias torna-me mais sombrio. O tempo tem uma grande influência na nossa alma, bem o sabes. Lembro-me bem de te ter encontrado profundamente triste num dia cinzento em que as árvores largavam as suas folhas batidas pelo vento como hoje. Foi há anos, pouco depois de nos termos conhecido, lembras-te? Tu estavas vestida de seda doirada, tinhas a cabeça coberta com um lenço negro e a tua tristeza impressionou-me muito, fiquei preocupado e perguntei-te o que tinhas sem me lembrar que era um dia como o de hoje que enegrecia a tua alma; compreendo-o bem porque estou como tu estavas nessa tarde de inverno. A nossa amizade começou nesse momento porque também eu estava sombrio como estou agora ao escrever-te. Os ciprestes do meu jardim vergaram com a violência do vento, a relva queimada pelo frio deste inverno está ensopada de água e comida de ervas daninhas, abandonado o meu pobre jardim nesse desprezo em que deixamos cair as coisas quando não temos alegria. O meu quintal acompanha-me na minha tristeza, está sempre igual a mim. Abro a porta de casa e tudo está como eu, acendo a luz e o candeeiro ilumina mais brandamente tudo que aqui está e o silêncio é maior nestas tardes e nestas noites de tempestade. Nem uma voz, só o vento e a chuva que não quebram o silêncio destes dias lúgubres. Ando de um lado para o outro, sento-me e levanto-me, encho todos os cinzeiros de cigarros queimados, abro o rádio e fecho-o, falo comigo sem pronunciar uma palavra, leio uma carta guardada; palavras, palavras que não tiveram realidade, mentira em que acreditei e já não acredito. Guardo a carta junto de tantas outras que me disseram o mesmo, subo as escadas que me levam ao meu quarto onde se ouve mais o vento, acendo uma luz amarela e olho um fato que deixei nas costas duma cadeira a secar da chuva que apanhou. Um fato despido tem qualquer coisa de cadavérico e na sombra parece um espectro, o meu quarto parece uma sepultura... Deito-me para parar de pensar, parar de pensar até amanhã porque amanhã, logo que desperte, recomeço a pensar e continuo a pensar até ao fim do dia, a falar comigo sem pronunciar uma palavra, para chegar à noite exausto, como acontece todas as noites, deitar-me outra vez, levantar-me outra vez, pensar outra vez e ficar exausto outra vez. Por que não pára a chuva e o vento? Preciso de sol, de luz, preciso de parar de pensar. Estou farto, farto destes dias de inverno; farto de mim.

Perdoa as trevas desta carta. Está um dia tão triste!

Dezembro — 958.

CARLOS CARNEIRO.

O BALANÇO

Por JOSÉ ANTÓNIO.

Como no fim de 1957, aqui apresento ao leitor o balanço do ano que agora termina. Não me referirei, como em tal ocasião, ùnicamente às actividades pessoais, orientadas no sentido da emancipação social dos cegos, porque elas se me afiguram proporcionalmente muito reduzidas e porque é de interesse e de justiça apontar alguns factos que podem ser de projecção notável no futuro da tiflologia portuguesa.

Pela minha parte, olhando para trás, sinto-me absolutamente satisfeito por ter dado tudo quanto pude a bem dos cegos, empenhando-me numa campanha de esclarecimento junto do público, à qual o *Notícias de Guimarães* continuou prestando o seu apoio valioso, franqueando-me a publicação de todos os escritos. Ao contrário do que sucedeu o ano passado, a minha actividade aqui não foi regular: a doença que durante mais de 4 meses me tirou o contacto com o leitor, marcou o início duma irregularidade que afinal tem vindo a manter-se, muito contra o que desejo, mas absolutamente ditada pelo condicionalismo da minha vida actual.

Mas, nem durante nem depois da minha doença eu fiquei indiferente à vida dos cegos, aos campos de acção que por luta esforçada, tenaz e heròicamente mantida tantas vezes, eles vão conquistando aos poucos.

Nesta luta têm de contar e vão ganhando também aos poucos, com a valiosa colaboração dos videntes, em tudo que seja precisa e não prejudicial. Estou a recordar-me do humilde guarda cívico, que à hora da morte fez um comovente e solene testamento verbal, que possibilitou a feitura de três operações de queratoplastia, praticadas por dois distintos oftalmologistas portuenses. Os resultados destas intervenções, como é do domínio público, foram de molde a proporcionar fundadas esperanças aos outros cegos que no presente ou no futuro possam beneficiar desta espécie cirúrgica. Este facto auspicioso, pela primeira vez dado na cidade do Porto, há-de influir certamente na criação do «Banco de olhos» que em Portugal se impõe. Por isso é que, associando-me ao regozijo dos cegos e dos oftalmologistas, eu me recolho igualmente, com todo o respeito, perante a memória do guarda António da Silva Santos.

Outra prova de compreensão e boa vontade para com os cegos, foi dada pela Garagem da Batalha, possibilitando a colocação no Porto de mais um invidente. Esta empresa, que já anteriormente fora servida por um telefonista cego, tem agora no mesmo posto o invidente Sr. Paulo Brandão. Congratulo-me vivamente com o facto e faço votos porque outras empresas se apresentem com a mesma boa vontade, pois alguns lugares como este (todos os que não dependam necessàriamente da visão) podem confiar-se à competência do cego, convenientemente preparado para desempenhá-los.

Mas, quanto a mim, o acontecimento do ano para os cegos portugueses, aquele que maior significação terá para eles e que mais auspiciosos resultados promete trazer no futuro, foram os exames do 1.º ciclo liceal, feitos no Porto, em Coimbra, em Lisboa e em Oeiras, ao todo por 13 candidatos, que na sua maioria foram dispensados da prova oral, por na escrita alcançarem a necessária classificação. À parte um ou dois casos, que os jornais registaram com ares de sensacionalismo, os exames feitos este ano constituíram realmente o primeiro grande passo para novos cometimentos, quer pela significação intrínseca que os caracteriza, quer pela escala apreciável em que se fizeram e a projecção que sem dúvida virão a ter. Os candidatos examinados, construíram o seu triunfo quase por próprias mãos, vencendo obstáculo sobre obstáculo, desde a confecção de livros que não estão impressos em «braille», até às dificuldades encontradas pela não adaptação da mecânica destes exames.

Também vários cegos realizaram exame de admissão ao mesmo grau de ensino, e assim se deslumbra claramente o caminho para uma vida melhor que eles abriram no presente ano.

A mecânica dos exames para videntes não pôde ser praticada literalmente pelos candidatos cegos, os quais tiveram facilidades especiais, concedidas pelo Sr. Ministro da Educação Nacional. Registamos por outro lado — e isto é mais um motivo de regozijo — o inquérito minucioso que se está levando a cabo, com vista a regulamentar definitivamente as condições em que deve verificar-se o acesso dos invidentes ao ensino secundário, conforme oportunas sugestões submetidas pelo Prof Albuquerque e Castro, sem favor o maior, senão o único tiflólogo competente que trabalha em Portugal.

Aos caminhos que para os cegos portugueses se abrem pelo ensino, poderia juntar outros tantos que se lhes oferecem pelo trabalho, bastando só para isso lembrar o vasto plano de acção que a futura Fundação Sain se propõe realizar entre nós. Mas nada aqui direi sobre esse assunto, não só por a ele me haver referido no meu artigo passado, mas também porque terei o ensejo de voltar a abordá-lo, quando julgar justo e oportuno.

No estrangeiro, como é hábito, muitas foram as conferências, vários os colóquios e alguns congressos por toda a parte realizados, que se ocuparam dos problemas moral, social e cultural dos não videntes, apetecendo-me a mim destacar, pela importância que para nós podem ter, os esforços que se fazem para aumentar a divulgação do *livro falado*, gravando melhor, distribuindo mais, para que todos os cegos beneficiem de tão útil instrumento cultural.

Mas o que é de facto para realçar neste balanço, de tudo que ao estrangeiro diz respeito, é a ordenação sacerdotal do Padre Luciano Brod, acontecimento que abalou o mundo e especialmente o Brasil, onde pela primeira vez um cego alcançou tão alto posto na escala da vida. Os católicos brasileiros sentiram imensa alegria por este feito, os cegos católicos do mundo inteiro foram tomados de imenso júbilo, e mesmo os outros, pràticamente de todas as religiões, não esconderam a sua admiração pela pessoa do Padre Luciano e pela vitória que ele alcançou.

E' de salientar a luta gigantesca do Padre Luciano Brod, apesar de ter perdido o olho direito ainda criança, apesar de ficar totalmente cego quando fazia o 3.º ano da Sagrada Teologia, ele conseguiu, graças à permissão papal, investir-se nas prerrogativas do Ministério de Deus. Haverá naturalmente algumas adaptações, que em nada afectam os deveres do Padre Luciano, e ele poderá celebrar missa, casar, baptizar, conceder, enfim, todos os sacramentos.

Oportunamente escrevi a Sua Rev.ª, pedindo algumas notas biográficas para oferecê-las ao leitor. Como estou certo de que mas facultará, deixo este apontamento em jeito de promessa, para juntar a outras que o leitor atento descobrirá nas entrelinhas deste trabalho.

José António Lage Salgado Baptista.

Cruz e Abraço...

Natal!:
Cantam os sinos,
canta a Natureza,
as almas cantam
louvores, hinos,
salmos de beleza!...

... Vai para dois mil anos,
lá,
na Belém distante,
por divina noite, álgida, nevante,
fanal de luz!,
— uns bracitos tenrinhos,
moreninhos,
distendendo-se formaram uma Cruz;
depois,
em eternal, simbólico Abraço,
cingiram
a Vida, o Tempo, o Espaço...
Em bafejadas palhas deitado,
sorria o nazareno bambino,
Deus-Menino,
— Jesus!...

... Vai para dois mil anos...
Símbolo de Redenção, de Martírio,
— e de nefando delírio, —
cruenta, nua,
a Cruz do Sofrer, ao alto continua...
O Abraço,
— esse fraternal, irmanante Abraço,
da noite branca de Belém, —
o esqueceram os povos, as gentes,
degladiando-se,
fechando-se
em egoísmos cruéis, impenitentes...

Natal-Fraternidade,
Natal-Perenidade...
. . . . . .
Qual plebeia flor que se aspira,
neste festivo ar se respira
— passageiro, cordial fraternismo,
em falazes lampejos de humanismo...

Natal!:
Cantam os sinos,
canta a Natureza,
as almas cantam...
... Vai para dois mil anos,
lá,
mui distante,
na Belém distante,
nascera
o Verbo de Amor,
Mártir da Cruz,
— Jesus!...

24 — Dezembro — 1958.

ALBERTO DE MACEDO.

Bendito Natal

Mais forte do que a morte porque é VIDA.
Mais belo do que o Sol porque é o AMOR...
Apareceu na terra dolorida
Um pequenino e meigo sedutor.

Magias de ternura sem medida
Traz nas mãozinhas de rosada cor;
Guardando em Si, com ânsia mal contida,
Vulcões e sóis do mais intenso ardor.

Sobre o Seu peito em chamas poisa a Mão;
Dizendo ao nosso pobre coração:
Confia em Mim, confia plenamente.

Dulcíssimo Cecém de casta alvura!
Ele O Imenso, Ele O Eterno, a Formosura...
Veio a nós ternamente, humildemente.

LUZIA.

DIÁLOGO DO NATAL

(Continuação da 1.ª página)

sabes o que é a vida. Mas para mim... Oh! é pior, porque, nesse dia, sente-se mais a infelicidade.

— Mas o Natal não quer dizer o nascimento de Jesus?

— Quer...

— Então não percebo. Ainda no domingo passado o Sr. Abade explicou, na igreja, que o dia de Natal é um dia muito feliz, porque lembra o nascimento do Menino, que todos nós somos filhos de Deus, que todos temos os mesmos deveres e também os mesmos direitos...

— Creio que sim. Apesar de tudo, apesar do que tenho sofrido, acredito que assim é. Jesus nasceu pobre, elogiou a pobreza, ensinou a bondade, pregou o amor. Deu o exemplo, lá isso deu! Quando precisou de discípulos, escolheu-os pobres. Hoje ainda, a grande maioria dos seus discípulos vem da pobreza, mas... são passados tantos anos, tantos... Muitos, esquecidos ou envergonhados do que foram, admiram as honras e as riquezas e, porque temem ou precisam dos poderosos, não têm coragem de dizer tintim-por-tintim as verdades do Mestre.

— Disso não percebo. O que queria saber era se, este ano, fará ao menos um pratinho de formigos para a noite de consoada.

— Não sei. Prometer e faltar — isso não!

— Não sabe e já falta tão pouco!

— Olha, filho, mal sabes os sacrifícios que faço para não te faltar com o naco de boroa e o caldinho de couves; mas é tempo de ires apreciando. Já estás na idade de perceber estas coisas. Feitio para pedir não tenho. Trabalho quanto posso. Ninguém pode dizer que quero levar boa vida. Mas não ganho para uma extravagância... nem para mascarar de alegria uma noite de consoada.

— Então nem um bocadinho de aletria?

— Que não nos faltem, por Deus!, as batatinhas e uma tira de bacalhau. Aletria... formigos... são coisas doces para quem leva uma vida azeda como nós.

— Oh! mãe, por que é que uns têm tudo e outros não têm nada? E por que é que os que têm muito até fazem às vezes pouco dos que nada têm? Na escola, sou caçoado por ter as calças rotas e não possuir um casaco ou uma samarra para me agasalhar! Alguns até se riem quando tremo de frio. Chamam-me o pobretana. E que chacota farão, quando souberem que nem ao menos provei formigos!

— Mas eles não sabem. Dizes que comeste tantos que até te deram volta à barriga. Não tenhas vergonha de ser pobre. O estômago não fala... e a boca diz aquilo que quisermos. Contudo, fica com a certeza de uma coisa: Muitos dos tais têm tudo, sobram-lhe os agasalhos, estragam comida, mas não sentem o calor de um amor de mãe como tu. As mães não fazem por eles nada que se pareça do que eu faço por ti. Apesar de tudo, tem confiança, filho. Não desanimes. O Albertinho disse-me que lá no jornal onde é tipógrafo foi feita uma subscrição e há-de ver se o Director me dá alguma coisa.

— E quem é que vai dar dinheiro ao jornal que não precisa?

— Muita gente, graças a Deus. O jornal não pede para si. Pede para os pobres.

— E por que é que dão ao jornal para o jornal dar aos pobres e não dão logo aos pobres?

— Há quem dê. Não ouviste também o Sr. Abade dizer que as dádivas deviam ser feitas de tal maneira que a mão esquerda não saiba o que faz a direita?

— Ouvi. E isso que tem?

— Tem muito. Isso é a virtude dos que dão por bondade, porque lhes manda o coração. Mas, às vezes, sucede precisamente o contrário. Têm vaidade em dar. A voz dos pobres é fraca, tão falhos andam, tanta privança lhes tolhe o som. Ora, há quem dê sob a condição de se saber que dá.

— E a nós o que nos interessa? O que eu quero é uma noite de consoada como os outros têm.

— Pois é, filho. Os pobres não têm o direito de fazer observações sobre o que recebem. Abençoados os que nos auxiliam, seja por este ou por aquile motivo. Inchem os dadivosos com as suas ofertas ou façam-no sem alardes, segundo o preceito de Deus, o que interessa é receber, é matar a fome, é uma ajuda para levar a vida.

— E o Albertinho não se esquecerá de nós?

— Pois se foi ele que se lembrou...

— E o Director dará alguma coisa?

— Talvez.

— Sempre teremos formigos e aletria?

— Talvez.

— Não duvides, mãe. Teremos.

— Deus te oiça.

— Não chores. Verás como vai ser uma noite alegre.

F. T.

NATAL

A FRASE DE DEUS

POR AURORA JARDIM.

Fugindo a Herodes,
pela estrada fora,
vêm S. José,
Nossa Senhora
e o Menino divino.

Sobre o burrinho,
esperto,
toc, tac, toc,
pela estrada fora,
a Trindade
avança.

Desce a noite lenta.
Em halo de luz
eis que surge o Egipto.
A paragem brusca
acorda Jesus.

Suspira a Senhora,
sorri S. José.
E o Menino divino
volta a dormitar.

Longos dias
ali ficaram,
ao abrigo
do rei maldito,
sedento de sangue,
que mandou matar,
em gesto inaudito,
todos os meninos
pequeninos
que havia em Belém.

Até à hora,
de sol e de rosa,
em que S. José,
a Virgem
e o Menino divino,
foram pra Nazaré
por diverso trilho,

quando Deus pronunciou
a sagrada frase:
«Do Egipto, chamei o meu
[filho».

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

Perfumes, essências e óleos aromáticos

É ainda hoje motivo de controvérsia se os perfumes foram primeiramente utilizados como meio de eliminar outros cheiros menos agradáveis ou se foram empregados, pelas mulheres, já a caminho da velhice, como meio de tentar os homens. Na última hipótese, dir-se-ia que o rei das espécies dava o exemplo fantástico de preparar a varinha com que seria fustigado. Poderemos não saber nunca responder a tal pergunta, pois apesar de intensa pesquisa nada foi descoberto, até agora, de definitivo, que dê clara indicação de quando, onde o por quem os perfumes foram primeiramente utilizados.

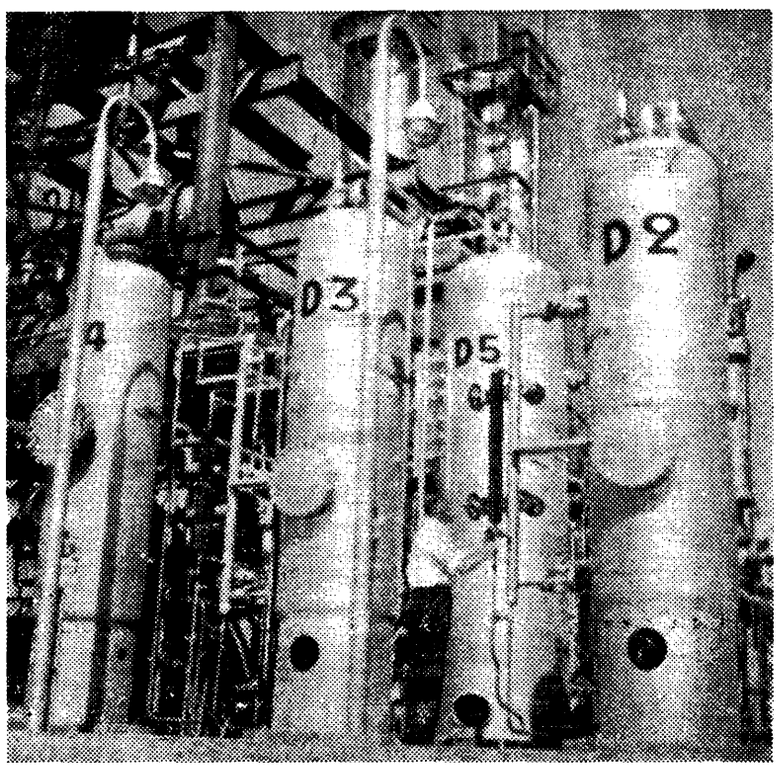
Duas parisienses experimentam perfumes criados com essências preparadas em Grasse

Há razões para acreditar que um certo povo, que viveu 23.000 anos antes de Cristo, utilizava o petróleo como um dos principais acessórios de *toilette*. É porém no Egipto, num período que se situa entre 5.000 e 3.500 A. C., que surge a prática de oferecer cosméticos de diversas espécies aos deuses, e utilizá-los ainda para embalsamar os mortos e para fins puramente estéticos.

Em Heliopolis — onde os adoradores do Astro Rei se reuniam, os sacerdotes ofereciam três vezes por dia nos templos perfumes ao Rei Sol: queimava-se resina ao amanhecer, mirra ao meio-dia e «kachi», uma mistura de vários ingredientes aromáticos, dos quais a verdadeira natureza é desconhecida, ao fim da tarde. Aos pés da estátua da deusa Isis sacrificava-se um boi em ocasiões de grande cerimonial mas o cheiro da carne queimada era de tal maneira insuportável, tanto aos sacerdotes como aos fiéis, que se tornou necessário embeber o animal em colas e óleos aromáticos, fabricados pelos próprios sacerdotes, que rodeavam a preparação desses perfumes de uma aura de mistério, propícia a reforçar o seu poderio sobre a população crédula.

Os egípcios do tempo dos Faraós foram os iniciadores do banho perfumado, mais tarde adoptado também por gregos e romanos. Nero gostava muito de perfumes. Essências fortes e voluptuosas desempenhavam importante papel na vida da corte imperial. Nos dias de Luculus e de Cícero, os homens usavam perfumes em grande quantidade, mas Júlio Cesar detestava aqueles que se apresentavam perante ele perfumados. Certa vez, gritou até para um cortesão: «Preferia que cheirasses a alho!».

Os persas apreciavam muito os perfumes fortes e acrescentaram novos tipos aos já em uso naquele tempo — sobretudo a essência de rosas.



Um aspecto da fábrica de produtos químicos da Shell em Berre l'Etang

A introdução dos perfumes, na Grã-Bretanha, deve-se aos romanos, embora haja provas de que os britânicos de outrora utilizavam um tipo primitivo de unguento aromático. Foi porém no tempo das Cruzadas que os perfumes começaram realmente a desempenhar um papel na consciência social do país, quando os cavaleiros, de regresso da Terra Santa, trouxeram para suas mulheres amostras de essências do Médio Oriente.

Na época em que a Rainha Isabel I subiu ao trono era já corrente o uso de grande variedade de perfumes e a moda foi ganhando terreno até que Cromwell, ao assumir o poder, os baniu.

Com a Restauração e o reinado de Carlos II, surgiram novamente os cosméticos e perfumes e, no século XVIII, adquiriram um carácter aparentemente ameaçador. De facto, foi votada no Parlamento uma lei, da qual um dos parágrafos dizia: «Que todas as mulheres, seja qual for a sua idade, posição, profissão ou grau, virgens ou não, que iludam, seduzam, ou levem ao matrimónio qualquer súbdito de Sua Majestade pela utilização de perfumes, pintura, cosméticos, ceras, dentes artificiais, cabeleiras postiças, ganchos, armações de arame nas saias, sapatos de salto alto ou cinturas artificiais, incorram nas penas da lei em vigor contra as práticas de feitiçaria e actividades semelhantes e que tal casamento, após a condenação da cônjuge, seja anulado». Não admira, portanto, que os homens de hoje se refiram ainda aos bons tempos de outrora!

Actualmente, o centro mais importante de fabrico de perfumes na Europa é Grasse. Nos primeiros anos deste século, um dos principais perfumistas daquela cidadezinha, que fica perto de Cannes, lembrou-se de utilizar um dissolvente volátil para a extracção contínua de perfumes das flores, e empregou para isso o éter. Foi um grande melhoramento mas não constituiu a solução total do problema, e não tardou muito que o éter fosse substituído por um «éter do petróleo», designado por «Essence B» e fornecido pela Refinaria da Shell Berre, em Petit Couronne.

Este dissolvente usa-se da seguinte maneira: grandes quantidades de flores são colocadas num sistema de pratos perfurados, dentro de extractores e portanto sem contacto com o ar. A «Essence B» circula então através das aberturas dos pratos, dissolve o perfume natural, e sai pelo fundo dos extractores. Daqui, passa a um destilador onde a benzina é destilada, a pressão reduzida, ficando o perfume no fundo do destilador, como um líquido de consistência xaroposa. Tratado depois com álcool, para remover certas impurezas, dá depois de redestilado o perfume «absoluto». É necessário o maior cuidado na refinação da «Essence B» pois o mais leve odor pode torná-la imprópria para o tratamento extractivo das flores.

Além de concentrados e óleos naturais, várias fábricas de Grasse produzem perfumes sintéticos, pois o fabrico de óleos naturais é insuficiente perante as necessidades da indústria de perfumes.

Entre os óleos sintéticos fabricados em Grasse, há os conhecidos por iononas, que são a base do óleo essencial de violetas. A acetona de extrema pureza, produzida na fábrica de produtos químicos da Shell em Berre l'Etang, perto de Marselha, desempenha papel importante na produção, em larga escala, da síntese das iononas. O álcool butílico terciário é utilizado no fabrico de «musk» sintético e tanto o sector natural da indústria como o sintético estão a empregar, agora, éter isopropílico e álcool isopropílico (ambos fornecidos pela Refinaria da Shell Berre) como dissolventes para extracção.

Como trinchar a preceito

O PERU DO NATAL

Trinchar o peru de Natal é quase um acto solene, que resulta de uma tradição. Por isso, a faca deverá estar muito bem afiada. De modo algum deve ser usada para desmembrar a ave; para esse efeito utilizar-se-á uma faca para queijo, igualmente bem afiada, que permita exercer a pressão necessária sobre as articulações. O melhor tipo de trinchante ainda é a faca de presunto vulgar.

Retirado o peru do tabuleiro de ir ao forno, deverá ser colocado sobre uma tábua de trinchar ou numa travessa, bem assente sobre a mesa. É da maior utilidade colocar uma pequena tábua dentro da travessa, talhada ao feitio do interior desta, para evitar que o peru escorregue enquanto se trincha.

Corta-se primeiro a pele do peito à volta da perna e da região da coxa dum dos lados e, ao mesmo tempo, puxam-se estas partes do peru, sem contudo as separar completamente. A coxa deverá estar em ângulo recto com a carcaça, o que assegura estabilidade. O peito fica deste modo livre para ser fàcilmente trinchado. Começa-se então a trinchar a partir da região da asa, cortando para baixo e prosseguindo gradualmente até chegar à parte de cima do esterno. As fatias deverão ter a espessura aproximada de três milímetros. Procede-se de maneira idêntica no lado contrário do peru.

Na maioria das casas particulares entende-se que apenas o peito é servido quente. Todavia se alguém desejar um bocado da coxa pode-se fàcilmente cortá-lo com a faca de queijo afiada, empregada antes para para desmembrar o peru.

SERVINDO A LAVOURA

OS INSECTOS DO SOLO E OS ADUBOS ALDRINIZADOS

Pelo Eng. Agrónomo Eduardo Caupers

(Do *Boletim Agrícola*, publicação mensal da Shell Portuguesa).

Começa agora, em Portugal, a tomar-se consciência do verdadeiro perigo que constituem as pragas do solo. Se determinados insectos, dos que vivem no solo, são já conhecidos e temidos de um número razoável de lavradores (referimo-nos especialmente ao «alfinete» e ao «ralo») o mesmo não sucede, pelo menos generalizadamente, com os nemátodos. Mas deixemos os nemátodos para mais tarde, até porque esse problema já foi debatido nas colunas deste Boletim (Números 38 e 39).

O facto de os insectos do solo actuarem fora das vistas do lavrador tem contribuído muito para que não nos apercebamos da sua verdadeira importância. Quantas vezes se tem imputado às adversas condições climáticas fracassos de que só os insectos do solo são responsáveis?

O caso do «alfinete» do milho é talvez o mais importante e sem dúvida o mais generalizado; para o confirmar basta recordar os numerosíssimos nomes por que é conhecida esta praga: alfinete, bicha amarela, agulha, azouguia, bicha do milho, carapau do milho, sainha, travela, vermiela, bermilha, etc., etc. Nos terrenos mais húmidos, nomeadamente nas férteis margens dos rios Minho, Lima, Cávado, Ave, Vouga e Mondego; o ataque do «alfinete» toma por vezes proporções alarmantes.

Se, por um lado, a chamada «desinfecção de sementes» pode limitar os estragos causados pelo «alfinete» do milho, o que é certo é que, nos casos em que o ataque é de grande intensidade, o tratamento da semente não pode resolver o problema. A solução para estes casos tem que ser outra se se quiser obter bons níveis de produção: impõe-se o tratamento generalizado do solo.

Existem no mercado português alguns produtos destinados ao tratamento generalizado do solo; são geralmente pós contendo uma baixa percentagem de um insecticida (aldrin) capaz de manter a sua eficácia quando incorporado no solo. Tais tratamentos efectuam-se espalhando o pó insecticida no terreno, e enterrando-o com uma gradagem. Nem sempre, porém, estes tratamentos se revelam económicos, se tomarmos em linha de conta que o milho é considerado, em quase todos os países uma cultura pobre.

Lá fora, nomeadamente em Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Estados Unidos tem-se torneado esta dificuldade incorporando a determinados adubos um insecticida do sólo: o aldrin. Consegue-se assim reduzir grandemente o custo do tratamento do solo.

A economia assim obtida é realmente importante: um tratamento generalizado do solo com um pó insecticida poderá custar ao lavrador português entre Esc. 1.000$00 e Esc. 1.500$00 por hectare, ao passo que a adubação e tratamento feito com um adubo aldrinizado (se acaso eles existissem à venda entre nós) poderia vir a custar entre Escudos 700$00 e Esc. 800$00 por hectare. Por outras palavras: o tratamento feito por meio de um adubo-aldrinizado poderia custar ao lavrador cerca de Esc. 500$00 por hectare, cabendo os Esc. 200$00 ou Esc. 300$00 restantes à adubação pròpriamente dita. Há ainda a contar com a economia obtida na mão de obra, ao realizar a adubação e tratamento em uma única operação.

É devido à considerável redução de preço do tratamento feito com adubos-aldrinizados que este tipo de produto está conhecendo, lá fora, grande voga. Em Inglaterra, por exemplo, a primeira firma a lançar um adubo-aldrinizado no mercado, fê-lo em 1954: pois no ano seguinte, havia já nesse país, 53 firmas a misturar aldrin com os seus adubos, tal a popularidade que estes produtos ràpidamente atingiram.

Uma das principais firmas produtoras de adubos em Portugal está actualmente estudando a possibilidade de lançar no nosso mercado um adubo-insecticida destinado a combater as pragas do solo, nomeadamente o «alfinete» do milho. Estamos certos de que tal facto, a realizar-se, encherá de regozijo aqueles lavradores que vêem anualmente as suas culturas devastadas pelos insectos do solo, sem poderem intervir por falta de um método de tratamento económico.

Acredite se quiser...

Em Santo António, Texas, quando um bandido lhe mostrou — ao «guichet» — um cartão no qual se lia: «Entregue o dinheiro todo ou mato-o», Adolfo de la Peña, caixa de um banco daquela cidade e autor de um livro intitulado *O que fazer quando nos queiram roubar*, passou para as mãos do assaltante 1.200 dólares, o qual saiu depois calmamente.

— Durante a exibição, em Tóquio de «Nichiren e a Grande Invasão Mongólica», a direcção do cinema teve de pedir aos budistas «Nichiren» que se encontravam entre os espectadores, que não atirassem moedas contra a frágil tela pois, para eles, esse gesto representa uma solicitação aos deuses.

— Em Milão, Ana Sardi disse que matara o marido quando, sob a influência da bebida, decidiram ir para o pátio da casa jogar um jogo que consistia em a vítima correr à volta, enquanto ela procurava atingi-lo com tiros de carabina.

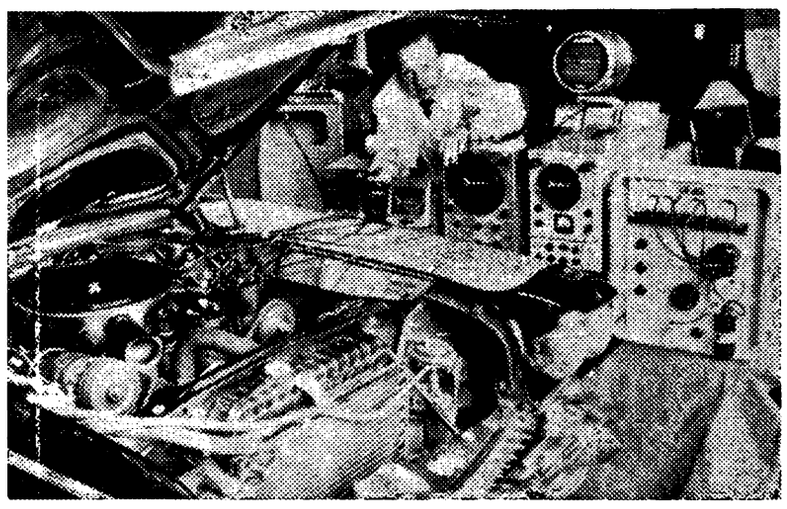
— Dois gatunos armados entraram numa mercearia de Montreal, fecharam o proprietário numa dependência dos fundos e depois fugiram com uma máquina de somar julgando que era a caixa registadora.

UM OSCILOSCÓPIO

QUE VEM EM AUXÍLIO DOS AUTOMOBILISTAS

Um osciloscópio recentemente inventado nos laboratórios da Shell Oil Company, de Nova Iorque, proporciona um meio rápido e seguro de localizar as avarias nos sistemas de ignição dos automóveis.

O verificador osciloscópio de motores consiste, bàsicamente, num aparelho de televisão transformado de maneira a reproduzir o funcionamento da ignição em forma de curvas sinuosoidais ou traços. O empregado da Estação de Serviço poderá verificar todo o sistema eléctrico de ignição dum automóvel em menos de cinco minutos, bastando para tal fazer algumas ligações muito simples.



O osciloscópio, inventado pela Shell, em funcionamento

As deficiências reveladas pelo osciloscópio compreendem velas em curto circuito, platinados do distribuidor defeituosos, fios mal isolados, avarias na bobine e no condensador, regulação incorrecta dos platinados, tampa do distribuidor fendida ou rotor queimado.

O analisador indica os problemas eléctricos da ignição com um rigor excepcional enquanto o motor está a funcionar — isto é, enquanto a avaria se está a produzir.

O Departamento de Vendas da Shell, em Nova Iorque, fez demonstrações com cinco tipos de osciloscópios para automóveis. Ligaram-se todos estes aparelhos a um motor experimental e os problemas de ignição, criados artificialmente no mesmo foram ràpidamente localizados pelos osciloscópios.

Também se realizou uma demonstração ligando os cinco osciloscópios a um motor de automóvel em funcionamento.

Ainda não há muitos anos, as peças a verificar no motor, para efeitos de afinação, eram muito acessíveis. A maioria dessas peças podiam ser fàcilmente retiradas do motor e ensaiadas individualmente. Ora isso não acontece agora, pois os motores modernos estão cheios de aparelhagem destinada a accionar as comodidades extras com que os automóveis se encontram equipados.

O problema de procurar avarias na ignição, sem retirar peças do motor, fica pois solucionado com o emprego do osciloscópio, inventado pela Shell.

Anedotas

— Que horas são? — pergunta um louco a outro louco.

Este tira o relógio, examina-o cuidadosamente, torna a colocá-lo no bolso e responde:

— Menos vinte!

— Obrigado. Mas que horas?

— Ah, isso não lhe posso dizer. Perdi o ponteiro pequeno!

* * *

Num bar, três cavalheiros jogam o *poker* com um cão.

Um cliente, maravilhado, comenta:

— É formidável! Um cão, que joga assim o *poker* com os senhores deve ser muito inteligente!

— Inteligente? Ele? — respondeu irónico, um dos cavalheiros. — Deixe-me rir... Cada vez que tem jogo põe-se logo a abanar a cauda!...

* * *

O marquês, um pouco míope, vai à caça. Duas horas depois regressa e a marquesa pergunta-lhe:

— Vens buscar mais cartuchos, Ademar?

— Não — resmunga o aristicrata. — Venho buscar outros cães!

O CHAMPANHE NO MUNDO

O Mundo consumiu em 1957 suficiente champanhe para que as bolhas por ele produzido iniciassem uma reacção em cadeia ou enviassem uma rolha até à Lua.

Venderam-se 48.500.000 garrafas, bastante champanhe para que, em média, todos os franceses (homens, mulheres e crianças) bebessem pouco mais de uma garrafa. Mas os franceses só beberam na realidade, 35.705.008 garrafas, ou seja 14 por cento mais do que em 1956.

O que sobrou, ou seja 12.814.992 garrafas, foram bebidas, ou guardadas em adegas, principalmente por ingleses, americanos e belgas.

Entre os 150 países ou territórios que importaram champanhe em 1957 figuram a Roménia e a Hungria. E Andorra aparece com 4.663 garrafas. Finalmente, a Rússia adquiriu 2.892 garrafas, que decerto serviram para deliciar as goelas de Kruschef e apaniguados.

A "PANORÂMICA"

Deseja Boas Festas aos seus prezados leitores e um Ano Novo muito próspero.

Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.da

GUIMARÃES TELEFONE 4157

Atoalhados—Sedas e Mistos

AGENTES

NO PORTO

Silva Júnior

Rua do Almada, 322-1.° Telefone 22906

EM LISBOA

Raul Frazão, L.da

Rua dos Fanqueiros, 207-1.° Telefone 29114

VISITE HOJE MESMO O SEU REVENDEDOR FRIGIDAIRE!

Concessionários nos Concelhos de Guimarães, Fafe, Famalicão, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Santo Tirso

Bernardino Jordão, F.os & C.a, L.da

GUIMARÃES

CARI CASIMIRO RIBEIRO

SEDE

PEVIDÉM
TEL. 4609

DELEGAÇÃO

GUIMARÃES
AV. C. MARG., 6
TEL. 40299

PROJECTOS
OBRAS PÚBLICAS
EDIFICAÇÕES GERAIS

EMPRESA

João Carlos Soares & Filhos, L.da

TELEFONE 4458 — GUIMARÃES

Carreiras de passageiros entre Guimarães-Fafe • Guimarães-Póvoa de Varzim • Guimarães-Braga • Guimarães (Est.)-Famalicão (Est.) com ligações imediatas na Estação de Famalicão aos comboios para o Porto, Braga e Minho, em serviço combinado com a C. P. • Autocarros de luxo para excursões • Camionetas de carga de aluguer

GARAGEM: AVENIDA CONDE DE MARGARIDE

ESCRITÓRIO: RUA PAIO GALVÃO, N.° 8

Lenda Fantástica

CUMPRIRAM-SE as Profecias.

Depois de séculos de expectativa em que rogando, implorando e penitenciando-se, a Humanidade clamava aos céus pela vinda do Messias, baixou à Terra o clarão da graça; soara a Hora Redentora!

Cânticos maravilhosos saíram da boca dos Santos, dos Justos e dos Profetas que tinham anunciado o prodígio que se acabara de cumprir.

Músicas suavíssimas cortaram a Noita Santa, entoadas por uma revoada de Anjos e Arcanjos, e as próprias árvores sussurravam gemidos, doces como acordes de harpas invisíveis, tremulando com as suas folhas.

As aves, não dando pela noite, soltavam alegres trinados e as flores exalavam, com musicalidade, os doces perfumes.

No céu, o azul coava-se por entre a prata cintilante do luar, de tão claro que estava, e as estrelas mais brilhantes e maiores, douradas pelo fulgor do prodígio, lembravam os olhos dos Justos tentando lobrigar a maravilha que na Terra se operava.

Os Hosanas, soltados pelos Anjos, cruzavam o espaço, e um hálito estranho, feito de emoção e regozijo, bafejava a Terra onde, tressuando odores, perpassava um frémito de profunda expectativa.

O Mundo estava enfim em festa, ia acabar o seu cativeiro!

Algures, porém, esta alegria ressoava como uma afronta! Havia gritos de revolta, imprecações de desespero e uma confusão profunda. O ódio irrompia, o desejo de vingança atingia o seu auge e, por muito estranho que pareça, esta horrível discordância era uma realidade.

Não adivinhais onde tal se passava?

Era no Palácio das Trevas, no Reino dos Demónios e em todos os domínios de Lúcifer!

No mais alto paroxismo da cólera, Satanás protestava num delírio vizinho da loucura, reunido em magno conselho e rodeado de todos os seus satélites.

A discussão ia cerrada. Lúcifer queria vedar a Terra aos Anjos, para que não transmitissem a sua mensagem doce e consoladora. Resolveu, por fim, ordenar aos sequazes que partissem em todas as direcções para assustar, com os seus malefícios, os Mensageiros Celestes, fazendo-os fugir e portanto calar a Grande Nova que punha o Mundo em alvoroço, destilava o perfume das flores, despertava o cantar dos pássaros e elevava as almas até ao êxtase!

«Ponde-vos em grupos e parti», gritou o Demo. Ele mesmo organizou a largada e, em bandos, escassos minutos gastaram para se dispersar.

Satanás seguiu-os com os olhos e quando o último desapareceu, no alto espaço, sentou-se desanimado de cabeça pendida e murmurando: «Eis uma luta sem tréguas que começa! Não tive força bastante para impedir o Messias de nascer. Conseguirei, agora, deter esses regozijos que me ferem e evitar que a Sua Mensagem ponha a Terra no delírio que vai no Céu? Os meus demónios estão bem adestrados e os Anjos, tão inocentes, devem deixar-se assustar, pois desconhecem toda a malícia dos meus discípulos».

Vozes vibrantes, conversando e rindo, começaram-se a ouvir, enquanto monologava, e o Diabo, surpreendido, quedou-se a escutar.

Era o Primeiro Milagre do Deus Menino que se operava: dera à Natureza, nessa noite, vida diferente e o dom da voz, e, portanto, o que se ouvia era o diálogo dos quadrúpedes, das aves, das plantas e até de tudo que era inanimado, entoando louvores e graças! Ao verificá-lo, o desespero do Rei das Trevas, por não ter poder para os calar, foi horrível e espantoso. Satanás não ignorava que Jesus nasceria para salvação dos homens e sua humilhação, porém, os séculos de tranquilidade tinham-lhe aumentado o ousio.

De repente um tropel doido, atabalhoado, chegou aos seus ouvidos, ultra-sensíveis, fazendo-lhe adivinhar o regresso prematuro dos emissários.

Pálido e tremente, viu-os chegar temerosos do castigo e furiosos da derrota.

Formara-se uma tal cerração que não conseguiam romper e quando, decididos a tudo arrostar, se deitaram voando às cegas para cumprir as ordens terminantemente recebidas, bicadas estranhas, furiosas e contínuas, os perseguiram sem tréguas. Eram grandes aves que se encontravam em todas as direcções. Seriam águias, milhafres, ou até corvos? Como sabê-lo? O ataque fora tão rápido que não houvera senão tempo para fugir e, mesmo assim, escorrendo sangue.

Lúcifer ergueu-se irado e medonho e com ele o filho e herdeiro de todas as suas manhas. Ambos gritavam como possessos que eram: — «Súcia de cobardes que vos deixais amedrontar pelo nevoeiro e pelos pássaros! Sofrereis cruel castigo, descansai! Vou formar nova brigada (bramou o velho Satanás), e só escaparão ao castigo os que se oferecerem voluntàriamente para com heroicidade reparar as suas culpas».

«Pai (clamou o filho de Satã), deixai-me também partir para dar um exemplo a esses imbecis».

«Irás, concordou desvanecido o Diabo Mor, mas acompanhar-vos-á, como mais velho e astuto, o meu Lugar Tenente. Eu sei, filho, que és valente, porém o Céu, tão caladinho e manso, é poderoso», concluiu com um suspiro de raiva.

Juntou então os demónios mais idosos, traiçoeiros e endurecidos, para o primeiro choque e os voluntários na retaguarda.

«Vou abrir as janelas dos Infernos, gritou o Demo. Seus lumes esbraseados, quais potentes faróis, rasgarão o nevoeiro.

«Ide e cumpri o que vos ordeno: que nem um só anjo baixe a caminho da Terra».

Num sussurro ensurdecedor, os diabos, de todas as categorias, romperam avante.

A neblina parecia ter-se diluído, como por encanto; portanto a luz afogueadora das janelas dos Infernos tornara-se inútil. Como lhes parecesse de bom augúrio a aplanação desse obstáculo, o exército aterrador avançava contente, enquanto o filho do Príncipe das Trevas, maldoso e imprudente, ia chasqueando dos veteranos vencidos.

«Atenção (ordenou o imediato de Lúcifer), desçamos agora para nos irmos aproximando da Terra: avante, em fileiras cerradas».

De repente uma coisa estranha, inaudita, nunca vista, surgiu aos seus ferozes olhos.

Por baixo do Céu tudo estava tapado. Um tapete de penas brancas vedava o contacto com o Mundo.

Eram as asas dos Anjos!

Consultaram-se entre si, mas o filho de Satã bramiu, impando de orgulho: — «Tendes medo, cobardes? Segui-me, que vos levo ao triunfo, e antes que tivessem tempo de o deter avançou com o ímpeto que hoje empregaria um tanque de guerra ao encontro do inimigo. Atirou-se e logo um grito medonho soou!

Fora uma asa que se erguera precipitando-o no vácuo.

Aterrados, quer por temerem pelo seu próprio destino, quer por não saberem que contas dariam do filho a Satanás, avançaram desesperadamente os mais experimentados, mas ao mais ligeiro contacto com as puras asas um sofrimento espantoso e intolerável fazia-os recuar alucinados!

«Vencer ou morrer, gritou o imediato. As dores não contam ante a vergonha do fracasso. Segui-me!»

Num choque poderoso avançaram e as asas alvíssimas, dementando-os mal as afloravam, deixavam-nos cair aos baldões sobre o Mundo!

Muitos morreram, outros mancos, estropiados, não se moviam do sítio.

Apareceu-lhes então o Anjo do Senhor, que anunciara a Maria, a Pura Virgem de Nazaré, que seria a Mãe do Messias e ordenou-lhes: — «Erguei-vos, voltai para os Infernos e contai a Lúcifer o que se passou. Frisai-lhe que é este o primeiro aviso de que Aquele que nasceu sempre o há-de vencer».

Os demónios, arrastando-se custosamente, seguiram a sua rota e, ao chegar, caíram exaustos, quase mortos.

Em urros espantosos, o Demo gritou, arrancando os cabelos: — «O meu filho, onde deixaram o meu filho?»

Ninguém o vira, no meio da desastrosa confusão.

Então o Diabo Maioral voou dementado, sòzinho e medonho, em direcção à Terra. Encontrou ainda as asas dos Anjos que lhe provocaram sofrimento e que também o precipitaram no Mundo, mas Jesus Menino, que Satanás tanto odiava, quis ter a clemência de o fazer cair junto do filho!

Combalidos, exangues e lamentosos, voltaram ambos para os Infernos, arrastados e venenosos como cobras cascaveis.

E desde então ficou o costume de se dizer que o Diabo é manco.

Eis uma fantástica lenda cuja veracidade vos não asseveiro, no entanto, como todas as tradições têm a sua origem, este velho ditado não deve fugir à regra...

Natal — 1958.

ZITA DE PORTUGAL.

TRIBUNA DUM GALENO

Natal, mensagem de Paz

Por. J SOARES LEITE.

NADA mais evocativo duma Mensagem de Paz do que o Natal...

É o Príncipe que vem ao Mundo numa ânsia de paz e concórdia entre os homens, no amor que une os componentes da Família no Lar.

O Mistério do Natal surge aos homens agora que mais pesadamente sentem a sombra do Apocalipse que tenta subvertê-los e aniquilá-los e lembra-lhes com mais intensidade que têm de seguir outro rumo, que têm de procurar a paz na consciência, a paz entre os homens, a paz na Pátria e entre as Nações, a paz entre as classes sociais.

Diversas mensagens de Natal ouvimos nos anos anteriores ao mensageiro da Paz, o Papa Pio XII. Elas eram sempre uma exortação ao entendimento entre os homens, à paz e harmonia das Nações.

Por isso com a sua falta ficamos mais pobres, como disse e muito bem Eisenhower.

Nas suas palavras, Pio XII que foi das maiores figuras da Igreja e da Humanidade, punha uma elevação superior que cativava, que prendia que chamava a si todas as classes, todos os homens de boa vontade sem olhar a credos políticos ou religiosos.

Nas suas palavras havia o sobrenatural, a luz fecunda do Espírito Santo que falava claro a todos os homens e a pura verdade surgia nas nossas consciências.

Nas suas exortações à Paz, ao Amor entre os homens, falava como um pai amantíssimo que tem de velar pelos seus filhos, pela humanidade inteira e sofria imenso com as feridas abertas pelas desavenças entre os homens.

Foi Ele o salvador de Roma no período aceso da guerra! Foi Ele que após a metralha ter deflagrado sobre a cidade santa desceu aos bairros pobres atingidos, para salvar as criancinhas e tratar dos feridos!

Foi Ele que sempre reagiu contra a opressão e contra toda a ameaça aos direitos e princípios Sagrados cuja integridade é salvaguarda dos valores vitais!

Falam os responsáveis pelo governo das Nações em entendimentos, desarmamentos e concertos de paz, mas o certo é que não chegaram até à data a encontrar uma fórmula viável, pois que dum e doutro lado predomina a ideia da hegemonia, da ambição, do egoísmo e até o ódio e a vingança.

Não é possível conciliar assim a Paz entre os homens.

E não era essa a pregação do Santo e Sábio Pio XII, essa figura verdadeiramente iluminada para indicar aos Homens e às profissões mais diversas o Caminho que deviam trilhar.

Em conjunto ou separadamente, com uma inteligência penetrante, o falecido Papa integrava-se nos mais diversos problemas revendo-os nos mais delicados e íntimos pormenores, e duma maneira que nos assombrava.

Ao sair duma audiência com Pio XII, um pastor duma Igreja Anglicana, vinha tão maravilhado que ao perguntarem-lhe que tal era o Papa só teve estas palavras: — «não vi coisa alguma senão luz».

Se para todas e as mais diversas classes mostrava uma cultura vastíssima cremos bem que foi à classe médica que dedicou a maior e a mais vasta actividade através de mais de cinquenta discursos e alocuções.

E sempre a classe médica acatou com respeito e acolheu com grande interesse os seus conselhos sábios e eruditos.

Nunca os profissionais da medicina toleraram normas deontológicas a quem não fosse médico. Pio XII, médico das almas, foi-o também dos profissionais da medicina através dos diversos Congressos de Médicos Católicos, União Médica Latina, Associação Médica Mundial, bem como em muitas reuniões de especialistas: — Congressos de cirurgiões, e neuro-cirurgiões, oftalmologistas, radiologistas, otorrinolaringologistas, histopatologistas, especialistas do tubo digestivo, da poliomielite, das doenças pulmonares e cardíacas, ginecologistas e obstetras, psiquiatras, urologistas, etc. Não esqueceu também as profissões para-médicas: — farmacêuticos, parteiras e enfermeiras. Para todos teve palavras de alta sabedoria e cultura mostrando sempre estar ao par dos mais diversos problemas actuais.

Por isso os grandes homens o respeitavam e acolhiam sempre com ansiedade e a melhor das considerações os seus conselhos.

Por isso mesmo muitos dos grandes valores humanos, católicos e não crentes, homens de estado, diplomatas, desportistas, artistas de cinema e teatro todos acorriam ao Vaticano para ouvir de perto a sua Voz e o seu conselho amigo.

Mensageiro da Paz, daquela Paz total para os Homens, daquela Paz que é a verdade, daquela Paz sem egoísmo nem paixões malsãs, Pio XII esforçou-se por chamar a todos à verdadeira razão das consciências, ao amor entre todas as classes Sociais.

Que assim seja e que este dia de Natal seja o precursor de novos dias e esclarecedor da verdadeira justiça Social.

NA QUADRA DO NATAL

Quanto mais os anos nos afastam da nossa juventude, quanto mais se acumulam no nosso espírito as saudades com que recordamos a Festa do Natal na pequena e solitária aldeia onde bebemos as primeiras gotas de leite materno e onde pela primeira vez balbuciámos o nome de Mãe, nome tão pequenino quanto às letras que o formam, mas muitíssimo grande quanto ao seu significado, por que nenhum outro o suplanta em ternura, dedicação, amor e carinho. A Festa do Natal representava então para nós o que havia de mais belo e de mais encantador, sobretudo na noite de consoada, portadora de mensagens de conforto e de alegria para o nosso coração, porque sabíamos que em nenhum lar dessa freguesia faltava o necessário para a confecção duma substancial Ceia de Consoada, mesmo que se tratasse dos mais pobres aglomerados familiares. Recordamos ainda, com sentida emoção, o exemplo que nossos Pais nos deram pela forma como procuravam integrar-nos no verdadeiro sentimento da Caridade, confiando-nos a missão de acompanhar as pessoas encarregadas de entregarem em cada lar pobre um pequeno bodo. Havia, pois, a certeza de que, para esses pobrezinhos, a noite de consoada não seria passada nas trevas da miséria e isso tornava mais completo o nosso alegre convívio familiar, perfumado com o cheiro das pinhas que depois da Ceia se colocavam no lar onde continuava uma gigantesca fogueira com o tradicional *canhoto* que ardia até altas horas da noite. Essas pinhas forneciam os pinhões para o jogo do *rapa, tira, deixa, põe,* um dos processos para passar uma parte da noite até se ouvir o toque festivo dos sinos para a Missa do galo celebrada pelo Pároco da freguesia, que não se esquecia de chamar a atenção dos seus paroquianos para o Presépio do Menino Jesus, junto do qual deveriam colocar as suas ofertas. Enfim, se compararmos o Natal desses tempos passados na aldeia com o que temos passado na cidade, encontramos um cenário totalmente modificado, mas o que mais contribui para ferir a nossa sensibilidade é a ronda de mendigos, alguns vindos de longe, entre os quais velhos e crianças, que enxameiam as ruas da cidade para, à noite, aproveitarem a Ceia fornecida em S. Crispim. Como isto é diferente do Natal da nossa aldeia! De resto, quanto ao nosso Natal em família por nós constituída, também o cenário se tem modificado com chagas abertas no nosso coração e que jamais deixarão de sangrar uma vez que os motivos que as provocaram não são de natureza curável.

No entanto, a nossa dor e a nossa saudade seriam atenuadas com mais intensidade, nesta quadra festiva do Natal, se perante os nossos olhos não se apresentasse o espectáculo doloroso do frio e da miséria que torturam aqueles que se não são nossos entes queridos, são, pelo menos, nossos semelhantes.

X.

Fumo de cigarro

Não importa que me esqueças...
Vens sempre naquela hora.
O fumo do teu cigarro
Passa por mim e demora...

JUSTINA.

GAZETILHA

NOVO ANO... VIDA NOVA?!...

Nem que chova, quinta-feira,
sumido o velho «caveira»,
lá nos visita o petiz:
— «Que entre com o pé direito!»,
roga o povo, insatisfeito,
na ânsia dum viver feliz...

Pois do berço à sepultura,
sempre da Sorte em procura,
não é contente o mortal:
— e se, acaso, ela o bafeja,
nunca vem como deseja
e, por isso, lhe quer mal...

E vão os tempos rodando,
e vai-se a fé quebrantando
no desabar de esperanças:
— que a Vida, em seus arrolais,
nos dá fartos vendavais,
e bem pouquinhas bonanças!...

Que esse menino jucundo,
ao ingressar neste mundo,
lhe traga mui juizinho:
— p'ra que a pobre humanidade,
se abrace, em mais amizade,
nas fráguas do seu caminho!...

Pois nestes rumos frenéticos
dos plásticos, e sintéticos,
e da «febre» nuclear:
— entre alegria, e tristeza,
nós vivemos na incerteza,
de onde este Orbe irá parar!...

...Ah! que depois de soadas
essas doze badaladas
de mais outro ano que passa:
— o mensageiro bambino,
neste Globo, em desatino,
ponha um ar da sua graça!...

ORTIGÃO.

Mar alto

Ai não me deixes aqui!
O mar é uma lousa fria
Onde o peso do meu corpo
Não te poderá escrever...

É tarde nos meus olhos
E a linha dos meus braços
No irremediável paralelo...

AIZUL.

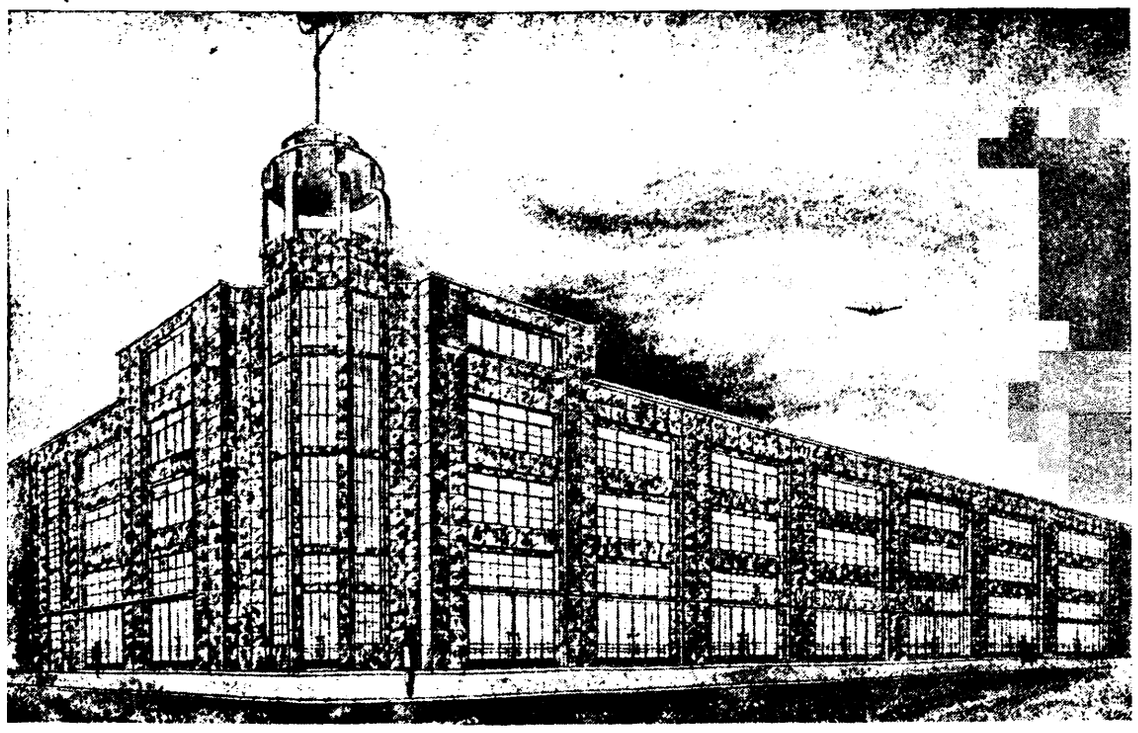
FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE TECIDOS DE ALGODÃO, LÃ E SEDA

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MÓVEIS

DE

Alberto Pimenta Machado & Filhos

Guimarães — Portugal



(CASA FUNDADA NO ANO DE 1919)

EXPORTADORES PARA AS COLÓNIAS PORTUGUESAS E PARA O ESTRANGEIRO

TELEFONES:

Armazém de Tecidos de Algodão, Escritórios e Fábrica de Serração e Móveis: P. B. X. 4111/12/13
Fábrica de Tecidos de Vila Pouca: 4424
Estabelecimento de venda ao Público: 4478
Particulares: Em Guimarães 40396 e 4405, S. Torcato 4472
Telegramas: Alpimenta

GUIMAR, LIMITADA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES

Av. Conde de Margaride GUIMARÃES

TELEFONE PPC (2 linhas) 40113 • 40114 — GERÊNCIA 4540

OBRAS PÚBLICAS, CIVIS E INDUSTRIAIS — CIMENTO ARMADO — PROJECTOS

Gerência Técnica: A. PINTO DA SILVA

ENGENHEIRO CIVIL

Empresa Auto Recoveira Vimaranense

TELEFONE 4417

GUIMARÃES

ESTAÇÃO DE SERVIÇO E TRANSPORTES

Cumprimenta os seus estimados Clientes e amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Novo Ano muito próspero.

Correia & Oliveira, Limitada

VIZELA

FÁBRICA DE TECIDOS ESPECIALIZADA EM POPELINES

Apresenta cumprimentos com votos de um NOVO ANO muito próspero.

Fábrica de Pentes do Ribeirinho, L.da

GUIMARÃES

Telefone 4137 • Telegramas **Ribeirinho** • Apartado 7

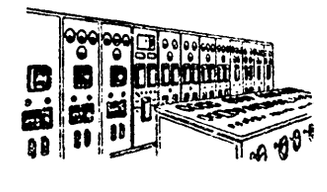
Pentes — Adornos para o cabelo
Artigos de novidade em plástico

J. MONTENEGRO

ELECTRICIDADE E MÁQUINAS (I. I. P.)

MONTAGENS DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE ALTA E BAIXA TENSÃO
BOBINAGENS • PROJECTOS PARA MONTAGENS E LICENCIAMENTOS

REPRESENTANTE DOS TRAVÕES E EMBRAIAGENS ELECTRO-MAGNÉTICAS ALEMÃS DA MARCA BINDER MAGNETE K. G.

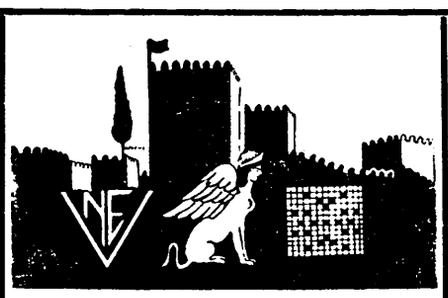


Largo 28 de Maio, 78-1.º — Telefone 4510 — GUIMARÃES

"NOTÍCIAS" DO ENIGMISTA

ÓRGÃO DO *"NÚCLEO ENIGMISTA VIMARANENSE"*

ORIENTAÇÃO DE **ODANAIR** E **NERU-LATINO**



DICIONÁRIOS "SINÓNIMOS" DA T. E.
JAIME SEGUIER
A. MORENO
E. PINHEIRO
F. TORRINHA

ANO I | CORRESPONDÊNCIA A LAURENTINO RIBEIRO TEIXEIRA — R. Conde de Arnoso, 3 — Guimarães | N.º 36

A todos os Colaboradores e Amigos, desejamos Feliz Natal e Ano Novo cheio de prosperidades.

PASSATEMPO PROVERBIAL

A Cascais uma vez e nunca ....

T.. pai, tal .....
O Natal ao soalhar e a ..... ao luar
D. Natal a Santa Luzia, cresce um ..... o dia
O S. Pedro tapa o ....
São Tiaguinho sempre trás seu .....

D.. de S. Bartolomeu anda o ..... à solta
E.... Março e Abril o .... há-de vir
S. o inverno não erra ....., tê-lo-ei pelo S. Martinho
E. Setembro ardem os montes e secam as .....
Janeiro ..... traz o diabo no ventre
A... mole .. pedra .... tanto .. até que ....
Março, marcegão, manhã de inverno .... verão
O..... no S. João, são do tamanho ... botão
S..... de S. João, já pinga .. pão

F.... ao j go, infeliz ... .
E. dia de S. Lourenço vai à vinha e ..... . lenço
L. vai tudo quanto ....
I... por caminho recto, do ..... se faz .....
Z. Nabiça, quanto vê quanto .....

N. dia de Santo André, quem não tem ..... mata a mulher
A. águas da Ascenção, das ..... fazem pão
T... é a conta ... Deus fez
A.. S. Pedro tem o vinho medo
L....., Ramos, .. Páscoa estamos

E.... menino e Tomé, três dias é

A .... madruga, Deus .....
N.. há luar como o de Janeiro nem .... como o .....
O ..... sai caro

N. S. Tiago, ... o bago
O... o galo canta aí janta
V.. para crer, ... S. Tomé
O leitão com vinho, torna-se .....

C.... fina por S. Agostinho é como se ..... vinho
H... a ...., Deus melhora
E. .... de ferreiro espeto de ...
I..... ao jogo, feliz aos .....
O .... é o .... .. esfolar

D. Todos os Santos até ao Natal é o ..... natural
E. Março, onde .... .. passo

P.. S. Simão e S. Judas, colhidas são as ....
R... e Pavia não se fizeram num ...
O ... filho à .... volta
S. lembra Santa Bárbara, ...
P... lá do Marão ..... os que lá estão
E. tempo de ..... não se ..... armas
R.. morto, rei .....
I..... nevoso, ano formoso
D. Viseu o ... sim o homem ...
A... de velho, ... de ....
D... dá o .... conforme a roupa
E.... mortos e ..... alguém há-de escapar
S. queres ver teu marido morto dá-lhe ..... em Agosto

Para simplificar a descrição das soluções deste passatempo, basta apenas enviarem as palavras que substituirão os pontos.

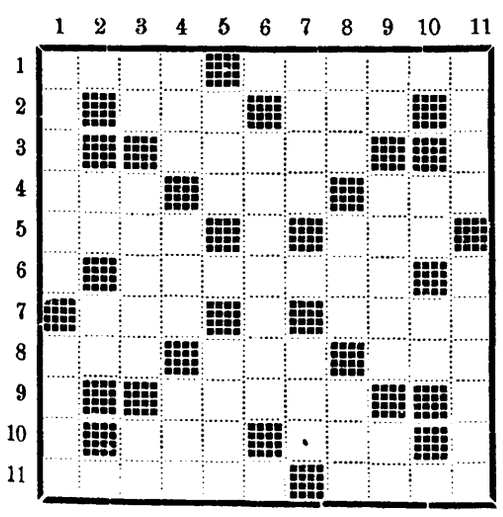
E agora vamos lá a isto

TA SABAT	UCHA BALA	ÚPRE
REI LATA	MEX DOIS	ABRAS NADA
MEXI ASA	REI-LOBO	VAPA SUSSAS
NITTO	BRONCA	PAH MANCHA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 36

A todos os que amam este desporto, com os meus cordiais votos de Boas-Festas.



Horizontais: 1 — Feliz; Natal. 2 — Reza; come. 3 — Brinquedo. 4 — Bebedeira; panela; abundância. 5 — Invoque; riqueza. 6 — Mexidos. 7 — Deus; saro. 8 — Canta; senhora; estrela. 9 — Face. 10 — Menino; saudação. 11 — Lembra; reis.

Verticais: 1 — Bacalhau; sino. 2 — Muar; clemência. 3 — Pão; ouro; polvilho. 4 — Altar; vinho; gracejar. 5 — Camareiro; ecoar. 6 — Extasiais. 7 — Balana; pinha. 8 — Estala; mealheiro; ovaciona. 9 — Sorri; venturas; bem. 10 — Acontecia; união. 11 — Azeite; batatas.

Lúcio — Guimarães.

E C O S

Dum leitor recebemos a seguinte carta que vamos transcrever: — «Levados pela curiosidade de nos apercebermos dos «Ecos» que correm pela nossa terra e de tudo o mais inerente ao progresso dela, somos leitores assíduos do «Defensor dos interesses de Guimarães».

No n.º 1.403, de 16 de Novembro, e na secção da autoria de V. ..., vimos o que se deve entender por «largura de uma rua». Imediata e consequentemente fomos levados mais uma vez a concluir que na nova zona da futura cidade, onde teremos em breve o Palácio da Justiça, o Parque do Castelo, o Liceu, um Colégio e sem dúvida, num futuro mais ou menos próximo, a par doutras construções, uma Praça de Mercado, uma Igreja, etc., etc., se estão a rasgar «ruelas» condenáveis já para o momento presente.

Sem termos a «cavalaria alta que nos diplome nestes assuntos» entendemos do maior interesse que seja ventilado este assunto enquanto é tempo. Urge chamar a atenção de quem de direito e reputamos de condenável o mutismo dos observadores atentos a casos de magna importância como julgamos ser este.

Praza a Deus que seja ouvido o eco deste protesto.

A bem de Guimarães». — *(Segue a assinatura).*

Está conforme o texto integral da carta recebida deste interessado leitor, que ao progresso da cidade dedica também a sua atenção, como se vê, facto digno de assinalar nesta era do futebol, do fado, etc.

As reclamações que ouvimos e delas fazemos eco neste semanário, a quem a cidade muito deve e não só a cidade..., é bom não esquecer, são oriundas dum desejo e duma vontade de vêr a terra progredir, lançado, para esse fim, os alicerces dum futuro livre de acusações e reparos às vistas curtas do presente.

Não é que a visão seja de todo míope dos serviços responsáveis daqui. Prova-o o alargamento — em execução — da Rua Dr. Alfredo Pimenta; provam-no as medidas iniciais da falada variante da estrada de Fafe, inclusas no Plano Geral de Urbanização; prova-o a nova artéria que ligará a Rua de S. Gonçalo à Rua Dr. Alfredo Pimenta e demonstra-o, a largura dada à rua Conde D. Henrique.

* * *

Ao fazermos eco de reclamações que reputamos em nosso entender justas e oportunas — e se mesmo criticamos objectivamente qualquer caso disso merecedor — não temos outro fim senão o bem da terra e o seu futuro, na certeza, porém, de que esta cidade será um dia uma urbe grandiosa, tal como é o seu valor económico.

Mas, ao exigir ruas largas e praças amplas para o presente, exageramos em razão de sermos filho da terra e, deste modo, ver as coisas pelos óculos da afeição?

Não. A afeição não nos tolhe o entendimento.

Vemos as ruas e praças centrais pejadas de carros — dias há na semana que o estacionamento é um problema; vemos o trânsito por vezes engarrafado; vemos as consequências das ruas estreitas, nas atribulações dos condutores em evitarem danificar os seus carros ao passarem uns pelos outros; vemos o amálgama de casario na parte medieval da cidade em que, sem espaço, as casas conquistaram a altura para crescer, tornando as velhas e estreitas ruas mais escuras e sombrias e sem sol definharem a saúde dos seus moradores, fáceis presas, por isso, de terríveis epidemias que no passado implacàvelmente os ceifaram. O nível de saúde, por essa razão, era do mais baixo coeficiente a justificar a existência de três hospitais, hospícios e leprosarias, que então possuía esta terra bem pequena.

Não. Não exageramos. E é precisamente para evitar essas dolorosas consequências de ontem, conhecidas pela história; para evitar as dificuldades de hoje, inegáveis pela sua presença, que as não desejamos para o futuro.

* * *

Por azar de circunstâncias bem conhecidas, a cidade esteve mais de duas décadas caminhando em ponto-morto e chegou-se mesmo a fazer crer que Guimarães era uma cidade condenada a fraco desenvolvimento, em virtude de se situar entre duas cidades importantes, Porto e Braga, a pouca distância uma da outra. Esta *blague idiota* nem sequer reparava que, entre aquelas cidades e esta, duas vilas importantes, Santo Tirso e Famalicão, crescem e desenvolvem-se ràpidamente.

É que o factor económico é a mola que impulsiona o progresso e estimula o desenvolvimento.

Mais ainda, prezado leitor, o clamor contra as ruas estreitas não é só aqui. Em Lisboa também se prega contra a largura dos arruamentos de certos bairros novos, segundo nos informam, e nem sequer os responsáveis reparam na figura valorosa do Marquês de Pombal, erecta no alto da grandiosa Avenida da Liberdade que Rosa Araújo ousadamente rasgou, que há 200 anos mandou reconstruir a cidade após o terramoto de 1755, abrindo ruas e praças que ainda hoje são majestosas pela sua amplitude.

Bem sabemos que o adágio popular de *água mole em pedra dura*... não tem aplicação neste caso, mas temos a certeza de que um dia, os que fazem hoje ouvidos de mercador, não irão figurar no cimo dum pedestral como o grande ministro de D. José I...

* * *

Com o levantamento topográfico dos terrenos anexos ao local aonde se construirá o Estádio Municipal, será que se pensa em começar a parquizar essa área que será um dia o Parque da Cidade?

Oxalá que assim seja.

Diversas vezes, aqui, nesta secção, nos temos referido a essa necessidade, em vista do aspecto confrangedor que apresenta essa área abandonada, como terra de ninguém.

A futura construção do Estádio não implica com o arranjo do restante terreno e mesmo julgamos que, delineado o parque, a realização não será muito dispendiosa, porque não exige mão de obra especializada, nem a sua arborização é cara, dadas as facilidades de aquisição de árvores nos Parques Florestais.

Mãos à obra e que o Parque da Cidade seja em breve uma realidade.

A.

Festas do Natal

As iluminações da parte central da cidade — Toural e Rua de Santo António — realmente de belo efeito, completando-as as decorações das montras dos principais estabelecimentos, em que há uma afirmação de Arte e bom gosto — têm dado àquelas artérias um aspecto grandioso, atraindo ali muitas centenas de pessoas.

Os comerciantes que tomaram a seu cargo uma tão oportuna e simpática iniciativa, estão de parabéns e merecem os justos louvores.

Escola Industrial e Comercial de Guimarães

Lista dos professores e mestres chamados a prestar serviço na Escola Industrial e Comercial de Guimarães:

1.º Grupo — Dr. Joaquim António dos Santos Simões, Dr.ª D. Maria Júlia Limpo Trigueiros, Dr. José Monteiro Marques da Silva.

2.º Grupo — Engenheiro José Pinto de Oliveira, Engenheiro Corsínio Duarte Rocha Ferreira, Engenheiro José António P. Rebelo Prezado.

4.º Grupo — Engenheiro Bernardo Óscar Marques Barracosa.

5.º Grupo — Arquitecto José de Sousa Lobato, Arquitecto António Montenegro Ribeiro de Araújo, Escultor Rui Camões Praça, Escultora D. Haydée Lopes Fernandes.

6.º Grupo — Dr.ª D. Virgínia do Carmo Almeida, Prof. Egídio do Nascimento Pires.

8.º Grupo — Dr.ª D. Maria Luísa de Oliveira, Dr.ª D. Adelaide Augusta da Purificação dos Santos Zagalo, Dr. José de Sampaio Marinho, Dr. João da Silva Rego, Dr.ª D. Maria Eduarda de Freitas Pedrosa Rodrigues Machado, Prof.ª D. Ruth Elisa Vilaverde Gomes Machado Falcão Mateus Alambre.

9.º Grupo — D. Maria Açucena Matias das Neves, Dr.ª D. Maria Amélia Dulcínea da Silva Machado Teixeira.

10.º Grupo — Dr. José Lopes Craveiro da Costa.

11.º Grupo — Dr.ª D. Maria Arminda da Silva Fernandes, Professor José Lemos Sampaio, Prof.ª D. Esmeralda da Conceição Azevedo Duarte.

Tecnologia e Debuxo — Professor Bernardo Moreira de Sá Tinoco.

Formação Corporativa — Dr. Raul da Rocha e Abreu.

Higiene — Dr.ª Edviges de Azevedo Machado.

Educação Física — João da Costa Rodrigues.

Professores de Religião e Moral — Padre António José da Silva, Padre Agostinho V. de Campos Carvalho.

Trabalhos Manuais Masculinos — Mário Pinto de Castro.

Canto Coral — Alberto Teixeira Douro.

Trabalhos Manuais Femininos — D. Maria Carolina de Jesus da Silva Leal.

Costura e Bordados — D. Ana Maria da Cunha Couto.

Oficinas de Tecelagem — Manuel Magalhães.

Oficinas de Serralharia — Eduardo Manuel de Freitas.

Educação Física Feminina — A nomear.

Dactilografia e Caligrafia — Guilherme dos Santos Silva.

Todo este pessoal é além do quadro da Escola.

Teatro Jordão

APRESENTA

DOMINGO, 28 Para 17 anos
Às 15 e 21,30
O BAILE DOS MALDITOS
Cinemascope
Intérpretes — Marlon Brando — Montgomery Clift — Dean Martin.
Um filme que esmaga os corações dos homens, pela sua grandeza insuperável! Um drama sentimental.

TERÇA-FEIRA, 30 Para 12 anos
Às 21,30
SANGUE TOUREIRO
Eastmancolor
Intérpretes — Amália Rodrigues — Diamantino Viseu.
O primeiro filme português a cores

QUINTA-FEIRA, 1 Para 17 anos
Às 15 e 21,30
Technirama
Intérpretes — James Stewart — Audie Murphy.
A verdadeira história de um ódio sangrento entre irmãos
(704)

Jogos Florais do Montijo

Com extraordinário brilhantismo realizou-se na quarta-feira, 17, no belo Cinema-Teatro Joaquim de Almeida, do Montijo, o Sarau Final dos *Jogos Florais* das Festas de S. Pedro, uma iniciativa do semanário *Festa*, coroada de completo êxito.

Perante uma assistência entusiasmada exibiram-se na vasta casa de espectáculos montijense — desde há dias com a lotação completamente esgotada — além do Grupo Cénico Montijense e da Orquestra Eldorado, ambos dirigidos artìsticamente pelo maestro Humberto de Sousa, um numeroso Grupo de categorizados artistas deu a sua colaboração a esta festa.

Assim, estiveram presentes no Montijo, além dos leitores oficiais do certame: A insinuante «vedeta» do cinema, teatro, rádio e T. V. *Ana Paula Zeiger* e do apreciado artista *Rui de Carvalho*, Tomé de Barros Queirós, D. Vicente da Câmara, Maria José Valério, Mário Sargedas, Maria Marise, Carlos Cardoso, Deolinda Maria, Maria Olímpia, Armando Soares, o pequeno José Manuel e a jovem bailarina Maria Hermínia Beltrão.

Uma das partes do Sarau foi preenchida com a proclamação dos vencedores dos Jogos Florais e a leitura das produções melhor classificadas, numa sessão presidida pelo Presidente da Câmara Municipal do Montijo, Sr. José da Silva Leite, e onde estiveram presentes, além dos membros do Júri: Dr.ª Adelaide Félix, António Rosado, Maestro Humberto de Sousa e Gentil Marques, o representado do S. N. I. Sr. Maurício Canelas, Justiniano Gouveia, e os jornalistas Armando Boaventura, Carlos de Barros Queirós e Rui de Mendonça.

Os interessantes *Troféus S. Pedro*, instituídos pelo jornal *Festa*, foram entregues aos vencedores após a leitura das respectivas produções. Eis o resultado dos Jogos Florais de S. Pedro de acordo com a decisão do Júri:

Poesia regional

1.º Prémio (ex aequo) — João José de Moura Antunes (Portalegre — Gare) e José António Palma Rodrigues (Lisboa). Menção Honrosa — Maria da Conceição de Sousa Elói (Albufeira).

Soneto

1.º Prémio — Maria da Conceição de Sousa Elói (Albufeira). Menção Honrosa — Maria Helena Bota Guerreira (Barreiro).

Poesia obrigada a mote

1.º Prémio — Saul Horácio Ventura (Elvas). Menções Honrosas — Raul Geral de Oliveira (Santarém) e Alfredo Pimenta Martins Pereira (Setúbal).

Quadras populares

1.º Prémio e Menção Honrosa Especial — ao seu conjunto de quadras — Jorge Ramos (Lisboa). Menções Honrosas — Alfredo João Martins Pereira (Setúbal), Maria da Conceição de Sousa Elói (Albufeira), Onofre Rocha (Lisboa) e Henrique Alberto da Ressurreição Marcos (Covilhã).

Conto e novela

O Júri deliberou não conceder o 1.º Prémio. — Menção Honrosa — Carlos Paniágua Feteiro (Caldas da Rainha).

Fotografia

1.º Prémio — João Martins (Lisboa). Menções Honrosas — Manuel Geraldes da Silva (Rio Frio, Montijo) e João Afonso Antunes (Guimarães).

Foi, pois, uma jornada cultural de grande elevação e um condigno final de umas festas cujo prestígio e popularidade alcançaram todo o País.

FIBRA ARTIFICIAL
PHRIX
Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.DA
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. Est. 17 / Comp. 21 404 PORTO

Manuel Alves Machado
PROPRIETÁRIO DA «FOTO-BELEZA»
deseja a todos os Ex.mos Clientes e Amigos
BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

Do Concelho

Caldas de Vizela

O Natal do Bombeiro

Como já vai sendo tradicional entre nós, realizou-se na segunda-feira, no Salão Nobre da Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vizela, uma festa bem simples mas de alto significado, para se fazer a entrega da consoada a cada bombeiro desta Real Associação, só possível devido à generosidade do bom povo desta região, que quis presentear aqueles que estão sempre prontos a jogar a sua própria vida pela do semelhante.

Este acto teve a presença, além dos contemplados, do Presidente Senhor José Luís de Almeida, que proferiu algumas palavras alusivas à cerimónia, e dos restantes membros da Direcção, de diversas Senhoras e do Comandante Sr. Mendonça Pinto que dirigiu a distribuição.

A consoada deste ano foi mais abundante, sendo constituída por 1 bacalhau de 3 quilos, 25 quilos de batata, 2 litros de azeite, 5 quilos de arroz, 4 quilos de açúcar, 6 quilos de pão de milho especial, 1 quilo de pão de trigo, 16 quilos de cebolas e um envelope com 50$00.

Bem-fazer

O industrial vizelense Sr. Joaquim de Sousa Oliveira, para comemorar a data festiva do Natal, distribuiu pelos pobres das freguesias da Vila cerca de duzentos e cinquenta cobertores e mais diversos agasalhos.

Bodo de Natal

Uma comissão de Senhoras da nossa terra, a que presidiu a Senhora D. Maria Amélia Freitas Ribeiro de Faria e constituída pelas Senhoras D. Aurora Pinto de Sousa e Castro, Doutora D. Maria Alice Costa Pereira de Faria, D. Dalila Aydé Lima Fernandes de Faria e D. Armanda Peixoto Caldas, procedeu, na véspera de Natal, à distribuição, pelos desportegidos da sorte da nossa terra, de cobertores acompanhados de diversas peças de vestuário.

De tarde, a mesma comissão ofereceu, no Hospital, aos pobrezinhos mais necessitados, a tradicional Ceia de Natal, que esteve muito animada.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, pelas 15,15 e 21 horas, o romântico filme, *A última noite de Amor*, com Amedeo Nazzari e Marta Toren. *(Espectáculo para maiores de 17 anos).*

Quinta-feira, 1 de Janeiro, às 15,15 e 21 horas, o encantador filme — *Sissi e o Destino*, com Romi Schneider e Karlheinz Bohm. *(Espectáculo para maiores de 12 anos).* — *C.*

De Covas

Será assim noutros concelhos?

Não sabemos se é assim noutros concelhos. Neste, as freguesias rurais solicitam qualquer melhoramento, como seja: luz, escolas, estradas, caminhos, etc., e raras vezes são atendidas.

E, quando o são, é pelo facto — quase sempre — de contribuírem com parte da verba ou do terreno. Obrigam-se as Juntas de Freguesia ou as forças vivas a fazerem subscrições ou cortejos de oferendas.

Ora, a maioria da população das freguesias rurais, vive em precárias condições e não pode ser sobrecarregada com subscrições ou cortejos de oferendas, mesmo que a finalidade, seja para engrandecer a sua freguesia.

Que lamento!...

Lamenta-se um nosso prezado colega de Vizela pelo facto daquela linda Vila lutar com falta de água e termina com estas palavras:

«Vizela, indiscutìvelmente, é uma terra infeliz». Ora vejam lá que lamento!...

A terem mais água — pelo menos no poético rio Vizela — que as freguesias desta região e dizem que são infelizes!... E nós!?...

O Rotário e o «Bem-fazer»

Na reunião de terça-feira do grupo local de «Bem-Fazer» foi registada uma oferta de 100$00 do Rotary Clube de Guimarães e escolhida uma família que tem o chefe doente para ser contemplada com géneros para a ceia do Natal que, por intermédio dum associado, um anónimo ofereceu.

Coisas e loisas

O aumento de vencimentos

Referindo-se à exposição feita, aos microfones da Emissora Nacional, pelo Sr. Ministro da Economia sobre o assunto dos vencimentos, o *Diário Ilustrado* dizia o seguinte:

«Tudo se fará para evitar ou reprimir as tendências de alteração de preços que venham a registar-se com carácter especulativo, na exploração ilegítima do maior poder de compra, obtido à custa de penosa compressão orçamental, seja engolido por uma classe diferente a que foi atribuído, deixando na situação anterior os funcionários e em situação pior os compradores que o não são».

Ano Novo

A todos os que trabalham para este jornal, aos nossos leitores e amigos, desejamos um Ano Novo muito próspero.

Notícias pessoais

Tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo Sr. Bernardino Ribeiro, membro do «Bem-Fazer».

Cartão de visita

Faz anos no dia 3 o nosso bom amigo Sr. Sidónio de Magalhães Araújo. Parabéns. — *C.*

(RETARDADO)

Nota da semana

«Na segunda reunião geral de trabalhos da IV Semana de Estudos Sociais, promovida pelo Instituto de Assistência à Família, — diz o *Diário Ilustrado* — encarou-se a necessidade, sem dúvida inapelável, de introduzir modificações na orgânica dos serviços, com vista à elaboração de um plano geral de assistência, a ser oportunamente submetido a apreciação superior.

Torna-se, com efeito, imperioso um reajuste dos serviços assistenciais. Não basta preencher uma ou outra lacuna, soldar aqui ou além um elo que não funciona. É preciso que os elos se multipliquem e a cadeia se reforce e alargue a ponto de abranger todos os sectores da vida nacional. A previdência, que no nosso País tem sido apenas uma extensão da caridade, não se estendeu ainda às vastas camadas rurais. E todavia é no campo que a sua presença se faz mais agudamente sentir. Portugal é ainda, no dizer do deputado Dr. Manuel Nunes Fernandes, «o País da Europa com mais pesada mortalidade infantil». E é na província que, segundo o mesmo deputado, «a assistência à primeira infância se pode classificar de primária, estando, em muitos pontos, reduzida a zero, abandonados à sua sorte muitos recém-nascidos de famílias sem os meios necessários para lhes defender convenientemente a sua vida precária». Se considerarmos que a assistência médica rural dispõe apenas de um médico para cinco ou seis mil habitantes, não podemos deixar de concluir que, na realidade, o hiato dissimula uma situação sombria.

A família portuguesa, um dos pilares sobre que assenta a estrutura do Estado, necessita efectivamente de ser amparada em todas as contingências e vicissitudes: no desemprego, na doença, na invalidez, na velhice ou no desaparecimento do chefe. A justiça social, que a maioria dos países procura alargar ao limite máximo da sua eficiência, tem, como objectivo e motivação primeira, a protecção à família.

Uma das lições a extrair desta Semana de Estudos Sociais está precisamente na consciência que revela. Consciência de quê e de quem? Consciência das assistentes sociais que, durante anos, vêm auscultando, através de uma experiência sempre renovada, os sintomas de um estado de coisas que, a não ser prontamente corrigido, poderá pôr em risco a sanidade do organismo social. Se nalguns casos foi possível imputar à falta de senso e de noção exacta dos deveres por parte do cidadão, a causa de muitas perturbações familiares, uma conclusão, no entanto, subsistiu e se impôs como determinante incontroversa da maioria dos problemas: o precário orçamento doméstico apoiado nos magros vencimentos, à semana ou ao mês, do dono de casa. «Quem, melhor do que as assistentes sociais, conhece a Curraleira, o Casal Ventoso, Monsanto?...» — observou-se ao longo dos debates.

O problema da habitação é, por muitos lados, o problema da família. Ora se é verdade que a existência de casas sem o mínimo de conforto e higiene...».

* * *

Esta notícia fala-nos nas *assistentes sociais* que trabalham já em alguns concelhos, iniciativa que merece o carinho de todos os bons portugueses.

Mas é caso para perguntarmos: qual a razão por que o nosso concelho ainda não tem (desconhecemos) algumas assistentes sociais?

É que o concelho de Guimarães, por ser muito industrial, tem talvez mais necessidade delas do que muitos outros.

Assim, esperamos de ver, dentro em breve, esta lacuna preenchida.

Apontamento escolar

Hoje registamos os nomes das seguintes senhoras professoras que foram colocadas nas escolas desta região: — Nas de Polvoreira, D. Maria Carolina Leite da Silva, D. Maria Isabel, D. Maria Graciosa Conceição A. Lopes e D. Maria Augusta Magalhães e Sousa; em Nespereira, D. Maria do Rosário Pinheiro Gomes e D. Irene da Silva Pereira Vaz; em Pinheiro, D. Maria dos Anjos Esteves Pereira; em Calvos, D. Adelina Emília Garcia; e em Gémeos, D. Marília Helena Cunha Torres.

Com vista à Câmara

Por motivo de obras na rodovia de Covas, está o trânsito impedido nas estradas camarárias dos Cães da Pedra e Cruz de Pedra. Por tal motivo, impõe-se que a Câmara mande iluminar convenientemente a parte que abriram para a passagem de peões que da Cruz de Pedra dá ligação à E. N., tanto mais que existem por ali fábricas.

O Natal e os pobres

Para a campanha que vimos fazendo em prol do grupo local de «Bem-Fazer», deu-nos a sua inscrição para sócio-benfeitor, mensal, o Sr. Sidónio da Silva Correia, e recebemos também 10$00 de um amigo em memória de seus pais.

Os nossos agradecimentos.

Mais uma vez

Mais uma vez a empresa Auto-Mondinense suspendeu, durante alguns dias, as suas carreiras para a Penha, pelo facto da estrada camarária estar intransitável. Ainda na quinta-feira um automóvel de praça viu-se em sérias dificuldades para passar para o lugar dos Carvalhos, onde foi buscar um sinistrado, e no regresso teve de vir por um caminho.

Caridade

Para a Campanha do Natal a favor dos pobres protegidos por este jornal, recebemos do Sr. Guilherme Fernandes Abreu 20$00 que agradecemos.

Cartão de visitas

Fazem anos no dia 26 os nossos bons amigos Srs. António de Araújo e Filinto Elísio da Cunha e Silva.

— Também faz anos no dia 27 o nosso prezado amigo Sr. José Pereira Vaz.

A todos, muitos parabéns.

Boas-Festas

Aos nossos prezados leitores e amigos apresentamos cumprimentos e ardentes votos de um Feliz Natal. — *C.*

Campelos

(RETARDADO)

Situação angustiosa

Torna-se cada vez mais necessário e urgente o conveniente arranjo da estrada de Campelos. Com as chuvas diluvianas que ùltimamente têm caído, o estado desta movimentada estrada quase que impossibilita o trânsito. Depois de repetidas vezes termos focado este assunto, mais uma vez — e oxalá fosse a última — nos ocupamos dele, embora ligeiramente, para implorar (é o termo) a solução deste momentoso problema, sem dúvida o principal da nossa terra. Sabemos que existe uma verba destinada ao arranjo de parte desta estrada. Urge portanto dar-lhe concretização. A propósito sugerimos um alvitre: Que a primeira fase desta obra, fosse desde o lugar das Vendas, até ao Redondo, lanço este que compreende o centro da povoação e se apresenta em lastimoso estado, verdadeira situação angustiosa, sendo por isso de maior urgência o seu conserto.

Luz eléctrica em V. N. de Sande

Foi recentemente inaugurada a luz eléctrica na vizinha freguesia de Vila Nova de Sande, estando iluminados alguns dos seus principais lugares. É de toda a conveniência fazer chegar este benefício aos restantes lugares desta terra, especialmente ao lugar dos Burrecos, onde se encontra instalado o campo de jogos do Clube Operário de Campelos.

Novo assinante

Como prenda de Natal, deu-nos o prazer da sua assinatura, com pagamento adiantado, para o *Notícias de Guimarães* o nosso prezado amigo e conceituado industrial de cutelarias, Sr. José Machado, de Creixomil.

Boas-Festas

Aos nossos superiores e a todos os nossos colegas, leitores e amigos, desejamos Boas-Festas e um Novo Ano próspero e feliz. — *C.*

Caldas das Taipas

(RETARDADO)

Melhoramentos

É sempre grato aos nossos sentimentos bairristas noticiar factos que concorram para o progresso da nossa Vila, e, sobretudo, quando eles respeitam a melhoramentos de valia, como o da continuação das obras do alargamento da E. N. n.º 310, iniciadas há anos por iniciativa do grande estadista que foi o malogrado Engenheiro Duarte Pacheco.

A primeira fase, que consistiu na remodelação da estrada desde a Rua de Santo António ao lugar da Lameira, ficou excelente, isto é, mais larga, com pavimento em paralelepípedos e dotada de novos e espaçosos passeios.

A segunda fase, compreende a remodelação da actual Rua de Nossa Senhora de Fátima, mas, para tanto, era necessário que a Câmara Municipal comparticipasse nas despesas de expropriação de parte de algumas casas a demolir.

O problema arrasta-se há alguns anos!

Finalmente, o ilustre Presidente da Câmara Sr. Dr. Castro Ferreira, pôs o assunto em causa na última reunião realizada, tendo o Município assumido o encargo de colaborar com a Junta Antónoma das Estradas, dentro do possível, para que as Caldas das Taipas fiquem dotadas com aquele importante melhoramento.

Esta deliberação da Câmara Municipal causou entre todos os taipenses grande contentamento, e, estamos certo que o dig.mo Director das Estradas do Distrito e bom amigo das Taipas, Sr. Engenheiro Martins Moreira, em breve ordenará o início desta obra que muito contribuirá para o aformoseamento da Vila.

A Junta de Turismo, Junta de Freguesia e outros organismos da terra que se interessam pelo desenvolvimento das Taipas, enviaram ao ilustre Presidente da Câmara as suas felicitações e agradecimentos ao Município por tão valiosa deliberação.

Boas-Festas

Ao nosso ilustre Director, bem como aos nossos estimados colegas que semana a semana colaboram prestigiosamente no *Notícias de Guimarães*, apresentamos os nossos melhores cumprimentos de Boas-Festas com votos de um Novo Ano repleto de felicidades. — *C.*

Pevidém

A quem de direito

Ùltimamente tem-se verificado que as tabernas que existem nesta terra já são mais que suficientes, pois os embriegados fazem das suas...

Ainda há dias deitaram abaixo parte de um muro pertencente ao Sr. Aprígio da Cunha Guimarães.

Calendário

Recebemos interessantes calendários desportivos, do *Diário Ilustrado*, por intermédio do seu representante em Guimarães, Sr. Manuel Teixeira da Silva Martins, que muito agradecemos.

Boas-Festas

A todos os leitores do *Notícias de Guimarães* desejamos Boas-Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Guardizela

Movimento de solidariedade

Transporte: 840$00; Custódio Nogueira, 2$50; João Pacheco, 2$50; Eduardo Rocha Ferreira, 2$50; Francisco Machado, 2$50; José Pereira de Castro, 2$50; António José Ribeiro, 5$00; Júlio Ribeiro, 2$50; Josefa Ferreira, 2$50; Maria Pimenta, 2$50; José Fernandes, 10$00; Narciso de Freitas, 5$00; João Pereira da Silva, 5$00; Domingos de Oliveira, 5$00; José de Oliveira Machado, 2$50; Bento da Silva Agra, 5$00; Domingos Alves, 2$50; Manuel Ribeiro de Matos 5$00; Manuel Machado, 2$50; Delfim de Freitas, 2$50; Manuel Alves, 10$00; José Duarte, 10$00; António Dias Ferreira, 5$00; José Alves Pimenta, 5$00; Francisco Alves, 5$00; Abílio Machado, 2$50; Carlos de Sousa Pereira, 2$50; Mário Salgado, 2$50; Inácio Ferreira de Sousa, 2$50; Alfredo Francisco Pereira, 5$00; Manuel Mendes, 5$00; Joaquim Cardoso, 2$50; Manuel Martins Ribeiro, 5$00; Arnaldo Evangelista Pereira, 2$50; Paulino Carneiro, 5$00; Luís Alves, 2$50; Adelino Machado, 2$50; Abílio Machado, 10$00; Manuel Fernandes, 5$00; David Carvalho, 5$00; António de Oliveira, 20$00; José da Cunha, 2$50; Estanislau de Araújo, 10$00; Anónimo, 6$50. *A transportar*, 1.044$00.

Voz do povo

«Sr. Correspondente:

Com todo o respeito me dirijo a V...., para por intermédio do *Notícias de Guimarães* se fazer eco do seguinte:

A pacata e humilde gente desta aldeia de Ancide (Moreira de Cónegos), com cerca de trezentos habitantes, é digna de melhor sorte!

Não tem um fontanário de água limpa. Para dentro do depósito entra o enxurro nos dias de Inverno e a água suja duma presa que é uma autêntica pocilga. Essa presa é onde esta aldeia lava no Inverno, pois, no Verão, tem de andar cerca de mil e quinhentos metros para chegar ao rio (que é público), pois esta aldeia não tem nada que se possa chamar seu.

Não sei de quem é a culpa, o que sei é que esta aldeia continua a ser desamparada por todos, pois a Câmara parece não querer saber: quanto à Junta não falemos.

Urge que o assunto seja resolvido, pois a fonte deita os tais bichos-pintos por ela fora e (caso sério) vêm nos cântaros para casa. Quer dizer: a dita presa está cheia de carrapatos e nós estamos como o carrapato na lama. — *Um amigo*».

Comendador Alfredo Ferreira

Conforme o nosso jornal com toda a oportunidade noticiou em seu último número, faleceu no passado dia 20 o grande industrial de Riba d'Ave, Comendador Sr. Alfredo Ferreira, que contava 69 anos de idade.

O funeral realizado no passado domingo, dia 21, da capela do Hospital Narciso Ferreira para a paroquial daquela freguesia e dali para o cemitério da mesma, teve uma desusada concorrência, tendo acompanhado o ilustre finado à sua última morada muitas associações, entidades e individualidades, das quais nos é impossível fazer menção, embora que parcialmente, dada a grande extensão da nossa carta de hoje.

O pranteado morto era casado com a Sr.ª D. Maria Amélia da Costa Ferreira, pai do Sr. José Carlos Ferreira; irmão da Sr.ª D. Rita Ferreira Braga e dos Srs. Comendador Delfim Ferreira e Conde de Riba d'Ave.

À ilustre família enlutada *Notícias de Guimarães* apresenta as mais sentidas condolências.

Carteira do leitor

Fez anos: — Ontem, o nosso querido amigo Sr. Adão Alexandrino da Costa Carneiro, a quem apresentamos os nossos parabéns.

Albano Evangelista Pereira.—Este nosso ilustre amigo faz anos no próximo dia 31. Por tal motivo apresentamos ao Sr. Albano Evangelista Pereira as nossas felicitações.

Faz anos: — Hoje, a Sr.ª D. Custódia Pereira, esposa do nosso estimado amigo Sr. Adelino Ribeiro de Matos, de Moreira de Cónegos.

(RETARDADO)

Visita Pastoral a Gandarela

São 14 horas do dia 6 de Dezembro. — Algo de novo se passa na vizinha freguesia de Gandarela. Todo o povo se dirige para a igreja paroquial onde se reúne, aguardando a chegada do representante de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, nosso venerando Pastor.

Vivem-se momentos de ansiedade! Fazem-se os últimos preparativos e, eis que se divisa ao longe, deslizando suavemente, o carro que proporcionará, àquele povo, a alegria de ver junto de si o venerando Bispo Auxiliar de Braga.

Eis que chega, e toda a gente, dando largas ao entusiasmo que lhe inunda a alma, vibra em uníssono um veemente viva à Igreja Católica, ao Papa e ao nosso venerando Pastor. O Prelado paramenta-se junto ao cruzeiro que fica em frente à igreja paroquial. Levanta-se então a voz dum filho daquela freguesia, que sente bem no seu coração que representa o de toda a gente, o júbilo que o anima neste solenìssimo momento para saudar expressivamente o Senhor D. Francisco Maria da Silva. Em seguida dirige-se a procissão à pequenina sala de visitas de Gandarela — a igreja paroquial. Sua Ex.ª Rev.ma dirige então palavras paternais e de incitamento a todas as ovelhas do rebanho que *lhe* está confiado. Segue-se a administração do Santo Crisma. Por fim manifesta o *seu* contentamento por ver que os meninos da catequese estão bem instruídos na doutrina do Senhor.

Organiza-se a procissão ao cemitério; romagem de oração e saudade por aqueles que já findaram. Indo, por fim, visitar a residência paroquial, abandonou Gandarela, deixando uma viva saudade no coração de todo o povo que se sente grato perante uma visita tão paternal.

Procissão de Velas

Como oportunamente noticiámos, realizou-se, no passado dia 6, na vizinha freguesia de Gandarela, uma imponente procissão de velas que teve o seu início no lugar do Carvalho, pois a imagem do Sagrado Coração de Jesus que se expunha belíssima num andor lindamente engalanado, foi oferecida pelas beneméritas Sr.as D. Alcina Moreira Gomes e D. Emília Moreira Gomes.

Padre Ezequiel de Freitas

Passa, no dia 1 de Janeiro, o aniversário natalício do zeloso pároco de Moreira de Cónegos Rev. Ezequiel de Freitas, que naquela freguesia tem sido um dinâmico renovador.

Que Deus conserve ainda por muitos anos a saúde do venerando sacerdote para poder continuar a olhar pelo seu rebanho.

Desastres

No domingo, dia 21, no lugar das Vinhas, em Moreira de Cónegos, foi atropelada por um automóvel Maria da Conceição de Oliveira Leite, filha de Torcato Oliveira Leite, daquela freguesia.

Transportada no mesmo automóvel ao Hospital de Vizela, ali foi tratada dos vários ferimentos que tinha pelo corpo e nos lábios, depois do que recolheu a casa, por não ser de grande gravidade o seu estado.

— Também Joaquim da Cunha, casado, da mesma freguesia, deu uma queda abaixo da bicicleta em que montava, ficando no momento bastante mal tratado.

Transportado num automóvel que na ocasião passava no local ao Posto Clínico de Vizela, ali foi tratado dos vários ferimentos que tinha na boca e testa.

Como o seu estado não inspirasse grandes cuidados recolheu a casa.

Caixa de C. Agrícola Mútuo de Guimarães

Convocação da Assembleia Geral

Como determinam os Estatutos, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Guimarães, convoca a Assembleia Geral Ordinária para o dia 14 do próximo mês de Janeiro, pelas 10 horas, no largo João Franco, n.º 18, desta cidade. Não reunindo a maioria dos sócios para a realização da referida Assembleia, fica esta adiada para igual hora do dia 22 do mesmo mês, procedendo-se então vàlidamente com qualquer número de sócios presentes ou representados.

Assuntos a tratar:

1.º — Discutir e votar Balanço às conclusões do relatório e o parecer do Conselho Fiscal.

2.º — Julgar os actos da Administração.

3.º — Fixar ordenados.

4.º — Eleger os Corpos Gerentes.

Os livros de escrituração e todos os documentos respeitantes às operações sociais serão facultados ao exame dos associados durante os oito dias anteriores ao dia designado para a primeira convocação.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Guimarães, 28 de Dezembro de 1958.

(70¢)

O Presidente da Assembleia Geral,

José Alves Dias Machado.

Honroso proceder

Num gesto altamente dignificante, os operários do 2.º turno da fiação da Empresa da Cuca, Moreira de Cónegos, reconhecendo que seu colega de trabalho António Martins de Moura, de Lamoso, é muito pobre, reuniram e, num acordo familiar, resolveram levar a alegria àquele lar desprotegido, dando-lhe o necessário de tudo que faz falta para a ceia e almoço de Natal.

Tão cativante iniciativa bem merece o nosso aplauso e que Deus os recompense.

Festa de Natal nas Escolas de Moreira de Cónegos

Foi muito concorrida a festa escolar do Presépio em Moreira de Cónegos, tendo presidido ao acto o pároco de freguesia Rev. Ezequiel de Freitas e à qual assistiram inúmeras pessoas de bem.

As crianças representaram números engraçadíssimos, sendo, a seguir, servidas ofertas a todas e aos professores um lanche.

Casamento

Às 11 horas do último domingo consorciaram-se, na paroquial de Moreira de Cónegos, a Sr.ª D. Maria Flávia de Freitas Machado, filha da Sr.ª D. Maria de Belém, já falecida, e do Sr. Ramiro Dias Freitas Lima, daquela freguesia, e o Sr. Joaquim Dias Coelho, de Lordelo, filho da Sr.ª D. Laurinda de Oliveira Coelho e do Sr. Armindo Dias Pereira, já falecidos.

Apadrinharam o acto o pai e irmã da noiva.

Após as cerimónias religiosas os noivos e convidados encaminharam-se para Guimarães onde lhes foi servido, no Restaurante Jordão, um óptimo almoço.

Os noivos, a quem desejamos todas as felicidades, seguiram em viagem de núpcias pelo Sul do País, donde já voltaram. — *C.*

Semião António Fernandes, Filhos
(PICHELEIROS)
Travessa de Camões GUIMARÃES
Desejam BOAS FESTAS e Feliz Ano a todos os Clientes e Amigos.

O Proprietário da

Tabacaria Bastos

Apresenta aos seus Clientes e Amigos os seus cumprimentos de Boas Festas.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: — No dia 29, a Sr.ª D. Maria Amélia da Silva, esposa do nosso bom amigo Sr. António Martins da Silva e o Sr. Júlio Rodrigues Guimarães; no di 30, os nossos prezados amigos Srs. José Manuel Soares da Silva Correia, residente no Porto; Manuel Paulino Ferreira Leite e Cap. Amadeu da Silva da Costa Carvalho; no dia 31, os nossos prezados amigos Srs. Dr. Manuel José Ferreira da Costa, ilustre prof. do Liceu D. João III; José Maria Machado Vaz e Avelino da Silva; no dia 1 de Janeiro, a Sr.ª D. Adelina de Sousa Guise, esposa do nosso querido amigo Sr. Comendador Albano de Sousa Guise, residente no Rio de Janeiro; a Sr.ª D. Maria das Dores Pinto Soares, de Fafe, esposa do nosso prezado amigo Sr. Dr. José Maria Campos Soares, e os nossos prezados amigos Srs. António Pereira de Abreu, de Ronfe e Tenente Álvaro Martins de Campos, e as Srs.ªs D. Deolinda Ribeiro Jorge e D. Lucinda da Silva Prado e *Mademoiselle* Maria Elvira Ferreira Pinheiro, filha do nosso bom amigo Sr. António José Pinheiro Júnior; no dia 2, o Sr. Adão Alves, de Covas; no dia 3, as meninas Laura Torcato e Maria Torcato; no dia 5, o nosso prezado amigo Sr. Manuel Teixeira de Freitas.

Notícias de Guimarães apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

* * *

Completa no dia 3 dez risonhas primaveras a interessante menina Olga Maria de Freitas Martins Fernandes, filha da Sr.ª D. Maria José de Freitas Martins Fernandes e do Sr. José Ramos Martins Fernandes, ausentes no Brasil. Os nossos parabéns e os votos de muitas felicidades.

— No dia 6 completa nove risonhas primaveras o menino Carlos Alberto, filho do nosso bom amigo Sr. João de Oliveira Coutinho e de sua esposa.

Muitos parabéns.

* * *

No próximo dia 1 de Janeiro completa duas risonhas primaveras a interessante menina Cidália Maria, filha do nosso amigo Sr. Benjamim de Almeida Ferreira e de sua esposa. Parabéns.

Pedidos de casamento

O Sr. José Miranda e sua Esposa, a Sr.ª D. Emília Novais, pediram em casamento, em dia de Natal, para seu filho Sr. Augusto Novais de Miranda, a gentil menina Anita da Costa Monteiro, filha do Senhor Alberto Monteiro e de sua Esposa, Sr.ª D. Teresa Maria da Costa, já falecida.

Aos noivos desejamos muitas venturas.

Covas. — Foi pedida em casamento pelo Sr. José Maria da Costa a mão da menina Maria Esperança Salgado da Costa para o Sr. José Lopes Pereira. — *C.*

Partidas e chegadas

Com sua esposa tem estado nesta cidade, de visita a seu pai e a passar as festas do Natal, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo Sr. Eng.º Duarte do Amaral, ilustre Deputado.

— Com suas famílias vieram passar o Natal a esta cidade os nossos prezados amigos Srs. João Pedro de Sousa Guise, José Soares Barbosa de Oliveira e Pedro Pereira de Freitas.

— Com suas Esposas, estiveram nesta cidade os nossos bons amigos Srs. João Pedro de Sousa Guise, Alfredo Faria Martins, Poeta Delfim de Guimarães, José Alberto Rodrigues Milhas e João Pereira Guimarães.

— Também esteve com sua família nesta cidade a nossa ilustre colaboradora Sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— Com suas Esposas, estiveram nesta cidade, pelas festas do Natal, os nossos bons amigos Srs. Engenheiro Francisco Carvalho Jacinto, de Lisboa, e Domingos Martins Guimarães, de Espinho.

Regresso ao Brasil

Por via aérea regressou na terça-feira ao Rio de Janeiro a Sr.ª D. Hermínia Teixeira Pinto, esposa do nosso querido amigo Sr. Alfredo Teixeira Pinto.

Doutor Nuno Simões

Acompanhado de sua Esposa e gentil Sobrinha, esteve nesta cidade e deu-nos a honra da sua sempre grata visita, o nosso querido Amigo e distinto Economista, Sr. Doutor Nuno Simões.

Doentes

Foi há dias operada no Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, a Sr.ª D. Laura Fernandes Abreu, que vai a melhor dos seus padecimentos.

— Está gravemente doente a Senhora D. Celeste Barreira Teixeira, esposa do nosso bom amigo Senhor João Teixeira.

Desejamos as melhoras das doentes.

Falecimentos e Sufrágios

Comendador Nicolau Cardoso Guimarães

No Rio de Janeiro, onde já residia há muitos anos, faleceu o vimaranense Sr. Comendador Nicolau Cardoso Guimarães, abastado capitalista.

Apresentamos condolências a sua família.

José Inácio Martins da Rocha Almada Azenha

Finou-se com 32 anos de idade o Sr. José Inácio Martins da Rocha Almada Azenha, filho da Sr.ª D. Ana Amália Almada Azenha Martins da Rocha e irmão do Sr. Fernando Martins da Rocha Almada Azenha, cujo funeral se efectuou na quarta-feira, do Templo da Oliveira para o cemitério de Santa Marinha da Costa.

Os nossos pêsames à família.

D. Joaquina Fernandes Ribeiro

Em S. Torcato, com 75 anos de idade, faleceu confortada com todos os sacramentos esta bondosa Senhora, irmã das Sr.ªs D. Josefa Fernandes Ribeiro, D. Emília Fernandes Ribeiro e D. Rosa Fernandes Ribeiro e tia dos Srs. Padre José Fernandes Ribeiro, digno pároco de Azurém, Júlio Fernandes Ribeiro Martins, Júlio Fernandes Martins e da Sr.ª D. Joaquina da Conceição Fernandes Ribeiro Martins, casada com o Sr. Feliciano de Oliveira.

O funeral, realizado ontem em S. Torcato, foi muito concorrido.

Os nossos pêsames à família dorida.

Diversas notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. Rainha, Telef. n.º 40424.

No dia de Ano Novo estará de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. Toural, Telef. n.º 40184.

Vida Católica

Irmandade da Penha

Procedeu-se no domingo à eleição da nova Mesa da Irmande de Nossa Senhora do Carmo da Penha, verificando-se o seguinte resultado.

Belmiro Mendes de Oliveira, *Juiz.*

Adriano Nunes de Almeida (Dr.), *Secretário.*

Joaquim Fernandes Marques, *Tesoureiro.*

José Gilberto Pereira, *Procurador.*

Vogais. — Domingos Mendes Ferdes, Domingos Torcato Ribeiro de Almeida, Francisco José da Silva Guimarães.

Suplentes: — Alberto Fernandes, Bráulio Teixeira Carneiro, João António da Silva Guimarães.

Virgem Peregrina

No próximo domingo, dia 4 de Janeiro, a cidade terá, mais uma vez, a distinta honra de receber, dentro dos seus muros, a milagrosa imagem da Virgem de Fátima, que será recebida em grande apoteose no lugar do Proposto, seguindo depois em procissão de velas para a Igreja da Colegiada, onde estará à veneração dos fiéis durante uma semana, havendo durante este período de tempo vários actos de culto com conferências por um distinto orador sagrado, e bem assim romagem de peregrinos das freguesias do arciprestado que ali irão prestar homenagem e pedir graças à Mãe de Deus.

Conferência de S. Vicente de Paulo da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira

Foi bem acolhido o apelo feito aos fiéis que no passado domingo tomaram parte nas missas celebradas na sua Igreja Paroquial, e que tão generosamente contribuíram com as suas esmolas, para custear as despesas feitas com um abundante bodo distribuído pelos seus pobrezinhos, por ocasião do Santo Natal.

Esta conferência agradece reconhecidamente aos seus benfeitores o auxílio prestado e que S. Vicente de Paulo os proteja.

Semana de Estudos Pastorais

Vai realizar-se de 4 a 11 de Janeiro uma «Semana de Estudos Pastorais» sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar, que será como que a conclusão prática, da Visita Pastoral ao concelho de Guimarães.

Pôr em comum os problemas mais urgentes e trazer à apreciação de todos, experiências feitas, métodos empregados e projectos de futuro, a tanto se destina essa semana de trabalhos.

Não interessa apenas ao clero esse estudo.

São chamados todos os que têm responsabilidade na formação cristã da família humana, de modo a corresponder ao apelo da Igreja para que se prepare—*um mundo melhor.*

Muito será de apreciar a presença dos leigos—cavalheiros ou senhoras, a estudar juntamento com o clero, o modo de melhor levar a Mensagem Cristã aos pontos mais afastados da nossa região.

A hora é de acção, rápida, decidida e fiel à Santa Igreja.

É enorme a responsabilidade dos católicos nesta viragem da história.

Pio XII, afirmara que não se trata agora de estudar métodos ou fazer experiências. Os métodos foram estudados já. As experiências estão feitas.

Agora é a acção.

Esta «Semana de Estudos Pastorais» tem por fim lançar na acção, à luz das experiências feitas e na esteira dos métodos bem provados, sob a orientação da Hierarquia da Igreja, sacerdotes e leigos fiéis que sintam queimar-se-lhes a alma na chama do zelo apostólico.

As sessões de estudo da manhã realizam-se no Salão Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira e as sessões públicas no Ginásio do Liceu, à noite e nos dias indicados.

As primeiras serão limitadas ao clero e a todas as pessoas *especialmente* convidadas.

Às outras pode assistir quem quiser, conforme a lotação do Ginásio.

Programa

Dia 5 — 11 horas.

Tema:

A Paróquia, Comunidade de Fé — 1.º núcleo da vida religiosa na grande família católica (Pio XI); O Pároco; As Associações Religiosas; Os organismos sociais; Meios de dar às famílias o autêntico «sentido comunitário».

Relator — Padre Joaquim José Leite Araújo, pároco da Vila de Fafe.

N. B. — Discussão às 14 horas.

Dia 7 — 11 horas.

Tema:

A Paróquia, Comunidade Litúrgica — A Missa Paroquial; Os Sacramentos; As devoções recomendadas pela Igreja; O canto litúrgico e comutário; A Encíclica «Mediator Dei» e a Instrução da S. C. dos Ritos sobre a «Música Sacra e a Liturgia».

Relator — Dr. Manuel Ferreira de Faria, Maestro e Proefssor dos Seminários.

N. B. — Discussão às 14 horas.

Dia 8 — 11 horas.

Tema.

A Paróquia, Comunidade de Apostolado (Missionária) — O problema novo, criado pela industrialização; Famílias mal constituídas; Os indiferentes; Os hóstis; O problema da emigração; Investida protestante.

Relator—Dr. Gustavo de Almeida, pároco de S. Nicolau, da cidade de Lisboa.

N. B. — Discussão às 14 horas.

Dia 9 — 11 horas.

Tema:

A Paróquia e o Magistério da Igreja (Comunidade de Ensino) — Doutrina da Igreja sobre o ensino religioso; Encíclica «Acerbo nimis» e Decreto «Provido sane»; Organização da Catequese; Associação da Doutrina Cristã; Posição perante a Escola Primária; E a Escola Católica Paroquial?...

Relator — Padre Constantino M. de Sousa, Director do Colégio do Minho — Viana do Castelo.

N. B. — Discussão às 14 horas.

Dia 10 — 11 horas.

Tema.

A Paróquia, Comunidade de Caridade — Os pobres; Os desempregados; Os doentes; As famílias numerosas; Conferências Vicentinas; Centros Paroquiais de Assistência; Patronatos; Jardins de Infância; Oratórios festivos, etc.

Relator — Padre António Soares Pacheco, Pároco do Carvalhido, da cidade do Porto.

N. B. — Discussão às 14 horas.

Sessões públicas

Dia 5, segunda-feira, às 21,30 h.

Aspecto social da Mensagem de Lurdes, pelo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, Professor do Seminário.

Um problema preocupante: «Os dirigentes», pelo Dr. Felisberto Ribeiro Leite, Advogado.

Dia 7, quarta-feira, às 21,30 h.

Um centenário e uma Mensagem: «O Santo Cura d'Ars», pelo Padre Manuel Araújo Abreu Carneiro, Secretário do Seminário de Braga.

Um tema urgente: «A educação», pelo Dr. Adriano Nunes Almeida, Professor do Liceu.

Dia 9, sexta-feira, às 21,30 h.

Teologia nas aparições marianas, pelo Dr. António de Castro Xavier Monteiro, Professor do Seminário.

Uma chamada geral: «A caridade», por D. Maria José Novais, da Junta de Província do Minho.

Nota — Estas sessões realizam-se no Ginásio do Liceu.

COMISSÕES —— CONSIGNAÇÕES —— e CONTA PRÓPRIA

Reinaldo & Guise, L.da

(Junto ao B. N. U.)

RUA D. JOÃO I, 15-B

Cumprimenta os seus estimados Clientes e Amigos e formula para todos votos de BOM NATAL com NOVO ANO muito próspero.

O Momento político do Brasil

San Tiago Dantas, professor, jornalista e político define-o, definindo a sua posição no Trabalhismo e o futuro do movimento de ideias que o seu partido pretende fazer.

Rio de Janeiro, Dezembro (por avião). — O Prof. Dr. Francisco San Tiago Dantas era, até há pouco, um grande mestre de direito, um internacionalista reputado na Europa e na América, um dos grandes advogados do Brasil e um intelectual cuja superior inteligência e vasta cultura literária e filosófica lhe granjearam, nos meios intelectuais, lugar proeminente. Na política ele fôra apenas um dos doutrinários do integralismo.

A aquisição, que fez há pouco mais de um ano, do *Jornal de Comércio,* o influente e mais do que centenário órgão da imprensa do Rio, atribuiu-lhe novas e brilhantes tarefas, em prol da cultura brasileira.

A sua adesão, realizada pouco depois, ao partido Trabalhista, significando a sua directa intervenção na política do país, completou um programa de acção na vida nacional brasileira a que a sua triunfal eleição para deputado por Minas Gerais, acaba de abrir novos e largos caminhos.

Se a entrada de San Tiago Dantas para o jornalismo activo em que os seus artigos logo se notabilizaram pela clareza e sagacidade das ideias e dos comentários, constituiu, para ele, um êxito iniludível, a sua filiação partidária e no grupo em que foi feita a do vice-presidente da República, Sr. João Goulart, não teve menor repercussão nacional.

A sua eleição de deputado por Minas Gerais deu-lhe ensejo a explicar e justificar as suas últimas atitudes.

O Jornal, do Rio, entrevistou-o, em seguimento e para encerramento do debate de ideias levantado em redor dos resultados eleitorais. San Tiago Dantas fez declarações que, se foram apreciadíssimas pelos seus recentes correligionários, suscitaram larga discussão doutrinária por parte dos outros partidos.

Começou ele por definir o sentido doutrinário do seu partido — «Trabalhismo não contém opção obrigatória entre capitalismo e socialismo. As suas tendências são conciliáveis com ele e um trabalhista pode ser socialista ou individualista, sem qualquer incoerência.

O que o trabalhismo quer sobretudo dizer é que progresso económico e progresso social devem andar a par, pois são interdependentes e inseparáveis. Ao enriquecimento do país deve corresponder uma melhor distribuição da riqueza para que a classe média e trabalhadora elevem o seu nível de vida e aumente a sua segurança e confiança no futuro.

O trabalhismo tem de ser, na luta entre a livre empresa e a apropriação colectiva dos bens da produção, uma doutrina e uma acção de equidade, de realismo social e de verdadeiro humanismo.

Os homens de empresa e que tenham a consciência das suas responsabilidades, não podem deixar de desejar e de trabalhar para uma reforma social em que a participação dos trabalhadores nos benefícios de enriquecimento nacional seja cada vez mais larga e mais efectiva.

Esta doutrina responde à própria posição por mim ùltimamente assumida e que muitos não quiseram interpretar com justiça e preferiram aceitar com espírito polémico ou meramente partidário.

O maior e melhor entendimento entre a classe trabalhadora condiciona a verdadeira política de progresso social que o país não pode deixar de pôr sempre em primeiro lugar. E se falo na classe industrial é porque a considero a mais interessada, entre os produtores, na melhoria de vida do país, por um consumo cada vez mais fácil e mais vasto em que todos possam naturalmente tomar parte. San Tiago Dantas refere-se, depois, em resposta ao jornalista, ao moralismo e à eficiência da administração:

Moralidade e eficiência

E diz:

« — A luta contra a corrupção na administração pública, na vida eleitoral e na actividade legislativa — é o primeiro e mais indeclinável dever dos homens públicos e dos Partidos. Penso, entretanto, que alguns homens públicos cometem um grave erro quando supõem que a luta pela moralização dos costumes políticos pode ser isolada do esforço pela maior eficiência do método de governar. Entre eficiência e moralidade existe uma relação de interdependência. Se o nível decai e a administração se mostra incapaz de resolver os problemas da comunidade, não há como manter a moralidade nos costumes políticos, pois uma e outra coisa são formas de irresponsabilidade. O que muitos censuram ao chamado moralismo não é a defesa da moralidade, que constitui um imperativo para todo o homem público digno desse nome, é o esquecimento da prioridade igual que deve ser assegurada à defesa da eficiência pois ninguém consegue, a longo prazo, moralizar uma classe dirigente incapaz de resolver os problemas dependentes de sua intervenção».

A sua conclusão na matéria foi:

« — Por isso, o culto da honestidade deve ser integrado com o culto da competência, sem a qual a moralidade pode existir em indivíduos isolados, mas não tarda a declinar no comportamento de uma classe detentora de liderança».

Sobre os resultados eleitorais do último pleito, San Tiago Dantas mostrou-se aptimista.

Todos os grandes partidos lucraram com as eleições que foram sobretudo uma vitória do regímen

E diz porquê:

« — As eleições de 3 de Outubro têm sido interpretadas pelos partidos, ora como vitória da UDN ora como vitória do PTB, e não faltam os que nelas apontam um sucesso do próprio PSD. Na verdade, elas deram motivo de contentamento a todos, pois a UDN conquistou expressivas vitórias do Senado, o PTB alcançou êxitos decisivos na competição pelo governo dos Estados, e o PSD manteve na Câmara o prestígio da sua legenda, demonstrando que ainda é a força majoritária no seio do eleitorado. O que, porém, resultou das eleições, de modo inequívoco, e pode ser reivindicado por todos os partidos, foi a demonstração da vitalidade do sistema representativo e a evidenciação de que as forças políticas são quem conduz o país.

Nesse sentido, as eleições foram uma vitória do regime. A situação se revela o oposto da que prevalecia, por exemplo em 1927, quando o golpe de Estado foi favorecido pelo desprestígio das forças políticas, do Congresso e da Constituição. Os brasileiros estão hoje confortados pelo pleito livre que tiveram, e havê-lo procedido com imparcialidade é um título de que se há-de orgulhar o Sr. Juscelino Kubitschek».

A ascensão das classes populares e a consciência das élites

O professor fez depois o confronto entre as aspirações e os anseios das classes populares e as responsabilidades das élites e afirmou:

« — Um dos aspectos favoráveis da evolução brasileira é a ascensão contínua de nossas classes populares, ascensão que se percebe melhor quando comparamos as classes assalariadas do Brasil às de países asiáticos ou americanos, que atravessam o mesmo período de desenvolvimento económico. O povo, embora ainda iletrado, numa tão alta proporção, apresenta um grau de independência, de pragmatismo e de inclinação ao aperfeiçoamento técnico e social, que o coloca muito à frente dos outros povos com que se compara.

É verdade que, em compensação, as camadas superiores da sociedade, as classes proprietárias, exclusão feita dos industriais e as classes dirigentes, não se mostram aptas a assimilar, e a traduzir em normas de conduta, tudo que a ciência e a tecnologia moderna carrearam e continuam a carrear, para solução dos problemas da sociedade, a classe dirigente, sobretudo a classe política dirigente, decai constantemente na estima e na confiança do povo, o qual reage polìticamente de formas diversas, todas expressivas do mesmo repúdio à liderança tradicional.

Foi essa observação da constante ascensão das camadas populares, e de tudo que nelas mergulha raízes, ao lado do declínio das classes dirigentes, que me levou a dizer, certa vez, que, a meu ver, no Brasil, as classes populares, como classes populares, estão mais adiantadas do que as élites como élites. Continuo a pensar assim, e entendo que o progresso das classes dirigentes só se obtém graças, em parte, a uma regeneração intelectual dos elementos tradicionais, susceptíveis de assimilar o novo tipo de cultura do dirigente moderno, e em parte pelo ingresso de elementos novos, saídos do povo, dos meios industriais ou das classes trabalhadoras, que trazem o seu pragmatismo, a sua objectividade, para substituir os antigos padrões de conduta e de mentalidade».

O director do *Jornal de Comércio* fez depois a análise do nacionalismo para o querer como o culto dos homens competentes, o crédito às capacidades comprovadas, à honestidade e à eficiência na administração pública e privada, o regímen, enfim, dos melhores, dos mais activos e realizadores e dos pessoalmente mais isentos. Estas foram as suas últimas palavras de fé e de confiança:

« — Estou certo de que a intuição do povo sobre o futuro do nosso país será confirmada pelo desenrolar da história, pois as condições do nosso crescimento demográfico, a importância do nosso potencial de recursos e as forças móveis que se contêm na nossa sociedade, vão permitir que nos tornemos uma nação mediadora dos benefícios da civilização, a exemplo de outras que hoje florescem, ou que floresceram em outras épocas. Para isso teremos de dar estrutura a esse movimento de ascensão popular, a que assistimos, e estou certo de que essa é a missão do trabalhismo».

Cursos de Ginástica

(educativa e respiratória)

Crianças, rapazes, raparigas e adultos

Duas vezes por semana **(quartas e sábados) às 18 horas**

Pelo professor

EDGAR TAMEGÃO (I. N. E. F.)

Inscrição aberta nas **Casas das Gravatas, Jaime** e na **Livraria de L. Oliveira & C.ª**

ORBE Representações

Felisberto Rodrigues

AVENIDA DA FRANÇA, 778 TELEFONE 60842

PORTO

Reconhecido pelas atenções recebidas, em seu nome e das suas representadas, cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, desejando um NOVO ANO muito próspero.

Georges Fischer S. A. — Schaffhouse/Suíça • Etablissements Benninger S. A. — Uzwil/Suíça • Jacques Muller — Frick/Suíça Lindauer DORNIER — Lindau/Bodense/Alemanha • Lonzona — Säckingen/Alemanha • Camenzind & Co. — Gersau/Suíça Emil Wild & Co. A. G. — St. Gallen/Suíça • Salzmann S. A. — St. Gallen/Suíça • R. Zinggeler S. A. — Zurich/Suíça Paul Grauer — Degersheim/Suíça • Helmut Heinz Bunzl — Zurich/Suíça • Omnipack G. M. B. H. — St. Gallen/Suíça

OMITA S. P. A.
Albate (Como) Itália
Teares para Seda

TITAN
Aktieselskabet-Dinamarca
Máquinas de atar Teias

SOCIÉTÉ DE DESSINS POUR TISSUS
Londres-Inglaterra
Desenhos para a Indústria Têxtil

Auto Rodoviária do Minho
DE
AMÂNDIO DE OLIVEIRA

CARREIRAS DIÁRIAS DE PASSAGEIROS ENTRE

Fafe-Braga; Arosa-Fafe; Arosa-Braga; Arosa-Guimarães; S. Torcato-Guimarães (estação); Felgueiras-Fafe (estação) e Felgueiras-Braga

EXCURSÕES EM LUXUOSOS AUTOCARROS

Sede: GARFE-PÓVOA DE LANHOSO — tel. 7411

ESCRITÓRIOS: BRAGA — tel. 3453 / FAFE — tel. 49267 / FELGUEIRAS — tel. 14

GUIMARÃES (Filial) • Rua da Caldeiroa, 2-4 • Telef. 40246

HOTEL DA PENHA

De onde se vislumbra um surpreendente panorama

Primoroso serviço de

«COPOS-DE-ÁGUA»

ÓPTIMO SERVIÇO DE MESA

Encarrega-se de serviços para banquetes, casamentos, etc.

ABERTO TODO O ANO

GERENTE:

JOSÉ DE OLIVEIRA MARTINS

TELEFONE 4245

CASA DOS ENXOVAIS

Telefone 4462 **Telegramas: ENXOVAIS**

Abreu Lopes & C.ª, L.da

Panos de linho, Panos de algodão, Sarjas, Bretanhas, Atoalhados para mesa, Toalhetes lisos, Toalhetes turcos, Lençóis turcos para banho, Pano turco a metro, Panos para cozinha, Colchas de seda e de algodão, Cobertores de lã e de algodão e um lindo e variado sortido de Bordados ::::: de Guimarães :::::

GUIMARÃES

Auto-Mondinense, L.da

Escritório:
Rua Vila Flor, 102 **GUIMARÃES**
Telefone 4529

PARTIDAS DESTA CIDADE

Penha: 7,30 12,05 14,10 18,40
Porto: 8,38
Mondim: 18,57
Celorico: 11 18,50

SERVIÇO DE EXCURSÕES PARA TODO O PAÍS

Carta a um maldizente...

Por Manuel José Rodrigues.

Há meses, à mesa de um restaurante, enquanto saboreávamos o almoço, não sei porque carga de água aludiu Você aos Rotários. Estavam connosco, além de duas pessoas indiferentes, um amigo comum e Companheiro rotário. Eu estava no outro extremo da mesa e, obrigado a fazer as despesas da conversação com os outros convivas, deixei que Você e o meu Companheiro tratassem do assunto.

Em todo o caso ouvi as suas críticas, apreciei a maneira, por vezes graciosa, como Você atacava os rotários e a sua actuação. E, num intervalo da conversa, disse-lhe que lastimava não ter já tempo para lhe responder, mas que brevemente o faria. Não sou pessoa que esqueça as suas promessas e aqui me tem Você, embora tardiamente, a cumpri-la.

Você sabe bem que é muito fácil criticar, dando a esta palavra aquele significado que vulgarmente e erradamente tem. É fácil dizer-se mal, sub-apreciar as intenções alheias, atacar as pessoas e as suas atitudes. O risinho de desdém, a palavra quase inocente que insinua, a piada que diminui, são armas do conhecimento de todos nós e, infelizmente, utilizadas com excessiva frequência.

Uma coisa, porém, me chocou. É que Você, que eu conheço de longos anos, cujas qualidades de trabalho, de inteligência e de coração muito aprecio, a ponto de o considerar um dos meus melhores amigos, estava criticando uma coisa que totalmente desconhecia.

Você nada sabe de Rotary. Todos os fins do Rotarismo lhe são completamente alheios; e o pior é que o reconhecimento que Você tem dessa ignorância o não inibia de dirigir aos Rotários as mais acerbas palavras do seu vocabulário. E isso é estranho! Você a dizer mal de coisas que não conhece, a apreciar em termos contundentes ideias e factos que lhe são totalmente estranhos e longínquos. Não lhe parece digna de censura essa atitude ou esse... atrevimento?

Não se desgoste, porém. Você é igual a quase todos. Dizer mal é um desejo universal. É facil, não dá grande trabalho e parece significar uma atitude mental de rebeldia e cepticismo muito elegante nos tempos que vão correndo... E não julgue, por estas palavras, que essa atitude me chocou demasiado ou que seja menos seu amigo do que era. A tolerância é um dos princípios que formam o ideal de Rotary. E eu sou Rotário.

Não, eu não venho censurá-lo; pretendo apenas esclarecê-lo.

Tenho de reconhecer que, nas suas apreciações, Você se limitava a fazer espírito, apreciando a seu bel-prazer aqueles cavalheiros—em sua opinião bem instalados na vida, — que gostavam de comer bem, em agradável companhia, escondendo o seu apetite com umas tintas de altruísmo e a sua vaidade de pessoas importantes com a falsa modéstia dum duvidoso companheirismo.

E tudo isto temperado com umas palestras ou discursos mais ou menos palavrosos, dando assim às reuniões, conforme as circunstâncias, um ar de sólida ou balofa erudição...

Eu tenho notado, através da minha vida, que pessoas como Você, bem formadas, inteligentes, estão sempre dispostas, contra tudo o que se podia esperar, a demolir trabalho que outros fazem. É raro encontrar-se um espírito construtivo e é muito mais frequente aparecer quem ajude a destruir do que quem auxilie a levantar. Parece que aquele espírito compreensivo de colaboração tende a desaparecer, substituído pela atitude singular daqueles que pretendem fazer crer aos outros que os únicos indivíduos de boa fé à face da Terra são eles mesmos, e que todo o resto da Humanidade é constituído por pessoas duvidosas a quem é preciso encarar com suspeita. E se aparecem uns ou outros que pretendem remar contra a maré da suspeita ou da desconfiança, que se levantam a manifestar as suas ideias e a sua esperança num Mundo melhor, compreensivo, tolerante, pergunta-se o que haverá, *de verdade*, atrás de toda essa propaganda. E se esses homens vêm dizer pùblicamente que o seu ideal é SERVIR, é de notar o riso incrédulo que lhes vem aos lábios e com que afã se procura descortinar, onde, como e de que maneira pretendem eles servir-se. Espíritos inteligentes que se não deixam *embrulhar*...

Eu julgo, e não vejo nisto uma ofensa, que esse estado de espírito não é mais que a manifestação de uma atitude mental e calculada de comodismo e indiferença. Fechados dentro da sua vida, confinados nos apertados limites do seu limitado círculo, fazendo seu evangelho a conhecida doutrina: João, trata de ti; não encontram dentro de si nada que os conduza, os encaminhe por uma estrada mais larga, aberta a todas as boas vontades, onde a cooperação e a amizade entre os homens possam andar de mãos dadas.

Neste, como em outros casos, esse cepticismo e essa maledicência são filhos naturais do Egoísmo. E não pode haver dúvidas; quem é egoísta, quem pensa apenas em si, quem quer atingir o seu alvo sem se preocupar com terceiros e sem se prender com os meios, quem faz da sua pessoa o centro do Universo, dos seus interesses a *única* razão da sua luta, pode ser tudo, tudo o que quiserem, mas não pode ser Rotário.

Afinal o que querem os Rotários? O que é que os move? Que alvos os preocupam?

Dizia, há tempos, numa reunião do Clube do Porto, aquele espírito brilhante que é o Dr. Vasco Nogueira de Oliveira, que o movimento Rotário tinha este objectivo: transformar o Mundo. Se aquele prezado Companheiro mo permite, eu traduzirei assim o seu pensamento: tornar o Mundo melhor.

É arrojado o objectivo?

Eu julgo que não há limite para as aspirações humanas e que não será nunca arrojado em demasia um pensamento generoso. Mas isso é outra história, que nos levaria muito longe.

Nós queremos, sim, contribuir para que o Mundo seja melhor.

Os Rotários são homens de negócios e homens pertencentes a todas as profissões. Um Clube estaria completo quando todas as profissões nele estivessem representadas, sem qualquer distinção ou preocupação de categorias. Assim, cada Clube, é um conjunto de profissionais que se pretende serem os mais competentes e capazes, que semanalmente se reúnem à volta da mesma mesa sem a menor preocupação de posição social, procurando tomar conhecimento da vida das outras profissões, aprendendo a conhecê-las e estreitando entre si os mais apertados laços de amizade.

Um Clube é um elo da cadeia. Por outras terras há Clubes idênticos e a amizade que liga os membros de um Clube é igual àquela que os ligará aos sócios de outros Clubes. Isto dentro de cada País e, saltando as fronteiras, nós temos os Rotary Clubes espalhados por todo o Mundo civilizado onde a liberdade de opinião e de reunião não são apenas palavras sem sentido.

Temos assim no Mundo um grupo de pessoas que trabalham para este objectivo inicial: amar o seu País, ser amigo de todos os homens em geral, procurar através das suas profissões SERVIR, isto é, ser útil aos seus concidadãos. E o grupo cresce dia a dia; nasceu de coisa nenhuma e hoje são quase 500.000 homens pertencendo a 10.000 Clubes espalhados pelo Mundo, árvore imensa cujos ramos se estendem por todas as latitudes e cujas raízes se prendem no coração de todos nós.

Nós temos a impressão, quase podíamos dizer *a certeza*, de que a maioria das desgraças que têm desabado sobre o Mundo, fazendo correr rios de sangue, provêm destas coisas simples: o desconhecimento que os homens têm do seu semelhante; o desinteresse ou indiferença com que se encaram as suas dificuldades ou as suas aspirações legítimas.

Sim. Nós julgamos que as desgraças que têm atingido o Mundo, nascem do espírito ambicioso dos homens e da sua incompreensão. Acreditamos que a Paz só se estabelecerá na Terra quando tivermos sabido criar uma atitude *humana* em face aos problemas da Vida. Essa atitude tem que basear-se no espírito de tolerância, de cooperação, no sentimento de verdadeira amizade entre os homens. Só sendo amigos os homens podem evitar de se encontrarem frente a frente como inimigos.

Tenho por vezes ouvido dizer de determinadas pessoas que elas não têm um amigo. Isto é impressionante; mas se cada um fizesse a pergunta a si mesmo, invertendo aqueles termos, se cada homem se interrogasse desta maneira: sou eu *amigo* de alguém? e se repetisse a pergunta, querendo encontrar uma resposta que não iludisse a verdade, que desolado vazio encontraria dentro de si!

Sim, que desolado vazio encontraria, verificando que efectivamente não era *amigo* de ninguém. Que se movia no mundo, impelido pela engrenagem da vida, como peça ligada às outras pela necessidade da existência, mas peça oca, vazia de todo o sentimento, indiferente ao trabalho das outras peças, desconhecendo-as e ignorando-as.

E é este o panorama do mundo em que vivemos. Os homens fecharam-se dentro de si mesmos. Cerraram as janelas dos olhos para não ver; calafetaram todas as frinchas para que nada viesse quebrar o seu isolamento. E distanciaram-se dos seus irmãos mais chegados, os outros Homens.

É contra isto que lutamos. É contra esse isolamento de indivíduos que vivem juntos e se ignoram, que se acotovelam e estão distantes, que se vêem dia a dia e se desconhecem, que nós, os rotários, nos juntamos, congregando à nossa volta homens de boa-vontade.

Queremos contribuir para que os homens reparem nos outros homens: que comecem por se conhecer; que acabem por se estimar. Todo o nosso movimento se baseia neste simples mas profunddo desejo de amizade. Queremos ser amigos de todos os que da nossa estima sejam dignos e, felizmente, muito poucos serão os homens do mundo que não mereçam a amizade dos seus semelhantes.

O ponto é querer conhecê-los e, convencidos de que não podem viver sós, querer criar essa amizade. É isso que estamos fazendo, procurando que, por nossas palavras e nossos actos, os outros verifiquem, mesmo com surpresa, que estamos prontos a dar-lhes a nossa compreensão e a nossa estima. Que verifiquem que não temos no bolso pedras para lhes atirar; que não temos na boca palavras para os ofender; que não temos no cérebro pensamentos para os diminuir; que não temos no coração sentimentos ou desejos de os prejudicar.

Este é um dos nossos objectivos e daqueles que mais profundamente me impressionam. Mas temos mais, entre eles o de SERVIR, palavra essa que a si lhe parecia sem sentido e que tantos sarcasmos lhe mereceu.

Vem a propósito dizer-lhe que eu não sou, de nenhuma maneira, uma autoridade em Rotary e por isso lamento que seja eu e não outro Companheiro mais capaz quem tivesse tomado a peito responder às suas críticas.

E, fixe bem, pretendendo esclarecê-lo não é meu propósito convertê-lo. Desejo apenas que Você seja mais justo nas suas apreciações sobre as intenções alheias e especialmente que não volte a dizer mal de coisas que não conhece.

Sobre o desejo de SERVIR, objectivo primordial de Rotary, poderia eu escrever páginas e mais páginas. O tema presta-se a grande desenvolvimento, mas esta carta já vai longa e eu estou a escrever para que Você a *leia*. Tenho pois que me limitar, passando apenas pela rama, ao apreciar este apaixonante objectivo.

Como sabe, todos nós temos uma profissão, o que quer dizer que todos somos gente que trabalha e para nós toda a profissão é útil e elevada desde que exercida com espírito de Servir.

Todo aquele que exerce uma profissão tem o justo desejo de obter do seu trabalho a remuneração conveniente. Nenhum de nós é simplesmente altruísta. Trabalhamos porque, fazendo-o, cumprimos o nosso dever num mundo em que não deve haver desocupados e porque precisamos de viver. O nosso trabalho tem, portanto, que dar-nos lucros.

Sòmente, e aí começa o espírito de Servir, sendo o desejo de obter conveniente remuneração o objectivo imediato de quem trabalha, não é para nós o ÚNICO, nem pretendemos que a ele se subordine toda a nossa actuação.

Nós pretendemos dar aos outros uma parcela do nosso trabalho, não dividindo com eles (como poderia pensar) uma parte dos nossos lucros, mas procurando retribuir-lhes, com mais proficiência, com maior experiência, digamos, com maior valor, aquilo que deles recebemos em pagamento.

Nenhuma profissão deve ser exercida em benefício exclusivo do profissional; ao contrário, deve procurar-se que resulte em benefício de quem precisa utilizá-la, e o Rotário tem a restrita obrigação de a exercer dentro desse espírito, dando à comunidade o que mais puder.

Eu dou-lhe alguns exemplos que melhor o esclarecerão.

Pode ser rotário o advogado que estuda bem as questões que se lhe põem, que bem aconselha quem se lhe confia, que tenta conciliar as partes e não explorar as suas desavenças na mira de melhores proventos; que defende os interesses dos seus clientes como se fossem seus próprios, que não aceita a causa que não é justa. Esse advogado pode ser Rotário porque tem espírito de Servir.

Pode ser Rotário o médico que se dedica inteiramente aos seus doentes; que tenta ajudá-los nas suas enfermidades; que põe ao seu serviço toda a sua ciência; que não olha a sacrifícios para salvar uma vida. Não pode ser rotário aquele que vê no doente apenas uma fonte de receita. O primeiro deseja Servir; o segundo pretende servir-se.

Da mesma maneira, o comerciante e o industrial que, quer pela sua experiência quer pelo escrúpulo que põem no emprego de produtos de boa qualidade, dão ao seu cliente, pelo preço justo de venda, um maior valor, podem ser rotários porque no exercício das suas profissões estão Servindo.

E chegará de exemplos.

SERVIR é isto tudo e é apenas isto: o desejo de ser útil, a vontade de cooperar. É possuir um espírito sempre actuante de boa-vontade e compreensão.

E, fora do exercício das nossas profissões, na nossa vida particular, no nosso meio de relações, na nossa comunidade, no nosso País, no mundo inteiro, manter sempre aquela atitude mental que nos leva a pôr, alegremente, ao serviço dos outros o nosso espírito de colaboração e o nosso auxílio.

Vou terminar. Relendo o que escrevi, verifico com pesar que não disse muito do que queria dizer nem o disse como devia. É que por mim falou mais o coração do que a inteligência. A eterna angústia do pilriteiro...

Vou, pois, terminar, mas antes, oiça ainda e talvez compreenda melhor por que é que eu sou Rotário.

Meu amigo: Andamos todos no Mundo, percorrendo a mesma estrada da Vida. Podem uns seguir sòzinhos, isolados, não olhando ao que os cerca, desconhecendo tudo o que lhes não diga respeito, indiferentes a quem passa. Podem seguir de olhos fechados e coração fechado.

Podem outros seguir na mesma estrada, de olhos abertos ao que se passa à sua volta; ouvidos atentos a escutar as vozes do mundo; reparando nos outros homens que consigo cruzam. Podem seguir acompanhados, ajudando-se na viagem; e aqui amparar uma pequena árvore, acolá dizer uma palavra amável a quem fica, mais além afagar uma criança, mais longe ainda aliviar um sofrimento. Podem seguir de coração aberto e confiante, sempre prontos a ajudar os que precisam, a aconselhar os que necessitam de conselho.

Uns e outros partiram da mesma origem. A todos espera o mesmo fim, o Fim inevitável que os aguarda. Lá chegarão todos um dia...

Os primeiros, os que seguiram sòzinhos e, indiferentes, se isolaram, quando esse dia chegar olharão para trás de si e, na longa estrada da sua vida, não vislumbrarão a sombra de uma árvore, a recordação de um impulso generoso que os tivesse animado. Viveram sós e sós se encontrarão consigo mesmo.

Os outros, os que têm o espírito rotário, os que cultivaram a amizade e o companheirismo, os que pretenderam SERVIR o seu semelhante, chegado também esse dia, e olhando o caminho percorrido, poderão, satisfeitos, concluir, como dizia Pasteur, que a sua Vida não foi de todo inútil e que, com a sua passagem pela Terra, alguma coisa lucraram os Homens, seus irmãos.

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 3 de Dezembro de 1958

A Câmara reuniu sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que apresentou a seguinte proposta:

«Tendo falecido a 29 de Novembro Alfredo Guimarães, vimaranense que deixa uma obra notável como escritor e crítico de Arte, a nossa Terra deve-lhe o grande serviço da criação do Museu de Alberto Sampaio.

Foi ele o seu fundador e director durante muitos anos.

Nessas condições, além de dirigir o claustro da colegiada, promoveu a sua abertura oficial ao público, com peças valiosas.

Enquanto o dirigiu, não se cansou de o enriquecer com novos elementos, auxiliado sempre pelo Município.

Como crítico de arte sabedor, deixa numerosos trabalhos entre outros sobre Mobiliário Artístico — Lamego-Guimarães e Paço Ducal de Vila Viçosa — e os três volumes dos Estudos do Museu.

Em 1940 publicou o Guia de Turismo e colaborou na Monografia de Guimarães ao lado de Alfredo Pimenta.

Atendendo aos serviços prestados a Guimarães, o Município homenageou-o em 1953, com uma sessão solene e a imposição da Medalha de Ouro da Cidade.

Além disso, era ainda membro da Academia Nacional de Belas Artes e possuia a Ordem de São Tiago.

Em face do que fica exposto verifica-se que foi um vimaranense utilíssimo à sua Terra e ao próprio País.

Tenho por isso a honra de propor:

1.º — Que fique exarado na acta desta reunião um voto de sentimento pela sua morte;

2.º — Que na primeira oportunidade o seu nome seja, ao lado de outros intelectuais, colocado numa das artérias novas da cidade».

A Câmara deliberou aprovar esta proposta e que, por ser justo, o seu nome seja incluído na homenagem que a Câmara vai prestar a outros vultos intelectuais.

Seguidamente a Câmara deliberou, além do mais, o seguinte:

— Expedir um telegrama nos termos que seguem: «Ex.mo Senhor Ministro do Interior — Lisboa — Câmara Municipal Guimarães reunida em sessão ordinária envia V. Ex.ª efusiva expressão sua homenagem, augurando as maiores prosperidades políticas, postas tão dignamente serviço da Nação — Presidente Câmara *(a)* Castro Ferreira».

— Conceder um subsídio de 1.500$ à Comissão das Festas Nicolinas para realização daqueles festejos;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pela Junta de Freguesia de Prazins, Santo Tirso, a propósito do subsídio concedido para reparação do cemitério daquela localidade;

— Conceder licenças para obras a: António Teixeira de Melo, Manuel Mendes de Oliveira, Albano Coelho de Lima & Filhos, Ltd.ª

— Sancionar os despachos do Ex.mo Presidente que concederam licenças para obras a: José Maria Félix Pereira, Manuel Faria, António Fernandes, Sociedade Martins Sarmento;

— Conceder licenças de habitação a Maria da Glória Dias Machado Pereira e Maria da Conceição Freitas Ribeiro;

— Conceder o direito ao uso de terreno no Cemitério Municipal, para sepulturas perpétuas, a Margarida Lobo de Sousa Machado Neves Pereira, Maria Mendes Fernandes e Francisco da Cunha;

— Se organizasse o processo de verificação do estado de ruína do prédio sito no lugar da Cruz de Argola, da freguesia de Mesão-Frio, conforme o requerido por João Mendes de Abreu, nomeando, para efeitos da necessária vistoria, os respectivos peritos;

— Notificar o proprietário do prédio n.º 27 da Rua da Caldeiroa, a desobstruir o cano de esgoto daquele prédio no prazo de 15 dias a contar da notificação, conforme o requerido pela inquilina Rosa da Silva e em virtude da informação da Repartição de Obras.

Reunião de 10 de Dezembro de 1958

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Sugerir à Junta Autónoma das Estradas que proceda à conclusão do alargamento da E. N. n.º 310, na parte correspondente à saída da Vila das Taipas para a Póvoa de Lanhoso, comparticipando esta Câmara, se for julgado necessário, nas respectivas expropriações;

— Adjudicar a Domingos Soares Lopes os trabalhos da rede de esgotos das ruas de acesso à Central de Camionagem e troço da E. N. 101 (Rua de São Gonçalo) e Rua Dr. Alfredo Pimenta (entre os perfis 120 e 123) pela quantia de 404.876$00;

— Encarregar o Arquitecto Sr. José de Sousa Lobato da execução dos trabalhos de levantamento e desenho à escala 1/500 dos terrenos do Estádio e Parque da Cidade;

— Tomar conhecimento das condolências apresentadas pelo Ex.mo Sr. António Montês, Director do Museu Provincial de José Malhoa, a propósito do falecimento do antigo Director do Museu Regional de Alberto Sampaio, Alfredo Guimarães — Medalha de Ouro desta cidade;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pela Junta de Freguesia de Sande, S. Clemente, a propósito do subsídio concedido para reparação do Cemitério daquela localidade;

— Aceitar a doação que faz à Câmara a Junta de Freguesia de Briteiros, St.º Estêvão, dum terreno existente no lugar de Real, daquela localidade, para construção naquele terreno dum edifício escolar dos previstos em orçamento;

— Adquirir os terrenos necessários à implantação do Cemitério de Serzedelo, pelo preço indicado pelos respectivos proprietários;

— Mandar proceder à montagem de uma bomba no poço existente no terreno do edifício escolar de Sande, São Martinho, com vista ao abastecimento de água àquela escola;

— Designar para fazer parte das comissões permanentes de avaliação da propriedade rústica e urbana, no próximo ano, respectivamente os Srs. João Aires de Sousa Pereira Guimarães e Francisco Félix Guimarães;

— Conceder licenças para obras a: Fernando de Sena Fernandes Cardoso, Joaquim Martins Pacheco, António Alves, Capitão Francisco Martins Fernandes, Joaquim Cardoso, Maria de Lurdes Peixoto Sampaio Bourbon, João da Silva Guimarães, António Lopes, Joaquim Pereira de Castro, Mário Lopes da Silva;

— Sancionar o despacho do Ex.mo Presidente que concedeu licença para obras a José Joaquim Torcato Ribeiro;

— Conceder o direito ao uso de 2 metros quadrados de terreno no Cemitério Municipal para uma sepultura perpétua a Ana de Lemos;

— Não conceder as licenças de habitação ou ocupação requeridas por David Teixeira, Manuel Ribeiro de Freitas Moura, José Leite da Silva, Padre Francisco Rodrigues, Joaquim António Ribeiro Guimarães, Manuel da Silva, José Machado, Casimiro Ribeiro de Abreu e Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; em virtude das respectivas obras não terem sido executadas de acordo com os projectos aprovados, pelo que se torna necessário que os interessados apresentem aditamento das alterações introduzidas;

— Não conceder também a licença de habitação requerida por José Mendes de Oliveira enquanto não forem apresentados os cálculos e termo de responsabilidade relativos à construção da placa de tijolo armado;

— Não conceder, finalmente, a licença de habitação requerida por José Gonçalves da Cunha enquanto não for concluída a respectiva obra.

Reunião de 17 de Dezembro de 1958

A Câmara, sob a presidência do Ex.mo Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Tomar conhecimento do agradecimento de Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República pelas felicitações que lhe foram enviadas por ocasião da passagem do seu aniversário natalício;

— Tomar conhecimento do movimento do Lactário Municipal durante o mês de Novembro findo;

— Aprovar o estudo da obra de trasladação dum prédio medieval que vai ser demolido junto à Igreja de São Dâmaso com vista à instalação no referido edifício e noutro local dos serviços das Juntas de Freguesia da cidade;

— Aprovar o orçamento da firma concessionária para a instalação da rede de iluminação pública nos lugares de Lameira e Casa Nova, da freguesia de Caldelas;

— Conceder um subsídio à Cantina Escolar de Sande, São Martinho;

— Aprovar o aditamento do orçamento para a instalação da rede de iluminação pública na freguesia de São João de Ponte;

— Tomar conhecimento das comparticipações concedidas pelo Fundo do Desemprego de 100 contos para a obra de «Construção de um bairro para famílias pobres em Urgezes» e 20 contos para a «Construção do novo Cemitério da freguesia de Serzedo»;

— Se procedesse à avaliação do prédio sede da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranense com vista à sua aquisição;

— Conceder ao Grupo Musical «Ritmo Louco» um subsídio para o fundo de prémios do V Campeonato Concelhio de Ténis de Mesa;

— Conceder, à Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, um subsídio para a Ceia a fornecer aos pobrezinhos na Noite de Natal;

— Se procedesse à abertura da parte rectificada do caminho de ligação da Capela de São Roque com a Estrada Nacional;

— Abrir concurso limitado para a obra de «reparação e rectificação da E. M. 206 (próximo de Silvares) até à E. N. 101», Campelos;

— Reconhecer a não inconveniência da construção que Domingos Ferreira pretende levar a efeito no terreno que possui no lugar de Megide, freguesia de Moreira de Cónegos;

— Conceder licenças para obras a: Armindo Moreira Faria e Narciso de Sousa Lobo;

— Sancionar o despacho do Ex.mo Presidente que concedeu licença a José Fernandes Martins & C.ª, para colocação dum toldo na frente do seu estabelecimento;

— Deferir o pedido de José António Maia de Castro para a construção duma rampa de cimento no passeio em frente do seu *Stand* de venda de automóveis na Rua de Santo António, n.º 115;

— Sancionar os despachos do Ex.mo Presidente que concederam licenças para obras a: Manuel da Silva, Mariana Fernandes Pereira, Gaspar Pereira Leite de Magalhães Couto, à firma Brito & Cunha, Ltd.ª, a Manuel Ribeiro, José Borges de Araújo Machado Guimarães, Valeriano Ribeiro de Faria Abreu, Maria da Conceição Pinto de Carvalho, Joaquim Lopes de Oliveira, Manuel de Oliveira, António de Urgezes dos Santos Simões e António Herculano Henriques;

— Conceder licença de habitação a António Pereira de Macedo e irmã, Maria da Conceição Pereira de Macedo;

— Aprovar os projectos de edifícios escolares de uma e duas salas e abrir concurso para construção de um de duas salas na freguesia de Briteiros, Santo Estêvão;

— Conceder um subsídio às Comissões que vão proceder à ornamentação e iluminação na Rua de Santo António e Largo do Toural, por ocasião das Festas de Natal.

Perfurando em pura perda

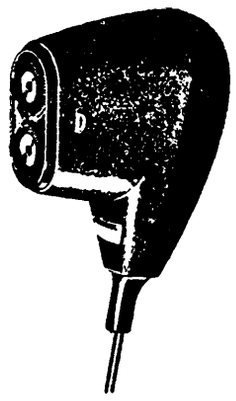
Na prospecção do petróleo que constantemente se realiza nos Estados Unidos, por cada poço perfurado que dá resultados positivos, há oito que redundam em pura perda de tempo, dinheiro, material e mão de obra.

O mesmo acontece aliás noutros pontos do globo. Assim, registaram-se dois novos insucessos na Nigéria onde a Shell-BP, de Londres, está a realizar a prospecção de Petróleo na região oriental daquele país.

O primeiro foi o poço de exploração de Ohuru, na província de Owerri, a 43 kms a nordeste de Port Harcout, onde surgiram apenas ligeiros vestígios de petróleo. O outro situava-se em Aiddo, a 54 kms a norte de Enugu, capital da região oriental da Nigéria, e nem sequer vestígios deu.

Para se fazer uma ideia do esforço empregado na perfuração daqueles poços, basta dizer que o de Ohuru atingiu 3.000 metros de profundidade e o de Aiddo 3.165.

CHEGOU A NOVA PHILISHAVE



MAIOR EFICIÊNCIA SEM IRRITAÇÃO DA PELE
MAIOR PROFUNDIDADE DE CORTE
MAIOR VELOCIDADE DE CORTE
MAIOR FACILIDADE DE MANEJO

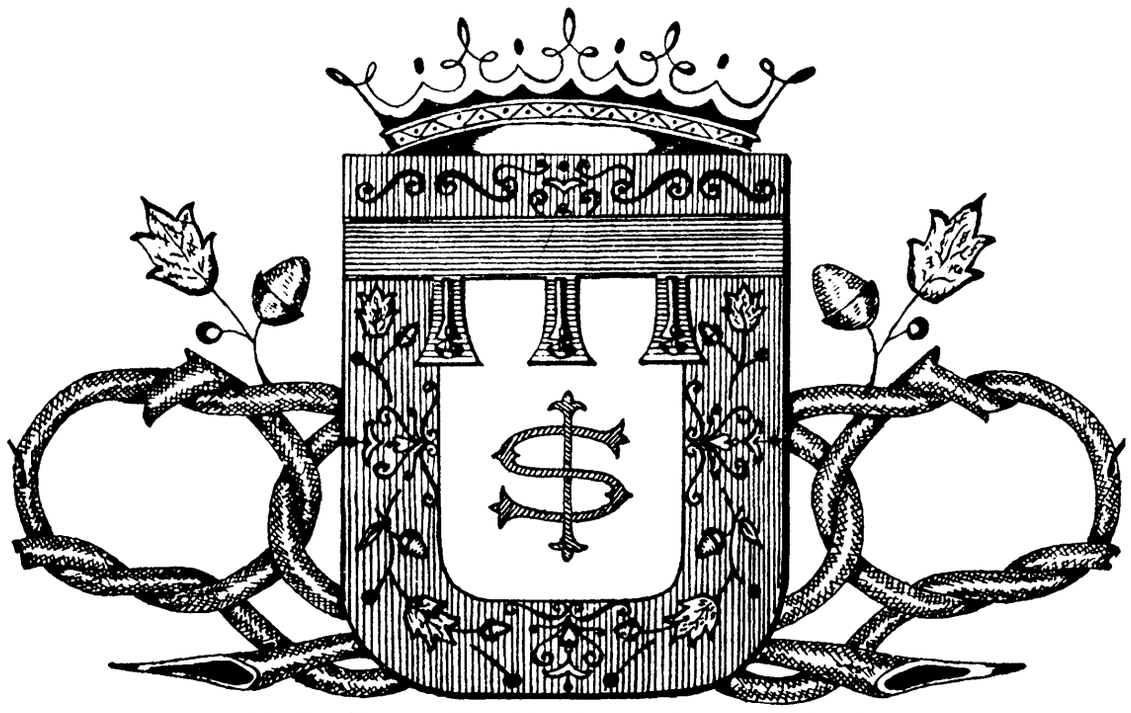
LINHAS DE DESENHO MODERNO
ACABAMENTO IMPECÁVEL
CORES ATRAENTES

CONSULTE

A. GOUVEIA

Avenida Conde de Margaride — GUIMARÃES ◆ Largo Coronel Baptista Coelho — SANTO TIRSO

PANO PARA LENÇÓIS «INFANTE DE SAGRES»



CASA DOS LINHOS
TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, LIMITADA — GUIMARÃES

TOURAL

HOTEL ▪ RESTAURANTE ▪ CAFÉ ▪ BILHARES

Gerência de

FRANCISCO RIBEIRO PINTO

TELEFONE 4125

GRANDE BAZAR
de Brinquedos de Natal

com óptimo sortido desde $10

Artigos de brindes próprios para a época

ANTÓNIO DA SILVA

Rua de S. Dâmaso, 131 a 135
GUIMARÃES 673

IMPORTAÇÃO — FIBRATEX — GUIMARÃES · PORTUGAL — EXPORTAÇÃO

FAUSTINO CARVALHAL

Rua da Rainha, 61-1.º D.to

End. Telegráfico
Telegramas: FIBRATEX — GUIMARÃES

Importador e distribuidor exclusivo, em Portugal, das fibras artificiais LANITAL «S» e VITALAN.

FIOS DE: algodão, mistos, fioco, Lanital e Vitalan.
475

Calçado para Inverno

Últimos modelos, em pelarias Nacionais e Estrangeiras

PARA
HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

SAPATARIA IMPÉRIO

TOURAL 680 Telef. 4395

VINHO GASOSO

em garrafas tipo o do champanhe a 8$00 só o líquido

CONFEITARIA COLONIAL

Telefone 40166 Rua da Rainha
GUIMARÃES

ASSIS BRASIL

Preços da tabela — 60$00
Vendemos a 42$00

e outras marcas com o desconto de 30 %

em cestas de 3 e 6 garrafas
em caixas de 2, 3 e 6 garrafas

CONFEITARIA COLONIAL

Rua da Rainha GUIMARÃES Telefone 40166

Boa Arbitragem!

CASTRO & COSTA, LIMITADA

No Largo de João Franco,
E' a maior tentação!...
— E arbitra p'rá consoada,
Lindas prendas — um encanto!
Como estas que aqui vão:

Rádios e Televisão «HIS MASTER'S VOICE» e «PONTO AZUL»
Máquinas de Escrever «ADLER»
Máquinas de Tricotar «MATADOR»
Frigoríficos «BOSCH»
Aquecedores a Petróleo «HARRISON»
Fogões «FARGAS»

Candeeiros, panelas de pressão, máquinas de cozinha, ferros de brunir, discos e todo o material eléctrico.

◆

Largo Conselheiro João Franco, 17-18

Telefone 4166

Agentes Oficiais em Guimarães — GUIMARÃES 689

Fábrica de Curtumes

Autorizada a instalar em Guimarães para fabrico de atanados, solas, seleiros, tamanca, calfes, vernizes, etc. Bom negócio e de bom futuro, com facilidades de pagamento.

Nesta redacção se informa. 542

Ofertas e Procuras

AOS ESTUDANTES

Recebem-se dois estudantes, em casa séria. Aceitam-se alunos para admissão aos liceus. Pedir informações na Sociedade de Azeites Moura, Ltd.ª — Avenida Conde de Margaride — Guimarães 520

Ensino Liceal e Técnico

Senhora licenciada, tendo sido professora da Escola Técnica, dá explicações e habilita para exames em Português, História e Francês, alunos de qualquer ano do Liceu e de qualquer curso da Escola Técnica. Tel. 40459. 584

Fourgonette Vende-se uma de 1.000 Kilos de carga, usada, em boas condições. Ver e tratar nos baixos desta Redacção. Telefone 4457. 639

Vende-se Quinta em Guimarães. A três minutos do centro da cidade, com cerca de 46.000 metros quadrados, com casa de senhorio, caseiro, cortes e adega, com água e monte anexo, produzindo 12 a 15 pipas de vinho, muita fruta e pagando de renda 7 carros de cereal. Informa esta redacção. 677

Automóvel Vende-se «Opel Rekord» — 1955, estado impecável, com rádio. Informa «Garagem Auto Recoveira» — Guimarães.

Aluga-se Optima moradia, independente, acabada de coustruir no Largo da Cruz de Pedra. Falar na Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.ª. 607

Explicações Inglês — 2.º e 3.º ciclos; Matemática — 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Informa: R. S. Dâmaso, 51. 559

Batata de Semente Certificada

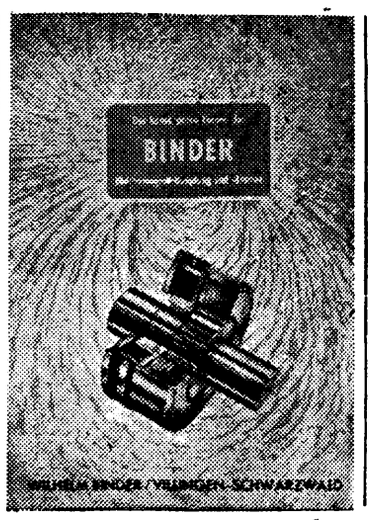
Nacional e Estrangeira

VENDE:

Pedro da Silva Freitas
(«Chafarica»)

11 — Rua de Santo António — 15
Tel. 4221 — GUIMARÃES

EMBRAIAGENS E TRAVÕES
Electro-Magnéticos Alemães
da Marca «BINDER MAGNETE»



Representante para Portugal:

J. MONTENEGRO

L. 28 de Maio, 78-1.º Telef. 4519 GUIMARÃES

Câmara Municipal de Guimarães

ANÚNCIO

«Arranjo à volta do Paço Ducal e do Castelo de Guimarães»

Às 17 horas do dia 14 de Janeiro, para a empreitada da obra acima mencionada, conforme condições patentes na Repartição de Obras da Câmara Municipal.

Base de licitação
293.538$00

O depósito provisório, no valor de 7.340$00, deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, mediante guias passadas pela Secretaria da Câmara até às 12 horas do dia do Concurso.

Paços do Concelho de Guimarães, 20 de Dezembro de 1958.

O Presidente da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira.

Fábrica de Tecidos do Bompastor

LIMITADA

PORTO

FIAÇÃO • TECELAGEM • TINTURARIA • ACABAMENTOS

ESPECIALIZADA NO FABRICO DE:

Telas de algodão impermeabilizadas para gabardines + Setins mistos para forros

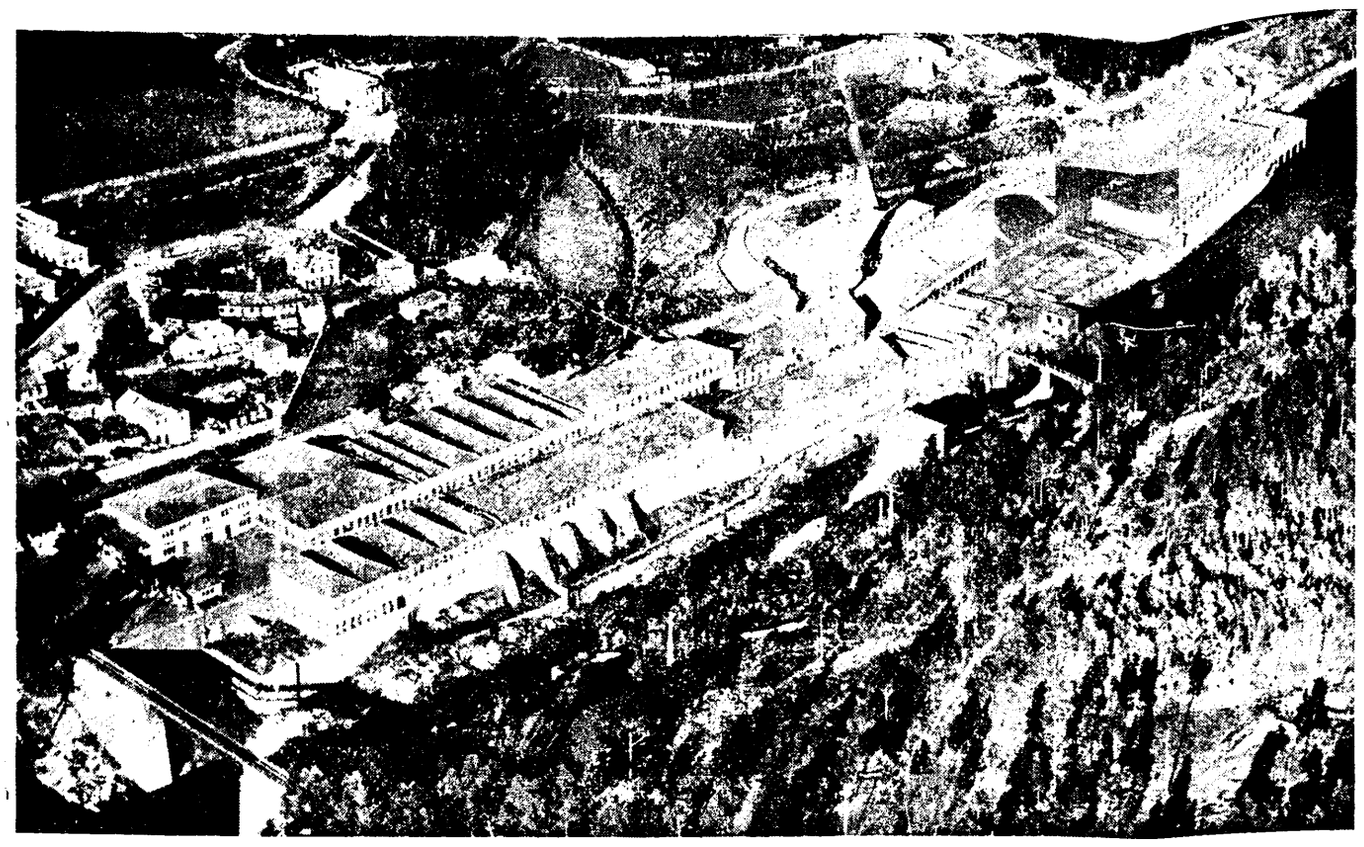
: : : : Tecidos ultramarinos : : : :

Telefone P. P. C. 40 136-44 410 Rua 9 de Abril, 731 PORTO

A Fábrica de Tecidos do Bompastor, L.da tem jus a ser considerada como uma importante e prestigiosa unidade industrial

Empresa Têxtil Eléctrica, L.da

CANIÇOS



FUNDADA EM 1904

Uma organização que honra a Indústria Nacional através do moderno apetrechamento das suas instalações e da gama insuperável dos seus produtos, tais como Cobertores de Algodão e Fibras e outros artigos para o Continente e Províncias Ultramarinas

ENDEREÇO POSTAL DA SEDE:
(correio e registos)
BAIRRO — MINHO II
Telefone 10 — Riba d'Ave
Serviço ferroviário: Estação de Caniços

ESCRITÓRIO NO PORTO:
Praça de D. João I, 28-2.º-E
(Palácio Atlântico)
TELEFONE { Administração, 26497
Expediente, 20827

NATAL DE 1958

Lembramos, minha senhora, que nesta quadra festiva do Natal e Ano Bom

é a época dos presentes e, por certo, V. Ex.ª vai oferecer alguns.

◆

Um cobertor, quentinho e macio, da gama «OFRAL»,

FABRICADO POR

Oliveira, Ferreira & C.ª, L.da

é um rico presente.

E um vestido do tecido maravilhoso «ALPINAS», para as suas filhas,

e uma camisa do «ATLANTIDAS» para os seus filhos

proporcionar-lhes-ão umas festas mais felizes e mais alegria no seu lar.

◆

Um e outro são artigos fabricados com a magnífica fibra S. B. K. Phrix, exclusivo de

OLIVEIRA, FERREIRA & C.A, L.DA

e levam a marca «OFRAL» impressa na ourela.

Conversando com o Sr. Zás-Zás e com o Sr. Zé Brás

III

Por ADRIANO NUNES DE ALMEIDA.

Ponhamos na berlinda mais um respigo dos artigos do Sr. Zás-Zás sobre o *Problema religioso de Guimarães*. Ocupa-se o articulista, fundamentalmente, das mesmas considerações, por vezes até com as mesmas palavras, tanto no número de 30 de Novembro como no de 14 de Dezembro do *Notícias de Guimarães*. Por hoje, vamos essencialmente focar o que escreve Zás-Zás sobre os «meros formalismos externos» do catolicismo e sobre os «95 %» e os «99 %» de católicos portugueses.

Comecemos pelos «95 %». O Sr. Zás-Zás consulta as estatísticas sobre a percentagem de católicos portugueses, verifica depois que a vida dos católicos não corresponde a uma tal percentagem, — e, daqui, toma pé para erguer a bandeira protestante. Isto é, sem dúvida, uma habilidade de circo, muito a jeito para iludir os incautos ou inflar os mal-intencionados; está, porém, longe de representar uma análise séria do problema. Note, Sr. Zás-Zás: eu também não concordo em que os 95 % traduzam uma integral realidade católica. Mas o que, todavia, me não atreveria a afirmar (pelo respeito para com a verdade e ainda que só fosse pelo medo de errar) é o que escreve o Sr. Zás-Zás no seu primeiro artigo: «... em 99 % dos que se dizem «católicos» não passa dum sentimentalismo informe, reduzido a um acto de obediência, quiçá inconsciente, ao meio ambiente» (Refere-se o Sr. Zás-Zás ao espírito religioso dos católicos). Ora, como pôde o Sr. Zás-Zás determinar essa percentagem de 99 %, assim de um modo tão exacto, assim tão rotundo? Deve ter feito uma longa e minuciosa observação, numèricamente, caso por caso, para nos fornecer uma conclusão tão categórica, expressa na linguagem das ciências exactas. Fez, de facto, essa observação? Mas, se a fez, esperávamos em seus artigos acusatórios abundância de dados concretos, em prova desta e doutras afirmações, e, afinal, deparamos quase sempre com ideias vagas, genéricas, sem as devidas e justamente necessárias restrições. E o que gratuitamente se afirma, gratuitamente se pode negar. Como chegou o Senhor Zás-Zás, em termos de verdade, à conclusão de que a religião de «99 % dos que se dizem «católicos» não passa dum sentimentalismo informe»? Como chegou à conclusão de que isso é apenas «um acto de obediência, quiçá inconsciente, ao meio ambiente»? Trata-se de afirmações, Senhor Zás-Zás, feitas sobre o domínio da consciência alheia. Sabe, deve saber, quão difícil se torna penetrar neste domínio. Sabe que a ele se dedicam (falando já só do mundo psicológico e não ainda da valoração moral dos actos, das intenções, portanto) estudos por agora titubeantes e mediante processos muito difíceis, longe de nos garantirem abundantes certezas, satisfatòriamente sólidas. Os métodos desses estudos são, como há-de saber, indirectos. E as próprias manifestações directas (as próprias manifestações directas, como por exemplo os *Diários*), suscitam objecções muito sérias, por mais dignos de confiança que nos pareçam. E isto, só para chegarmos à verdade psicológica. Mas, se pretendermos avaliar das intenções e seu conteúdo moral, as dificuldades imensamente mais se avolumam. Há que entrar com o grau de conhecimento de quem opera; há que entrar com as influências e condições sociais variadíssimas, também determinantes não só do grau de responsabilidade senão igualmente do conhecimento e consciência de cada qual; há que entrar com todo o somatório de factores hereditários; há que entrar ainda com tantos outros factores!... Não foi em vão que o próprio Cristo nos proibiu de julgarmos o íntimo dos nossos irmãos, relegando esse juízo exclusivamente para Deus, o único verdadeiramente conhecedor do nosso interior. Ninguém poderá afirmar, a não ser de um modo leviano, que 99 % dos católicos o são de puro «sentimentalismo informe»; afirmar que não têm consciência da religião que praticam ou que o fazem de maneira «quiçá inconsciente»; afirmar que procedem por mero «acto de obediência... ao meio ambiente». Deixe a Deus, Sr. Zás-Zás, os mistérios sobrenaturais do mundo interior!...

Mais a mais, do confronto entre a acusação de «meros formalismos externos» e «sentimentalismo informe», lançada pelo Sr. Zás-Zás contra os «99 %» dos católicos, e a discordância da vida prática destes «99 %» com a fé que dizem professar, desse confronto parece-me poder inferir-se uma contradição, reforçada ainda pela sua outra afirmação de que «Deus deve ser adorado dentro de nós» (afirmação que eu, diga-se de passagem, não nego, mas acho insuficiente). Com efeito, reprovando os tais católicos pela sua vida prática discordante, dará, me parece, a entender que reputa as boas obras como necessárias a uma religiosidade perfeita — e, portanto, as considera um bem; mas, por outro lado, ao acusar de «formalismos», parece rejeitar tudo o que sejam normas (e, no entanto, ao notar aquela discordância entre a normativa da fé e a vida prática, certamente admite a existência de normas); e novamente dá pelo menos a impressão de as rejeitar quando acusa os católicos de eivados de «sentimentalismo informe» (manifestações estas de si pouco propícias a normas) e, ainda, quando diz que «Deus deve ser adorado dentro de nós» (e entende-se que exclui os actos externos, visto contrapor a expressão «adorado dentro de nós» à expressão «não é no Monte dos Samaritanos nem no templo de Jerusalém que importa adorar a Deus», — palavras estas que excluem pelo menos os actos de culto externo). Se bem interpretei o pensamento do Sr. Zás-Zás na precedente análise, ele leva-nos (ou me engano?...) a uma salgalhada contraditória. E esta enreda-se mais ainda quando, no seu segundo artigo («Um número escandaloso», em 14 de Dezembro), depois de no primeiro ter espancado o «formalismo» dos católicos, escreve agora o seguinte: «Constituída de princípios morais» (a «Religião», de que fala umas linhas atrás, considerando-a erròneamente uma virtude, — «Sendo a Religião uma virtude moral» —, pois a «Religião» não é uma virtude, mas sim um sistema ético-normativo, que tem por fim encaminhar o homem à virtude), «o homem religioso» (prossegue o Sr. Zás-Zás) «deve procurar a *fôrma* do seu viver nos princípios que professa e neles se enquadrar». Mas isto, Sr. Zás-Zás, isto é formalismo, e formalismo de «fôrma». Então, em que ficamos, Sr. Zás-Zás? Acusa de formalistas os católicos e defende o formalismo?!... Olhe que a gente, para se entender e até para não meter os pés pelas mãos, tem de ter uma lógica linha de pensar.

Deixemos, porém, as contradições e vejamos como prova o Sr. Zás-Zás que os tais «99 %» de católicos agem por «formalismo(s)». Apenas afirma; não prova; não aduz um único facto, um único raciocínio sequer, em prova desta sua afirmação. Como quer que o acreditemos? Lembro que afirmar, apenas afirmar, é dos atrevidos, dos que não possuem outro saber além do atrevimento. Não pretendo dizer que o Sr. Zás-Zás não sabia; pode saber até muito, pode porventura ser um poço de saber, mas é imprescindível mostrá-lo, para que o possamos crer. Para provar que os «99 %» de católicos estão eivados de «formalismos», de «meros formalismos externos», o Sr. Zás-Zás precisaria de demonstrar que os actos externos desses católicos (a missa, a oração, a esmola, e tantíssimos outros) vão desacompanhados do correspondente sentido interno, duma consciencialização dos mesmos, duma vida interior donde nasçam ou que os impregne. Enquanto não demonstrar isto com argumentos seguros, temos de supor a sua afirmação meramente gratuita, mero *flatus vocis*. Ora, para tal, eu quisera saber como penetrará o Sr. Zás-Zás no íntimo das pessoas quando oram, quando se ajoelham diante do sacrário, quando comungam, quando se confessam, quando dão esmola, quando se descobrem ao passar ante a porta duma igreja, etc. Se o Sr. Zás-Zás revelar um processo concreto e seguro pelo qual, de modo inconcusso, descubra a verdade real e moral do mundo interior, mas em moldes exactos e categóricos do seu «99 %», garanto-lhe que terá feito a descoberta mais sensacional, ainda não levada a cabo até hoje por nenhum psicólogo, e mais lhe garanto: que terá, na galeria da ciência, através de todos os tempos, salvaguardada a fama. Aceita?... Vale a pena!... Traga-me para cá esse processo, esses argumentos. Se os não trouxer, de duas uma: ou devo julgar mal da sua pessoa (o que não quisera), ou devo considerar errada a exactidão categórica do seu «99 %».

Mas há ainda outro ponto: o dos «95 %». Consultando as estatísticas, o Sr. Zás-Zás parte dessa «esmagadora maioria de católicos» e chega, ou pretende chegar, à conclusão de que, uma vez verificada, apesar disso, a «onda de materialismo» que por aí vai (e que eu também concordo que vai mesmo, e muitas vezes o tenho proclamado de viva voz e por escrito), pretende pois chegar à conclusão de que o catolicismo está em decadência, de que o catolicismo está moribundo, de que o catolicismo não passa de uma coisa inerte. Ora isto é ir demasiado longe, Sr. Zás-Zás. A primeira coisa que o Sr. Zás-Zás deveria fazer era examinar bem e com toda a objectividade a premissa, para não correr o perigo de a conclusão lhe sair errada. A primeira coisa a fazer era verificar se esses «95 %», essa «esmagadora maioria de católicos» (olhe que uso os suas palavras!) são na verdade católicos ou não. Não digo *católicos mais ou menos, católicos a meias, nisto sim, naquilo não:* porque tais *católicos* não existem. E, se acaso pensava que sim, compreende mal o que é ser católico. Católico é apenas aquele que o é em toda a linha, em espírito e prática. Se encarasse as coisas deste modo (e não há outro modo de as encarar com verdade), deveria concluir pela única conclusão possível e legítima: os católicos, aqueles únicos que o são, reduzem-se a muito menos de «95 %». E então o Sr. Zás-Zás, com honestidade intelectual, e pelo respeito devido a um público a esclarecer e não a ludibriar, renderia à verdade o preito que em toda a parte e em todas as circunstâncias lhe há-de ser prestado: os católicos não são 95 %; são muito menos. Quantos por cento? Nem o Sr. Zás-Zás, nem eu, nem nenhum homem, rigorosamente, lho poderia numèricamente fixar. Vá lá, por um lado, correr nação por nação, província por província, igreja por igreja, hoje, amanhã, durante um certo e considerável tempo, e, por outro lado, penetrar e ler com olhos clarividentes no íntimo de cada um... Só depois disto, honestamente, poderia fazer contas. A sério poderia fazer-se assim? Já o fez? Já o fez mesmo em Guimarães? Não fez: porque nem seria possível. Então não afirme!

Se conduzisse deste modo o seu raciocínio, já se não admiraria, escandalizado com o catolicismo (o seu, é claro), de ver a tal «onda de materialismo», que eu também vejo, que Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto, tão injusta e irreverentemente tratado pelo Sr. Dr. Manuel Anselmo (que até esse se declara católico, e praticante, — imagine!...), igualmente denuncia; ante a qual tanta gente e tanto católico se alarma. Pois o Sr. Zás-Zás não se admiraria dessa «onda de materialismo», nem se admiraria de ver que ela «invade até os próprios templos católicos». E não se admiraria, precisamente porque um grande número dos que se dizem (como é o caso do Sr. Dr. Manuel Anselmo e tantos mais) e dos que outros dizem católicos, ao fingirem-no, ao fazerem farsa, não o são nem podem ser considerados tais por ninguém. Não basta dizer «Senhor, Senhor»; não basta *dizer* que se é ou *dizerem* que somos; em realidade, é indispensável que o sejamos. E poderemos, o Sr. Zás-Zás e eu, estar de acordo nisto? Eu, com sinceridade, estou-me esfalfando em raciocínios para tentar colocar o problema nos seus devidos termos, em termos de lógica e de verdade. Valerá a pena?... Embora saiba estar por mim a verdade, eu não pretendo uma vitória em meu louvor: pouco, nada mesmo, interessa isso no domínio pessoal. Pretendo, sim, que a verdade triunfe. Sempre tive por ela um culto imenso: porque só ela merece erguer-se em plena luz. Adiantando um pouco mais o meu raciocínio, na linha do que venho dizendo, afirmo, pois, que os responsáveis da «onda de materialismo» não são os católicos, mas os que o não são, precisamente os mascarados e os não mascarados, os que fingem sê-lo e os que declaradamente professam não o ser. Não estará de acordo?... Medite um pouco nisto, e verá que tenho razão.

Mas haveria muito mais que dizer a outras questões postas pelo meu ilustre contendor. Põe demasiadas questões, e não as prova. O rebatê-las eu, exige largo espaço, artigos vários. Era preferível que o meu ilustre contendor (ou contendores, porque surge mais outro no nome ou pseudónimo de Zé Brás), mas era preferível, repito, que tomasse um só assunto, e o provasse com plenitude de argumentos, única maneira de esclarecer honestamente quem ignore estes problemas, porque não se há-de pretender aliciar de qualquer maneira, mas ùnicamente pela sólida (quanto possível) demonstração da verdade.

Guardando, pois, para consecutiva oportunidade a prova em contrário, limito-me agora a afirmar-lhe que é ainda erróneo o supor que «o Milagre da Cova da Iria... veio evidenciar o problema religioso»; erróneo supor que esse milagre, por si só, sem a necessária correspondência humana, deveria resolver esse problema (se é que o meu contraditor assim o supõe, quando afirma que ele «não o resolveu»); erróneo afirmar que Deus «deve ser adorado» ùnicamente «dentro de nós», como, salvo outra opinião, se conclui por estas palavras entre aspas e as antecedentes no seu artigo I; erróneo (e desrespeitoso, até para um protestante) acoimar de «simpleza» o «Cristianismo» e afirmar que «à simpleza deste *se* sobrepõe a complexidão daquele» (do «catolicismo»); erróneo escrever que «religiões há muitas...», — se é que se pretende afirmar com isso que todas elas são verdadeiras ou podem satisfazer; erróneo dizer que «a teologia católica cria dogmas e mistérios, que, depois, anuncia sob a capa da «Infalibilidade Pontifícia», e dizer ainda que «este dogma... é contraditado até pela História dos Papas... e da Igreja»; erróneo afirmar que «João XXII foi corrigido pelo seu antecessor, o Papa Nicolau V, em matéria doutrinária», — se se pretende significar que tal se deu nas condições em que na Igreja se considera infalível o Papa; erróneo ter a veleidade de sanar toda a vida cristã pelo simples facto (consignado nos dois primeiros artigos do Sr. Zás-Zás que em tal fazem pensar) de pôr «uma Bíblia em cada casa..., um Evangelho em todas as mãos».

Todas estas, e outras por nós já analisadas, são meras afirmações do Sr. Zás-Zás (algumas do Sr. Zé Brás), mas afirmações não acompanhadas de qualquer argumento, e urgia que o fossem: urgia-o, em atenção aos meus ilustres contraditores, em atenção aos leitores, e em atenção à verdade e ao método pelo qual deve ser investigada.

Finalmente, no meu artigo I, eu não disse, se bem me parece (e o meu contraditor pode verificá-lo) que nem o Sr. Zás-Zás nem os protestantes vinham «aqui... distribuir para conquistar prosélitos» os tais «dòlarzitos americanos» ou as «librazitas inglesas»; eu disse, referindo-me a mim, que nem recebendo (eu; se eles os recebem ou não, eles mesmos... lá o sabem) «uns dòlarzitos americanos ou librazitas inglesas», «faria uma tal entrada nesta cidade».

Quanto ao facto de o Sr. Zé Brás se ter visto na neces-

(Continua na página 16)

O problema religioso de Guimarães

Por ZÁS-ZÁS.

IV

O CREPÚSCULO DOS DEUSES

Por ZÉ BRÁS.

E' grato a um cristão sincero ter de enfrentar um católico — sim sim, não não.

Mas, apesar de toda esta firmeza confessada, nada nos intimida.

O comboio desliza sobre os carris e o cristianismo e o catolicismo podem prosseguir sem choques violentos, como é próprio das linhas paralelas. Não queremos agitar luta religiosa, mormente porque é «anti-nacional», mas queremos desempenhar-nos da missão que aceitámos com amor e fé. — Ide e ensinai. O que acreditar e for baptizado, será salvo; o que não acreditar, será condenado.

Isto foi o que disse Cristo e é a sua palavra de ordem.

Fazer cristianismo, portanto, é ensinar o Evangelho e baptizar. Nada mais simples. Tudo o mais é paleio do Talmud...

Quando um padre norte-americano teimou obstinadamente em dizer que fora da Igreja Católica não há salvação, teve como recompensa da sua heresia a excomunhão papal.

(Que diz a isto, Sr. Doutor?).

Ninguém se atreverá a negar ao Catolicismo a obra que levantou no decurso dos séculos.

Mas a sua obra — mais de ordem material que espiritual — se assombra os olhos do turista, não criou em todos os seus adeptos o «homem novo» que Cristo deseja que renasça da «água e do Espírito Santo».

Neste ponto — básico, aliás, em qualquer religião, o Catolicismo sente que as almas escapam à sua influência e por isso se esfalfa em reconquistá-las por todos os meios.

A propósito vamos citar um trecho extraído da *Voz do Pastor* que um nosso confrade do Porto nos enviou há dias.

Ei-lo: «*O demónio é tendeiro... e literato.*

«Mostram-se alguns jornais alarmados, e com razão, em vista do rumo que estão seguindo muitos rapazes e raparigas, mesmo adolescentes e crianças, no campo das leituras.

«Devoram tudo quanto aparece, ou melhor, lêem de preferência ou até exclusivamente obras de baixo estofo ou inteiramente pornográficas. Consta-nos que, nas bibliotecas populares, nas itinerantes, nos quiosques, nas livrarias, etc., é cada vez maior a procura de novelas policiais (hoje a enveredar pelas ruelas de baixa moral), romances amorudos e estúpidos, brochuras de tema sensual ou sexual, e quejandas imundícies. Andam mesmo à cata desse género de leituras (embora, graças a Deus, nem sempre lhas forneçam).

— Mas então não haverá quem vele pela integridade moral das novas gerações? Que fazem os pais? Que faz a Polícia?

«Impõe-se uma séria campanha em favor das leituras sadias e contra a difusão de obras deletérias. Campanha que deve principiar no lar e continuar na escola, na catequese, no liceu, no colégio, na imprensa, na rádio, na televisão, na Mocidade Portuguesa e em todos os organismos educativos, na Acção Católica, na pregação, nas homilias, no confessionário e por todos os meios. E a vigilância policial que não abrande. O problema é grave. — (a) *Malho*».

Ora cá está mais um daltónico! criptónimo! com uma «Zazada» nada agradável para os «deuses» que, alheios ao vermelho e ao verde, querem ver tudo cor... de cereja!

E vai ser (ó Sr. Dr.: arranje um garrafão de tinta... que isto há-de ir longe) com as «armas» que os católicos nos oferecem que havemos de dar «zazadas» (neologismo inventado pelo Sr. Dr. Adriano) no catolicismo fachudaço desta terra portuguesa.

Se quer que o ajudemos, também gritamos: — *Católicos! alerta!*

DESPORTO

Sobre o grande encontro de hoje...

Nunca, em Guimarães, um encontro de Futebol se rodeou, no plano nacional, da expectativa deste *Vitória-Benfica*, a jogar esta tarde no nosso remoçado Campo da Amorosa.

A carreira a todos os títulos brilhante do Vitória, — que nem a *surpresa* do último domingo, fruto natural da contingência do Futebol, diminuiu, — criou um interesse desusado por este prélio desportivo, fazendo com que Guimarães seja invadida por uma multidão, que raramente ou nunca, em tais circunstâncias, a tinha visitado.

Será mais uma prova do excepcional interesse provocado pelo Futebol, hoje o grande aglutinador das multidões, capaz de movimentar milhares de pessoas, contribuindo eficazmente para o progresso e desenvolvimento turístico das terras.

Por força da valia actual do Vitória, evidenciada na sua equipa principal de futebol e na melhoria das suas instalações desportivas, fruto do esforço abnegado dos seus actuais Dirigentes e de algumas dedicações de sempre, é possível viver-se este momento, sem paralelo possível com outro da mesma natureza ou afim.

E' lógico, portanto, que se realce a circunstância, pondo-a bem em evidência, para que sirva de exemplo àqueles que ainda não se convenceram do que representa o Futebol como fenómeno de interesse turístico.

O dia de hoje deve exceder tudo até aqui vivido pelo mesmo motivo e, assim, deve entender-se que sòmente uma visão bem ponderada das circunstâncias o criou e possibilitou. Porém, para que se continue na mesma gloriosa caminhada, capaz de evidenciar o nome de Guimarães, é necessário o apoio incondicional de todos, pois só o esforço de muitos tornará menos árdua a tarefa para aqueles poucos que tomaram o encargo de a efectivar.

Seguindo-se ao movimento já de si excepcional do Vitória-Sporting, este de hoje é a confirmação de muitas considerações aqui registadas a evidenciar o interesse que resulta do movimento do Futebol. Parece que desde agora nada há a acrescentar, pois a tudo se sobrepõe este exemplo real, indestrutível e evidente.

Hoje o Vitória pode ter alicerces firmes, produto da posição que presentemente ocupa no concerto do Futebol Nacional, mas necessita de muita e dedicada ajuda para que atinja a plenitude das suas ambições.

Sòmente quando o futuro Estádio Municipal for uma realidade e quando o número de associados corresponda à numerosa população da Cidade e Concelho, é que então se poderá dizer que é firme o seu futuro e a sua vida está sòlidamente garantida.

Por isso a ideia de que *o Vitória precisa de todos* não deve desfalecer, por que sòmente quando realmente todos o ajudarem, é que se terá alcançado na totalidade também, as suas firmes condições de vida.

E nada mais do que exemplos como o de hoje, para dizer-se que vale a pena a ajuda e o esforço de todos!...

Um de nós.

A Prova Maior do Futebol Nacional

Vitória, 3 — Covilhã, 3

Uma vez mais a "estrela da fortuna" guiou o Covilhã no Campo da Amorosa

Atingimos o términus da 1.ª volta e não podemos deixar de afirmar que foi brilhante a caminhada do Vitória no seu decorrer. Uma *surpresa*, como a de domingo último, não tira qualquer brilho à sua gloriosa carreira e, talvez até seja benéfica, por lembrar a contingência que rodeia sempre os resultados do futebol.

Seguindo uma imagem já várias vezes aqui lembrada, pode-se dizer que *a procissão chegou ao fim do percurso e vai iniciar o regresso ao adro*... É de anotar, portanto, a classificação da prova neste momento, aproveitando a circunstância para dar uma *olhadela* também por ela. Ei-la:

1.º Benfica, 22 pontos (41/8); 2.º Belenenses, 19 p. (26/9); 3.ºs Porto, 18 p. (33/11) e Vitória, 18 p. (35/25); 5.º Sporting, 16 p. (29/16); 6.º Setúbal, 14 p. (27/29); 7.º Cuf, 13 p. (17/18); 8.ºs Braga, 11 p. (24/25) e Lusitano, 11 p. (23/24); 10.º Barreirense, 10 p. (17/28); 11.º Torreense, 8 p. (17/33); 12.ºs Caldas, 7 p. (17/33) e Académica, 7 p. (14/27) e 14.º Covilhã, 6 p. (16/36). A Cuf e o Covilhã têm um jogo em atraso.

O Vitória ocupa o terceiro posto da classificação, de parceria com o F. C. do Porto, estando a 4 pontos do *comandante*, tendo atrás de si o Campeão da época passada e distando dos lugares *perigosos* (11.º) nada menos que 10 outros pontos.

A equipa vimaranense tem presentemente 8 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Perdeu, portanto, três vezes em 13 jogos — e há ainda quem não esteja satisfeito!...

Mais vitórias que ela, sòmente possui o Benfica (9); está em segundo lugar na marcação de golos (35), tendo sòmente à sua frente também o Benfica (41); em bolas sofridas tem 25, fruto principalmente das duas *goleadas* no Porto e na Luz, mas, mesmo assim, ocupa nesta classificação particular o 7.º lugar com outras sete equipas, portanto, atrás dela; em casa obteve 11 pontos e fora dela, 7.

Apresenta-se-nos garantida a sua permanência na prova, que era a intenção que a guiava no início do torneio. Porém, agora, decorrida metade da competição, é lógico ter-se outras ambições, isto é, ocupar um lugar bem mais destacado. Parece que tudo garantirá esse lugar na primeira metade da tabela, sendo a 5.ª classificação a desejada ambição, já que um posto entre os chamados «quatro grandes» é *sonho* que precisa de sorte e outras coisas...

Que aquela nos ajude na 2.ª volta do torneio são os nossos sinceros votos!

* * *

A *surpresa* de domingo passado tem a sua justificação. Foi sobretudo fruto da tendência que o Covilhã possui para fazer bons resultados no nosso campo. Recorde-se a derrota que sofremos na última época de uma primeira estadia na Divisão Maior e que muito contribuiu para a nossa descida; lembrem-se os resultados da época passada, entre os quais aquele que nos roubou o título de Campeão da II Divisão; e, se formos de boa memória, não esqueçamos muitas outras *surpresas*...

A tradição é ainda uma coisa forte no futebol e mais se radica quando as coisas passam a não correr bem. A maneira com que a equipa vimaranense atingiu os 3-0 favoráveis, criou-lhe uma disposição causadora de facilidades que lhe foi funesta. Perdida, a equipa visitante entrou a atacar no 2.º tempo e tendo feito um golo animou-se, quando a nossa, pelo contrário, se enervou, até porque não estava habituada a ser tão fortemente contrariada no seu próprio campo. Já no encontro do Sporting o mesmo fenómeno se deu dentro duma lógica que muitos, talvez, não compreenderam, mas que se justifica pela tendência que se criou de jogar ao ataque, em virtude dos méritos que se têm patenteado. E, por outro lado, não é impunemente que se alinha, simultâneamente, sem jogadores do mérito de Ernesto e Silveira, logo, precisamente, os eixos do ataque e da defesa.

Que se compreenda bem isto, são agora os nossos votos!

* * *

Jogo, na Amorosa, debaixo da arbitragem de Abel da Costa, do Porto, tendo o *Vitória* alinhado com Sebastião, Daniel e Abel; Barros, Virgílio e João da Costa; Bártolo, Edmur, Romeu, Carlos Alberto e Rola e o *Covilhã* com Rita, Helder e Couceiro; Lourenço, Franco e Cabrita; Manteigueiro, Lorenzi, Suarez, Gabriel e O. Silva.

Os golos do Vitória foram marcados respectivamente por Edmur, Carlos Alberto e João da Costa e os do Covilhã por Manteigueiro (2) e Suarez.

* * *

Hoje visita-nos o Benfica, *comandante* do Campeonato, e com este jogo principia também a 2.ª volta do Torneio. As facilidades que sempre demos ao Covilhã contrastam com as dificuldades que o Benfica sempre também tem tido em Guimarães. Se a força da tradição se confirmar, como ainda aconteceu no último domingo, tudo se pode encaminhar para um começo da 2.ª volta sensacional para a equipa vimaranense, pois o Benfica apresenta-se em Guimarães ainda invicto. Para tal se alcançar é preciso, como sempre temos dito, esforço abnegado dos jogadores, mas também incitamento constante e animoso do público, pois não deve *perder o fio*, como aconteceu no domingo passado, e lembrar-se de que a vibração exterior ainda é um dos mais fortes argumentos que influem nos resultados.

Fazemos também votos para que assim aconteça!

L. R.

Boas-Festas

Dignaram-se telegrafar-nos e endereçar-nos atenciosos cartões de boas-festas, o que nos apraz registar, com muito reconhecimento, retribuindo os amáveis votos, as seguintes individualidades:

Comendador Albano de Sousa Guise, do Rio de Janeiro; Gaspar Lopes Martins, de Santos; Comendador Alberto Pimenta Machado, Albano M. Coelho de Lima, António Pimenta, Adriano de Castro, João Pedro de Sousa Guise e Esposa, do Porto; Escritora Dona Isaura Correia Santos, idem; Mr. e Mrs. D. de Sousa Guise, de Salisbury (Inglaterra); Desembargador Dr. António Carneiro, Joaquim Alberto César, Doutor Gaspar José Machado, Tenente Carlos Coelho e Eng.º Francisco Carvalho Jacinto, de Lisboa; Fernando José Martins Leite, de Santos; Fernando Vilaça Ferreira, Agostinho Vilaça Ferreira e Jerónimo de Castro da Silva Guimarães, de Lourenço Marques; Asdrubal José Dias Pereira e João Pereira Guimarães, da Beira; Eng.º Augusto César Justino Teixeira, de Luanda; D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal), José Soares Moreira Guimarães, António Ferreira Guimarães (Guima), Cap. José Maria Mota Freitas, Manuel de Sousa Guise, Pintor Carlos Carneiro, Joaquim Ferreira Torres, José Mendes Ribeiro Júnior, Álvaro da Silva Penafort, António Baldaque Lobo, Wandschneider & C.ª, Ltd.ª, Professor José Neves e Robialac Portuguesa, do Porto; Poeta Delfim de Guimarães, de V. N. de Gaia; Dr. José de Figueiredo Vasconcelos, de Vila Real; Gaspar da Silva Ribeiro Calisto, de Lagos; Cap. Manuel Jesus Ribeiro da Cruz, de Viana do Castelo; A. Garibáldi, de Felgueiras; Ten. José A. Matos Júnior, de Fafe; Vieira & Costa, Ltd.ª, de Braga; Ernesto Rebelo de Magalhães, de Viseu; Ten. Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto; Aníbal Miguel Carvalho das Neves, de Sobral de Monte Agraço; Eng.º Adelino Soares Leite, de S. Nicolau; Maria Dias Ramos, da Vila da Maia; Zita Leão, de Gueifães; António Alves Regueiras, de Santo Tirso; Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, da Foz do Douro; Julião Carneiro da Silva, de Melo; Junta de Turismo de Vizela; Centro Nacional Suíço de Turismo; Eng.º José Clemente Sanches Dias Pereira, de Santo Tirso; Associação de Futebol de Braga; Banco Nacional Ultramarino; Dr. Mariano Felgueiras, Dr. Fernando Lopes Matos Chaves, Padre José Carlos Simões de Almeida, Carlos Brandão, gerente do B. N. U.; Dr. Francisco Pereira Zagalo, Dr. José Catanas Diogo, Padre Avelino Pinheiro Borda, Ten.-Coronel Francisco Martins Ferreira, Damião de Sousa Oliveira, Coronel Mário Cardoso, Armindo Faria, Doutor Carlos Saraiva, António de Jesus Ferreira, Dr. Francisco Moreira Sampaio, Dr. Alberto Moreira Sampaio, Reitor do Liceu de Guimarães, Rev. Superior e Comunidade dos PP. Redentoristas; Martins Castro & Gonçalves, Ltd.ª, Duarte & Anjos, Ltd.ª, Fábrica de Tecidos de Vila Pouca, Sindicatos N. dos Caixeiros, da Indústria de Curtumes, da Indústria de Pentes e da Indústria de Panificação; Padre José Fernandes Ribeiro, Associação Fúnebre Vimaranense, Freitas Silva & C.ª, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Manuel da Costa Pedrosa, Centro de Recreio Popular, Casa dos Pobres, Sapataria Oliva, Dias & Carvalho, Ltd.ª, Concessionário do Hotel da Penha, António Ferreira, Manuel António Branco, José Maria Félix Pereira, T. Mendes Simões, Aurélio de Barros Martins, Padaria das Trinas, Ltd.ª, João Baptista Pereira, Fernando Sequeira Neves, Joaquim da Silva Xavier, Fernando Ribeiro de Oliveira, António José de Oliveira, Filhos, Manuel Mendes de Oliveira, José Rodrigues, nosso solícito correspondente em Campelos; Grupo Bem-Fazer, de Covas, Comandante e Oficiais da L. P., Associação Artística Vimaranense, D. Maria de Lourdes Geraldo Guimarães, João da Cunha; Rancho Recreativo de S. Martinho, Santo Tirso); João Pereira dos Santos, José da Costa Santos Vaz Vieira, D. Maria do Céu V. Silva, Engenheiro Duarte do Amaral, de Lisboa, D. Virgina de Arrochel Vaz Nápoles, Angelo de Sousa e Silva Madureira, Manuel Martins, de Riba d'Ave; David Santos Oliveira, de Braga; Alberto Caetano de Almeida, do Porto; Carlos Eugénio Moitinho de Almeida e Esposa, de Lisboa; Alferes Leite da Cunha; João Isidoro Bouça, de Lisboa; Artur Tojal, do Porto; António José Ferreira Rodrigues, Dr. Fernando Lopes Matos Chaves, Direcção do Asilo de Santa Estefânia, Domingos Macedo, Kodak Portuguesa, Conselheiro Raul Alves da Cunha, Óscar Pires, João Pereira dos Santos, de Lisboa, etc., etc.

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

Transporte, 6.835$00; Aníbal Dias Pereira, 20$00; Asdrubal R. Dias Pereira (Beira), 20$00; António Amílcar Dias Pereira (L. Marques), 20$00; Joaquim Ribeiro da Silva, 20$00; José Gaspar Ferreira Leite, 20$00; José Maria da Silva e Castro, 20$00; Anónimo (Vila Aurora), 20$00; Joaquim de Almeida Freitas, 50$00; R. R., 30$00; Francisco José da Silva Guimarães, 50$00; D. Antónia dos Anjos Costa Faria, 20$00; Inácio Ferreira da Costa, 50$00; Manuel Joaquim da Silva Guimarães, 20$00; Guilherme Pinto (Maia), 20$00; Álvaro da Silva Penafort (Porto), 20$00; A. Gomes, F.º & Sá (Póvoa de Varzim), 50$00; Inácio Lopes (Porto), 30$00; João Pereira dos Santos, 250$00; Jacinto José Sousa Ribeiro, 20$00; T. Mendes Simões, 20$00; J. Teixeira & C.ª, 100$00; António Alves Costa Abreu, M. Cónegos, por alma de seu pai, 50$00; D. Carolina Teixeira Pereira (Lisboa), 100$00; Anónima, 10$00; Miguel Lopes (Gémeos), 10$00; Francisco Correia da Silva Júnior, 20$00; João Fernandes Machado, 20$00; Comendador Albano Sousa Guise, do Rio de Janeiro, 1.000$ *(a)*; José da Costa Santos Vaz Vieira, 20$00; L. R. L., 20$00; Anónimo, 100$00; D. Maria Rosa Vieira Santos, 20$00; Amadeu Torcato Ribeiro, 100$00; Pedro da Silva Freitas, 50$; Mário Dias Ramos (Maia), 100$00; Reinaldo Martins & Gonçalves, 20$; Francisco B. Coelho da Silva, 20$00; José Luís Pires, 20$00; Virgílio Campos Machado, 10$00; Domingos Pereira Magalhães, 10$00; A. L., 20$00; João Pedro de Oliveira, 20$; José Maria Félix Pereira, 20$00; João Oliveira Simões, 5$00; Luís Artur Oliveira Aguiar, 20$00; Celestino Lobo, 50$00; Dr. João Mota Prego Faria, 50$00; Anónimo, 100$; João Gualdino Pereira, Sucrs., 20$; S. V., 20$00; António Fonseca Moreira, 20$00; Eng.º Eleutério Martins Fernandes, 100$00; Gráfica Minhota, Ltd.ª, 20$00; J. B. O., 20$; Eng.º Adelino Soares Leite (S. Nicolau), 20$00; Ten. Bernardo de Castro (Cabeceiras), 20$00; Francisco Lobo, 20$00; Francisco Macedo, 20$00; D. Maria Clotilde Teixeira, 10$00; Simão Borges, 20$00; Américo da Silva Bastos, 20$00; Dr. Gaspar Gomes Alves, 20$00; Anónimo, 10$00; D. M. C., 20$00; José Maria Silva Freitas, 20$00; A. R. M., por alma de seus pais, 20$00; Pinto & Magalhães, por alma de seu sócio falecido, 30$00; Aristides Barros Ferreira, 20$00; João A. Silva Guimarães, 20$00; Domingos Lopes de Barros & C.ª, 20$00; D. Aurora Freitas Saraiva, 10$00; D. Lucinda dos Anjos Pimenta, 10$; Abel Machado Faria & C.ª, 30$00; Ten. Diamantino Morgado, 20$00; Padre José Carlos Simões Almeida, 20$00; D. Maria Gonçalves Frias, por alma de seu marido, 20$00; J. F. M., 20$00; Agostinho da Silva Areias, 50$00; Américo Pereira da Silva (Rio de Janeiro), 100$00; António Leite P. Silva, 50$00; António Martins Fernandes, 20$00; José Maria de Castro, 20$00; Albano Coelho de Lima & Filhos, 200$00; Rodrigo Fernandes Abreu, 20$00; Joaquim Ferreira, 150$00; José Ferreira de Oliveira, 20$00; José Alves Silva Guimarães, 20$00; Manuel Lopes (Porto), 20$00; A. Garibáldi (Felgueiras), 50$00; António Guimarães (Porto), 20$00; Jerónimo de Almeida, 20$00; António Vilaça Ferreira, 20$00; Francisco Gonçalves, 10$00; Padre António Alberto Ribeiro, 25$00; Dr. Artur Ribeiro de Faria, 50$00; Comendador Manuel Ramos, 100$00; Eugénio & Novais, 20$00; Reinaldo & Guise, 20$00; Fernando Vilaça Ferreira (Lourenço Marques), 50$00; Dr. José Maria Castro Ferreira, 20$00; Manuel Fernandes Porto, 50$00; M. M., 20$00; A. E., 20$00; Anónimo, 50$00; Francisco Fernandes Guimarães, 50$00; Joaquim Alves Costa, 20$00; Doutor Gaspar José Machado, 20$00; Guilherme Fernandes Abreu, 20$00; Eng. Francisco Carvalho Jacinto, 20$00; F. Fernandes Guimarães (Porto), 50$00; António Ferreira Júnior (Lisboa), 20$00; Um Anónimo, 50$00; Em lembrança de Luís Filipe, 20$00; Ernesto Rebelo Magalhães (Viseu), 50$00; Cap. José M. Mota Freitas (Porto), 20$00; F. N. 20$00; Anónimo, 20$00; A. C. S. G., 20$00; Domingos Marques Ferreira, 20$00; Joaquim da Silva, 20$00; Bernardino Alves Marinho, 100$00; Joaquim da Silva Xavier, 20$00; Fernando Ribeiro Oliveira, 20$00; António José Oliveira, Filhos, 100$00; Manuel Mendes Oliveira, 50$00; Joaquim de Sousa Pinto, Sucr., 20$00; Domingos Alves Ferreira, 10$00; Pedro Sousa Carvalho, 20$00; José Magalhães, 5$00; Domingos Leite, 20$00; Doutor Carlos Saraiva, 20$00; Desembargador Dr. António Carneiro (Lisboa), 50$00; A. L., 20$00; Manuel António Branco, 20$00; Luís Correia Sousa Areias, 100$00; Domingos Francisco da Silva, 50$00; Professor José Neves (Porto), 20$00; Manuel Marques Lopes Barros, 20$; Raul Silva Almeida (S. João da Madeira), 20$00; Zita de Portugal, 20$00; E. J., 50$00; D. Júlia Jordão, 20$00; G., 10$00; António Alves Martins, 20$00; Manuel Martins Fernandes, 20$00; Fábrica de Pentes do Ribeirinho, 100$00; Avelino Ribeiro Abreu, 100$00; Padre José Fernandes Ribeiro, 50$00; Idem, por alma de seus pais, 50$00; José António Pinheiro, 10$00; Albino Rebelo, 20$00; Arnaldo Ribeiro Marques (Rio de Janeiro), 100$00; Casimiro A. Soares, 20$00; Vicente Ferreira, 20$00; Joaquim Pereira Soares, 20$00; Domingos Alberto Freitas (V.ª de Punhe), 20$00; X. X. 20$00; D. Maria Irene Cardoso Martins, 40$00 *(b)*; João Leite Oliveira, 20$00; Aníbal Miguel C. Neves (Sobral M. Agraço), 50$00; D. Rosa dos Remédios Cardoso (Lamego), 20$00; Dr. Alberto Pita Costa (Porto), 20$00; Anónimo, 20$00; Luís Gonzaga F. Carvalho, 20$00; Anónimo, 50$00; João António Ribeiro (Brasil), 50$00 *(c)*; Dr. Sebastião Lobo Cardoso Meneses, 40$00; João Ribeiro Silva e Castro, 20$00; Dr. Francisco Moreira Sampaio, 100$00 *(d)*; Dr. Alberto Moreira Sampaio, 100$00 *(d)*; J. A., 50$00; D. Maria da Luz Neves Soares, 20$; Adriano Fernandes, 20$00; José Maria Nunes, 20$00; Joaquim Alberto Cesar (Lisboa), 20$00; José Soares Moreira Guimarães (Porto), 20$00; Martinho de Moura (Braga), 20$00; Jerónimo Castro Silva Guimarães (L. Marques), 50$00; Asdrubal José Dias Pereira (Beira), 200$00; António Mendes Serrano, 50$00; Anónimo, por alma do Dr. Alfredo Pinto, 50$00; António Freitas Almeida (Maia), 20$00; Augusto Pinto Lisboa, Filhos, 100$00; Anónimo, 50$00; Carlos Alberto da Silva (Vila do Conde), 20$00; António Augusto Castro, 50$00; Angelo de Sousa S. Madureira, 50$00; Mário Cunha Almeida Ferreira, 20$00. *A transportar*, 14.820$00.

(a) Do mesmo nosso querido Amigo e generoso subscritor recebemos 1.000$00 para a Ceia de S. Crispim; *(b)* Por alma de seu saudoso marido; *(c)* Por alma de seus pai e sogro; *(d)* De cada um destes subscritores recebemos mais 50$00 para a Ceia de S. Crispim.

* * *

Prosseguiremos no próximo número a publicação dos donativos que temos continuado a receber.

* * *

Da Firma Freitas & Filhos, Ltd.ª recebemos 20 senhas para uma distribuição de agasalhos às crianças, feita pela Fábrica de Malhas «Friolax». — Agradecemos.

Conversando com o Sr. Zás-Zás

(Continuação da página 15)

sidade de «recorrer a um léxicon» (ou seja um dicionário), para se inteirar da significação dos termos «daltónicos e daltonismo», e de me contestar que «a tanto não chegam» os seus «conhecimentos», e que não possui «um diploma passado por escola superior», e de se ter visto na necessidade de desabafar num «valha-nos o dicionário nestas conjunturas»..., cabe-me dizer-lhe, Sr. Zé Brás, que eu não tenho culpa absolutamente nenhuma de o senhor ignorar isso nem de não se haver matriculado na Universidade, — da qual, porventura, pudera ser uma glória (o Sr. Zé Brás, é claro). Diz, ainda, que vai tratar de «daltónicos e daltonismo» ou o «crepúsculo dos deuses»: vamos todos nós, pois, ser testemunhas de alguma lição magistral de fisiologia ou coisa parecida, ou até de linguística, e também de alguma catástrofe verdadeiramente crepuscular. Sabe, a propósito, que também tenho um dicionário (ou um «léxicon»), o de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, Porto Editora (se desejar verificar), e posso igualmente acrescentar o que ele reza (Por Deus!, não me embirre lá com este *reza!*). Reza então assim: «*Daltónico* ou *Daltoniano*, que ou aquele que sofre de daltonismo; relativo ao daltonismo. *Daltonismo*, incapacidade de distinguir as cores, sobretudo o verde e o vermelho; falta de capacidade intelectual para compreender certos assuntos». (E aqui é que o senhor me vai apanhar, com certeza...).

O senhor diagnosticou-me «nervoso» e viu que eu *previ* que ia *descontrolar-me*. Um distinto clínico, o Sr. Zé Brás! Olhe: óptima ocasião para ir curar da «impertinente gripe» que «vem retendo no leito» o seu «confrade» Zás-Zás. Mas, além de clínico, é um penetrante psicólogo, e também um filólogo de fina capacidade de análise linguística, pelo que vejo. Os meus parabéns, por o ter descoberto! Pode, com justiça, lamentar-se de não ter frequentado uma Universidade; por mim, à falta de méritos pessoais meus, tenho de limitar-me a lamentar o valor que ela perdeu no Sr. Zé Brás.

ADRIANO NUNES DE ALMEIDA.

Bodos do Natal

No domingo de manhã e com a assistência da respectiva Direcção e Comando, e de representantes da Imprensa, fez-se, no Quartel dos B. V. a distribuição de um abundante Bodo aos componentes do Corpo Activo dos B. V. de Guimarães e famílias de voluntários já falecidos. Foram contemplados em elevado número.

* * *

Rotary Clube de Guimarães, dando cumprimento ao desejo dos seus componentes e no prosseguimento de uma tradição, mandou distribuir, por intermédio de algumas Instituições de Assistência da cidade, a avultada quantia de três mil escudos.

* * *

Com o Bodo do Governo Civil de Braga, foram contemplados, por ocasião do Natal, umas centenas de pobres do Concelho.

* * *

O Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado fez distribuir, na forma dos anos anteriores, e por altura do Natal, muitos e avultados donativos em dinheiro, géneros e agasalhos, por pobres do Concelho e pelas diversas Instituições de Beneficência do Concelho e de diversas localidades do País.

* * *

A tradicional *Consoada dos Pobres* no Albergue de S. Crispim, realizada no cumprimento de uma tradição secular, reuniu muitas centenas de pobres, distribuindo-lhes uma abundante refeição.

* * *

A Direcção da Associação Artística Vimaranense procedeu este ano e durante uma cerimónia que se efectuou no domingo, à distribuição de donativos a antigos associados pobres, tendo contemplado ainda os protegidos dos jornais locais.